



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ALINE JÉSSICA VILAS BOAS SOARES BERNARDES

**PROJETO DE LEITURA BIBLIOTECAS ESCOLARES:  
PALAVRAS ANDANTES -  
UM “EMPLASTO” DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ATO DE LER**

---

Londrina  
2021



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



---

Londrina  
2021

ALINE JÉSSICA VILAS BOAS SOARES BERNARDES

**PROJETO DE LEITURA BIBLIOTECAS ESCOLARES:  
PALAVRAS ANDANTES -  
UM “EMPLASTO” DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ATO DE LER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Sandra Aparecida Pires Franco.

Londrina  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

B522p Bernardes, Aline Jéssica Vilas Boas Soares .  
**PROJETO DE LEITURA BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES** : Um "Emplasto" de Democratização do Ato de Ler / Aline Jéssica Vilas Boas Soares Bernardes. - Londrina, 2021.  
186 f. : il.

Orientador: Sandra Aparecida Pires Franco.  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.  
Inclui bibliografia.

1. Educação. - Tese. 2. Ensino Fundamental - Tese. 3. Teoria Histórico-Cultural. - Tese. 4. Projeto de Leitura Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes. - Tese. I. Franco, Sandra Aparecida Pires . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

ALINE JÉSSICA VILAS BOAS SOARES BERNARDES

**PROJETO DE LEITURA BIBLIOTECAS ESCOLARES:  
PALAVRAS ANDANTES -  
UM “EMPLASTO” DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ATO DE LER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sandra Aparecida Pires  
Franco  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Elieuzza Aparecida de Lima  
Universidade Estadual Paulista- UNESP

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Silvia de Fátima Pilegi Rodrigues  
Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT

---

Prof. Dr. Rovilson José da Silva  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Adriana Regina de Jesus  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 11 de fevereiro de 2021.

*Dedico este trabalho a todas as crianças e em especial a minha doce Ana Thereza e os amados afilhados Talles e Isadora. A despeito das dificuldades e obstáculos do ensino, desejo que todos os pequenos encontrem as portas da leitura democrática escancaradas para elas.*

## AGRADECIMENTOS

Uma palavra resume os meus votos de gratidão: humanidade. Tive a sorte de deparar-me com pessoas tão especiais e preocupadas com o próximo. Sou testemunha de um processo de emancipação e desenvolvimento do sujeito por meio do ensino. Fiquei extremamente motivada na minha caminhada científica porque tive ao meu lado professores e pessoas que mais do que uma simples crença no ensino, são agentes de transformação social. Geraram em mim: necessidade de saber!

Agradeço a Deus por me manter forte durante todo o percurso do mestrado, por ser a rocha protetora da minha vida.

À minha doce filha Ana Thereza Vilas Boas Bernardes. O seu amor tornou-me um ser melhor. O meu trabalho não teria tanta entrega se não tivesse tamanha motivação. Você é a minha melhor “obra” e sempre será a maior defesa.

Ao meu esposo Ewerton Luiz Bernardes que trouxe leveza e me deu suporte nesta fase. Obrigada por acreditar em mim, ser o meu alicerce. Nada disso seria possível sem o seu apoio e amor.

À minha querida mãe Neide Tomáz Vilas Boas que sempre está comigo nos momentos difíceis. Me deu suporte nos dias hostis. Me colocou nos trilhos quando tudo parecia estar desmoronando.

Ao meu pai e meus irmãos que sempre me dão força. Grata pelas orações. Estendo o agradecimento aos familiares e amigos que sempre torceram e torcem por mim. Eu sinto-me enormemente amada e cuidada por vocês. Não caberia aqui nomear a todos.

À competente e sensível professora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Ap.<sup>a</sup> Pires Franco minha eterna gratidão. Acolheu a minha maternidade com ternura. O seu conhecimento, as suas provocações foram essenciais na minha formação.

Ao professor Prof. Dr. Rovilson José da Silva, componente da banca examinadora toda a minha admiração e respeito. Que suas “palavras” continuem a propagar oportunidades na vida de mais crianças e adultos.

Às professoras componentes da banca examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elieuzza Ap.<sup>a</sup> de Lima, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Regina de Jesus e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues agradeço pelas contribuições e carinho. Os saberes de vocês ajudaram muito no desenvolvimento do meu pensar teórico.

À CAPES pelo apoio financeiro.

*Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.*

(ASSIS, 1998, p. 753).

BERNARDES, Aline Jéssica Vilas Boas Soares. **Projeto de Leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*** - um “emplasto” de democratização do ato de ler. 2021. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

## RESUMO

Esta pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina e à Linha de Pesquisa Docência: Saberes e Práticas do núcleo Ação Docente, teve como aporte a problemática: o trabalho realizado nas bibliotecas escolares de Londrina, nas bases do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* têm contribuído para a formação de sujeitos para o ato de ler? O objetivo geral foi de analisar nas bases das categorias dialéticas fenômeno e essência o desenvolvimento do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* nas BEs - Bibliotecas Escolares do município de Londrina. O estudo dividiu-se em capítulos para tratar especificamente a) identificar o quadro da leitura no país elucidando o ato de ler e a importância do professor/mediador de leitura no processo de apropriação da linguagem; b) apresentar um panorama das bibliotecas ao longo da história no país e das BE – Biblioteca Escolar em específico na cidade de Londrina onde se desenvolve o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*; c) explicar os procedimentos metodológicos de bases teóricas materialistas utilizados ao longo da pesquisa para o desenvolvimento do estudo; e por fim, d) desvelar o objeto de estudo: *Palavras Andantes* em suas minúcias amparando-se na categoria dialética: Fenômeno e Essência. A metodologia consistiu na pesquisa qualitativa, de abordagem crítico-dialética com base nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético, na Teoria Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e gravações de áudio com: o responsável pelos cursos da Educação Continuada do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; com o idealizador do projeto e com PROBs (Professor Regente de Oficina de Biblioteca) que atuam em duas escolas pré-selecionadas mediante ao maior e menor valor informacional do IDEB. Nos resultados da pesquisa apresentam-se o confronto entre fenômeno e essência diante do trabalho do *Palavras Andantes* nas BEs de Londrina. Destacaram-se aspectos que reforçam a perspectiva do projeto em formar leitores em ação. Em contrapartida, pondera-se alguns fatores que interferem diretamente no desenvolvimento do trabalho e dificultam a formação do sujeito no ato de ler.

**Palavras-chave:** educação; ensino fundamental; projeto de leitura *bibliotecas escolares: palavras andantes*; biblioteca escolar; teoria histórico-cultural.

BERNARDES, Aline Jéssica Vilas Boas Soares. **Reading Project School Libraries: Words Andantes** - a “patch” of democratization of the act of reading. 2021. 184 f. Dissertation (Master’s degree in Education) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

## ABSTRACT

This research, linked to the Graduate Program in Education of State University of Londrina and to the Research Line Teaching: Knowledge and Practice of the center Teaching Action, had as contribution the problematic: the work developed in the school libraries of Londrina, in the bases of the reading School Libraries: Words Andantes” have contributed for the act about reading? The general purpose was to analyze, based on the dialectic categories, phenomenon and essence, the development of the reading project School Libraries: Words Andantes in BEs – Schools libraries in Londrina’s city. The study looked at the chapter to specifically a) identify the framework for reading in the country elucidating the act of reading and the importance of the reading teacher/ mediator in the process of language appropriation; b) present an overview of libraries throughout the history in the country and of BE – School Library in specific at Londrina city where the reading project is being developed: Words Andantes; c) explain the methodology procedures of theoretical materialistic bases used throughout the research for development of the study; and finally, d) expose the object of study: Words Andantes in details based on the dialectical category: Phenomenon and Essence. The methodology consisted of qualitative research, with a critical-dialectical approach based on the assumptions of Historical and Dialectical Materialism, Historical-Cultural Theory and Historical-Critical Pedagogy. The data were collected through semi-structured interviews through audio recordings with the person responsible for the Continuing Education courses in the reading project School Libraries: Andantes with the founder of the project and with PROBs (Regent Professor of Library Workshop) who work in two pre-selected schools through the highest and the lowest informational value of IDEB. The results of the research show the confrontation between phenomenon and essence in view of the work of Words Andantes in the BEs of Londrina. Aspects that reinforce the project's perspective in training readers in action were highlighted. On the other hand, some factors are considered that directly interfere in the development of work and hinder the formation of the subject in the act of reading.

**Keywords:** education. elementary school; reading project *school libraries: words andantes*; school library; historical-cultural theory.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Áreas do conhecimento das pesquisas.....	24
<b>Quadro 2</b> - Tipos de trabalhos.....	25
<b>Quadro 3</b> - Levantamento preliminar.....	26
<b>Quadro 4</b> - Questão 1.....	132
<b>Quadro 5</b> - Questão 3.....	134
<b>Quadro 6</b> - Questão 4.....	136
<b>Quadro 7</b> - Questão 5.....	139
<b>Quadro 8</b> - Questão 7.....	144
<b>Quadro 9</b> - Questão 8.....	147
<b>Quadro 10</b> - Questão 9.....	149
<b>Quadro 11</b> - Questão 10.....	151
<b>Quadro 12</b> - Confronto dialético do fenômeno e essência .....	158

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE	Biblioteca Escolar
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
HC	Hora do Conto
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.
PROB	Professor Regente de Oficina de Biblioteca.
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PNLE	Política Nacional de Leitura e Escrita
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
SME	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
UEL	Universidade Estadual de Londrina
ZDI	Zona de desenvolvimento iminente
ZDR	Zona de desenvolvimento real

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>A LEITURA DE MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA</b> .....	36
2.1	RETRATO DO LEITOR NO BRASIL .....	37
2.2	A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO ATO DE LER .....	45
2.3	O PAPEL DO PROFESSOR NA CONCEPÇÃO DO LEITOR .....	51
<b>3</b>	<b>BIBLIOTECAS: LEVANTAMENTO HISTÓRICO NO CONTEXTO BRASILEIRO E DE LONDRINA</b> .....	59
3.1	BIBLIOTECA NO CONTEXTO BRASILEIRO: UMA LINHA TEMPORAL .....	61
3.1.1	Brasil Colônia .....	61
3.1.2	Período da Independência .....	63
3.1.3	A Era Vargas e a Ditadura Militar .....	64
3.1.4	A Nova República: do Princípio à Atualidade.....	66
3.2	SURGIMENTO DAS BIBLIOTECAS EM LONDRINA .....	71
3.3	PRIMEIROS PASSOS DO PROJETO DE LEITURA <i>BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES</i> .....	77
3.4	O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE LEITURA <i>BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES</i> .....	82
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	90
4.1	O CENÁRIO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	92
4.2	INSTRUMENTOS E TÉCNICAS .....	97
4.3	PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COM BASE NA CATEGORIA DIALÉTICA: FENÔMENO E ESSÊNCIA .....	98
4.3.1	Categoria Dialética: Fenômeno e Essência .....	103
4.3.2	O Cerne da Metodologia da Pesquisa: Aproximações do Materialismo à obra do Realismo - <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> – Machado de Assis.....	106

<b>5</b>	<b>DA CATEGORIA DIALÉTICA FENÔMENO À ESSÊNCIA: ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS</b> .....	112
5.1	CATEGORIA DIALÉTICA FENÔMENO E ESSÊNCIA: APRECIÇÃO DOS FATOS COLETADOS SOBRE O <i>PALAVRAS ANDANTES</i> .....	113
5.1.1	Entrevista com o Idealizador e Coordenadora do Projeto .....	114
5.1.2	Entrevista com o PROB - Professor Regente de Oficina de Biblioteca.....	133
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	157
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	165
	<b>APÊNDICES</b> .....	176
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Idealizador e Coordenação).....	177
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (PROBs).....	179
	APÊNDICE C - Roteiro da Entrevista com idealizador do <i>Palavras Andantes</i> .....	181
	APÊNDICE D - Roteiro da Entrevista com a coordenadora do <i>Palavras Andantes</i> .....	182
	APÊNDICE E - Roteiro da Entrevista com as PROBs do <i>Palavras Andantes</i> .....	184

## 1 INTRODUÇÃO

*A franqueza é a primeira virtude de um defunto, pois na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças, obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência (ASSIS, 1998, p.209).*

A pesquisa em questão quer, como o protagonista do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, ter a franqueza de um “defunto”, podendo compreender os fenômenos que circundam o trabalho nas bases do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* realizado nas BEs - Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Londrina/PR desvelando a essência: como ele acontece nas BEs sobre a perspectiva dos profissionais a frente da proposta sendo o idealizador, a coordenadora e PROBs - Professor Regente de Oficina de Biblioteca. Esse processo dialético das contradições entre o que diz ser do projeto (fenômeno) e o que de fato é (essência) permite uma tomada de consciência sobre os aspectos internos no desenvolvimento do projeto (GAMBOA, 1998).

A escolha por epígrafes do *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis inaugurando cada capítulo e ao longo do texto se deu por dois motivos. Primeiro, a pesquisadora fora influenciada a realizar a leitura da obra no final da adolescência por uma mediadora de literatura, claramente apaixonada por livros. O interessante é que essa mediação aconteceu tardia já no início da Graduação. Nota-se que nas etapas de ensino anteriores a mediação de leitura também havia acontecido. No entanto, todos feitos sobre a obrigatoriedade de ler para fazer algo depois. Nenhuma dessas leituras cobradas marcaram ou a tornaram leitora. Tivera a sorte de encontrar uma professora preparada para romper os limites da leitura decodificação. A indicação com brilho nos olhos de algo desconhecido gerou a necessidade de beber da mesma água que a mediadora. A pesquisadora fora acometida pelo desejo e assim deu pé a sua formação leitora aos dezessete anos.

O segundo intento refere-se ao enredo da obra marcada por uma época de nítida divisão de classes. Na pirâmide encontram-se nas bases os escravos, comerciantes e agricultores responsáveis pelo trabalho e sustento da elite

e governantes. Na atualidade, tal segregação é desvelada. A alienação tomou frente à verdade na organização da sociedade, a qual reconhece no teor desta pesquisa possível de ser rompida por meio da leitura viva, em movimentos da prática social, o que difere do ler apenas como decodificação de signos. Precede o estado da inércia e gera transformação social e cultural do sujeito e do mundo que o cerca.

O termo “emplasto” trazido no título desta dissertação faz menção à invenção do protagonista Brás Cubas da obra machadiana. O medicamento é “[...] destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (ASSIS, 1998, p. 22). Cubas padeceu sem emplacar tal remédio. Morrera de pneumonia antes de curar sua própria melancolia. Diferente de uma poção miraculosa para curar os hipocondríacos, o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* “trata” de todas as crianças das Escolas Municipais londrinense dando a oportunidade de desbravar a leitura que vai além do acesso aos livros. A proposta objetiva a “prevenção” de sujeitos alienados diante de ações que impulsionam uma leitura viva e em movimento.

Nas epígrafes do texto, destaca-se a ironia expressa ao longo de todo enredo da história contada sem esconder as hipocrisias da divisão de classes. A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pertence ao movimento da escola literária do Realismo<sup>1</sup> empenhada em apresentar a essência da realidade, reagindo ao subjetivismo do Romantismo. A literatura no realismo não se prende mais a leitura “distração” passa a ser um meio de crítica a temas sociais. Nesse sentido, a obra machadiana se aproxima do estudo em questão, porque a intenção da investigação nas bases teóricas materialistas, em especial na reflexão científica da categoria dialética fenômeno e essência, é de desvelar a realidade diante das proposições do *Palavras Andantes*, assim como o período literário do Realismo.

A preocupação da pesquisadora enquanto educadora sobre a mediação da leitura comprometida em formar leitores em ação gerou a força motriz para execução desse trabalho, tendo como objetivo geral de analisar nas bases das categorias dialéticas fenômeno e essência o desenvolvimento do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* nas BEs - Bibliotecas Escolares do

---

<sup>1</sup> O Realismo foi um movimento artístico do final do século XIX. Preocupado e retratar a realidade como ela é se contrapôs ao estilo anterior o Romantismo. No capítulo 4. *Procedimentos Metodológicos da Pesquisa de Campo* será discutido o Realismo e a escolha para compor as epígrafes e alguns trechos do texto da obra machadiana *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

município de Londrina. O *Palavras Andantes*<sup>2</sup> é um trabalho desenvolvido nas BEs de Londrina desde 2002. Diante de escolas sem bibliotecas ou com o espaço, mas com portas fechadas o Prof. Rovilson José da Silva mediador de leitura na rede municipal repensou a BE da instituição em que atuava e seu trabalho chamou a atenção da SME – Secretaria Municipal de Educação, que o convidou a estender a proposta as 87 escolas da cidade. O *Palavras Andantes* se ampara em quatro pilares que descrevem basicamente o que é: 1º Formação Continuada<sup>3</sup> do professor que medeia a leitura literária na escola; 2º Realização semanal da Hora do Conto; 3º Ampliação do acervo e empréstimo; 4º Readequação pedagógica e arquitetônica da biblioteca escolar (SILVA, 2006).

Diante do que propõe o *Palavras Andantes* arguiu-se o seguinte problema a ser discutido nesta dissertação: o trabalho realizado nas bibliotecas escolares de Londrina, nas bases do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* têm contribuído para a formação de sujeitos para o ato de ler? A fim de debater tal problemática e alcançar o objetivo geral os capítulos foram organizados tratando dos objetivos específicos sendo de a) identificar o quadro da leitura no país elucidando o ato de ler e a importância do professor/mediador de leitura no processo de apropriação da linguagem.

Esse objetivo foi tratado no capítulo 2 – *A leitura de mundo precede a leitura da palavra* pontuando o retrato do leitor no Brasil apresentando um cenário diante de dados de pesquisas acerca da leitura, condições socioeconômicas inferiores a países desenvolvidos (INEP-MEC, 2018) e a falta de políticas públicas de fomento a leitura para além do acesso aos livros e de longo prazo (FAILLA, 2016). Diante desse problema é primordial que a escola nas bases da Teoria Histórico-Cultural forme sujeitos para o ato de ler que reflete a humanização, desenvolvimento social, cultural e histórico do homem. É fundamental ter acesso livre aos livros, uma biblioteca para mediação da leitura e um profissional preparado

---

<sup>2</sup> Ao longo da dissertação o nome do *Projeto Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* será referenciado apenas como *Palavras Andantes*, porque ele é reconhecido em sua maioria por essa nomenclatura abreviada.

<sup>3</sup> Optou-se por substituir o termo *Formação Continuada* por *Educação Continuada*, visto que tal terminologia representa uma abordagem científica mais aceita atualmente por focalizar no processo educativo do profissional do magistério (MARIN, 2019). Em alguns momentos a palavra “formação” será utilizada, porque assim é denominada no teor do projeto *Palavras Andantes*.

para tal função (SILVA, 2006). O papel do mediador nesse processo emancipatório é primordial para a apropriação da leitura consciente (VIGOTSKI, 1993).

O segundo objetivo específico foi de b) apresentar um panorama das bibliotecas ao longo da história no país e das BE – Biblioteca Escolar em específico na cidade de Londrina onde desenvolve-se o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*. Ao longo da escrita do capítulo 3 foram discutidos o contexto nacional das bibliotecas de modo geral e a criação e desenvolvimento do projeto de fomento a leitura nas BE da rede municipal londrinense.

As bibliotecas no contexto nacional expressam uma história marcada pela descontinuidade (SAVIANI, 2009). Várias políticas públicas foram apresentadas sendo que a grande maioria foi interrompida ou substituída. O foco principal dessas ações paira muito mais sobre a disseminação de livros nas escolas denominado como “acesso”. No entanto, para garantir acesso não basta distribuir livros, principalmente em comunidades mais carentes onde não há biblioteca pública. Precisa ter biblioteca escolar para aproximar as crianças das classes menos abastadas da cultura erudita expressa nos livros (SILVA, 2006; SAVIANI, 2011).

No Brasil apenas 25% das escolas têm biblioteca. As condições físicas, de recurso humano e pedagógico, bem como o acesso livre das crianças a BE dessa pequena parcela de instituição de ensino que tem biblioteca, é incerto (ÓRIA, 2017). A preocupação que se instaurou nessa pesquisa foi de: como formar sujeitos no ato de ler sem acesso a livros? E por que só ter a disposição materiais não garante a imersão das crianças a apropriação e objetivação da leitura? Formar leitores em ação requer uma BE com estrutura física e pedagógica, aberta e que empreste os materiais de leitura de qualidade e atualizados. Um espaço onde os alunos possam circular livremente, escolher livros com a ajuda de um mediador em Educação Contínua.

O projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* da cidade de Londrina prevê tais medidas descritas acima. Diferente no quadro geral das instituições de ensino do país, 84 de 87 escolas públicas e municipais contam com: biblioteca escolar em readequação arquitetônica e pedagógica, um mediador de leitura literária em Educação Continuada, Hora do Conto semanal, acervo em processo de atualização e a realização de empréstimo. Um trabalho que vem

democratizando<sup>4</sup> a leitura na escola pública. No capítulo 3, após apresentar um panorama geral das bibliotecas no contexto nacional e municipal destaca-se a criação e desenvolvimento do projeto de fomento a leitura nas BE da rede municipal londrinense desde 2002.

É importante dizer que durante a apuração deste estudo, nos anos de 2019 ao início de 2021, o mundo deparou-se com a pandemia do Covid-19 e isso mudou toda a questão das relações sociais, o que interferiu nos direcionamentos das instituições de ensino de modo geral. O vírus SARS-CoV-2 é altamente transmissível diante do contato próximo a pessoa contaminada e de variações que vão de infecções assintomáticas a quadros graves. Como se trata de uma doença nova de reações adversas, de tratamento, cura e vacina em estudo em todo o mundo o melhor a se fazer é manter o afastamento social (BRASIL, 2020b).

As medidas de proteção exigem um distanciamento entre as pessoas, o não compartilhamento de objetos de uso pessoal, lavar bem mãos com frequência ou higienizá-las e o uso de máscaras em todos os ambientes. Por isso, desde março de 2020 todas as instituições de ensino no país fecharam as suas portas e passaram a realizar um “ensino remoto” como uma espécie de EaD – Ensino a distância. As relações entre aluno-professor-objeto estão limitadas. Esse tipo de modalidade exige das crianças a alfabetização acerca das mídias, recursos como computador, tablet ou celular com acesso à internet, mas essa não é a realidade de muitos brasileirinhos (SAVIANI, 2020).

Nas escolas municipais londrinense o ensino também tem sido remoto. No caso das BEs, os livros foram guardados para evitar o contágio. As mediações estão sendo feitas por meio digital. As PROBs têm indicado a leitura de materiais eletrônicos. As crianças sem acesso às mídias podem buscar nas escolas materiais de estudo impresso e individualizados. No entanto, o empréstimo de livros na BE foi interrompido (LONDRINA, 2020c).

---

<sup>4</sup> A democratização da educação com base em Saviani (2018) é entendida como o acesso à escolarização pela maioria da população com ensino de qualidade: a apropriação dos conhecimentos eruditos sistematizados. Saviani (2018) superando teorias não-crítica, crítico-reprodutivista e a necessidade de uma teoria educacional que fosse além desses limites, deu corpo a nova teoria “Para além da curvatura da vara” (não basta curva o sujeito ao conhecimento. É fundamental curv-lo as contradições da empiria ao científico afim de endireitá-la). Em 1984 a teoria foi nomeada como a Teoria Histórico-Crítico. O núcleo básico dessa teoria educacional alicerça-se nos fundamentos do materialismo histórico-dialético. A escola representa o espaço de transformação social do sujeito pela apropriação mediada dos saberes elaborados SAVIANI (2018).

Posteriormente, a pesquisa voltou-se ao objetivo de c) explicar os procedimentos metodológicos de bases teóricas materialistas utilizados ao longo da pesquisa para o desenvolvimento do estudo. No capítulo 4 este objetivo foi abordado trazendo o cenário e participantes da investigação, instrumentos e técnicas e os procedimentos de produção e análise dos dados com base na categoria dialética: Fenômeno e Essência, por reconhecer nela a possibilidade de vislumbrar a realidade na totalidade em suas múltiplas determinações (GAMBOA, 1998; NETTO, 2011).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes da pesquisa sendo eles o idealizador do projeto Prof. Rovilson José da Silva<sup>5</sup>, a coordenadora Virgília<sup>6</sup> e as PROBs - Professor Regente de Oficina de Biblioteca: D. Plácida: PROB1; Sabina: PROB2; que atuam na escola “B” com menor IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e Nhã-Loló: PROB3 e Eugênia: PROB4 que trabalham na escola “A” com maior IDEB. Elas medeiam leitura nas BEs de duas instituições de ensino públicas selecionadas pelo maior e o menor resultado do valor informacional do IDEB-Índice de desenvolvimento da Educação Básica da Rede Municipal de Londrina<sup>7</sup>.

O Prof. Rovilson José da Silva atuava como mediador de leitura com a HC – Hora do Conto em uma BE – Biblioteca Escolar de Londrina quando julgou necessário algumas mudanças para fomentar a leitura para as crianças da escola em que atuava. O professor desenvolveu um projeto para reformular a BE. A SME - Secretaria Municipal de Educação de Londrina aprovou e o convidou para estender a proposta de efetivar o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* em toda a Rede Municipal de ensino de 1ª a 4ª série na época, hoje 1º ao 5º ano (SILVA, 2006).

O idealizador esteve à frente do projeto de 2002 a meados de 2009. As 87 escolas da rede participam do *Palavras Andantes*. Durante este período o Prof. Rovilson visitou as BEs, foi registrando, pesquisando e desenvolvendo o trabalho pautado nos quatro pilares do projeto já mencionados anteriormente (SILVA, 2006). Hoje o idealizador é um parceiro do *Palavras Andantes*. Atuando

---

<sup>5</sup> O idealizador do projeto permitiu que a sua identidade fosse apresentada.

<sup>6</sup> Os nomes dos participantes da pesquisa foram alterados por personagens de Memórias Póstumas de Brás Cubas, sem qualquer referência ou relação com o pesquisado. Denominou-se assim para resguardar a identidade dos participantes: **VIRGÍLIA**: coordenadora; **D. PLÁCIDA**: PROB1; **SABINA**: PROB2; **NHÃ-LOLÓ**: PROB3 e **EUGÊNIA**: PROB4.

<sup>7</sup> As escolas foram referenciadas como ESCOLA “A” a de maior IDEB e ESCOLA “B” a de menor IDEB

como professor universitário promove discussões na academia acerca do fomento a leitura nas BEs, participa quando convidado dos encontros, desenvolve pesquisas, busca colaboradores da área de biblioteconomia, entre outros, para melhorar as proposições do projeto.

Depois da saída do Prof. Rovilson “a convite”, entre 2009 e até junho de 2010, o projeto ficou à deriva. A comoção pública impulsionou a retomada do trabalho premiado pelo *Vivaleitura* em 2008. Os jornais e rádios questionavam a extinção de um projeto reconhecido e premiado nacionalmente. A Virgília passou a ser coordenadora do *Palavras Andantes* de 2010 a 2019. Assim como o Prof. Rovilson ela também era mediadora de leitura na BE e continuou com muito zelo o trabalho nas bases dos quatro pilares do *Palavras Andantes* (VIRGÍLIA).

Todos os participantes da pesquisa assinaram antes das entrevistas o TCLE<sup>8</sup> - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, afirmando estarem de acordo com a coleta de informações da investigação. O projeto base da investigação em questão passou pela avaliação documental e científica do CEP – Comitê de Ética em Pesquisa. O documento fora aprovado pelo Parecer Consubstanciado identificado com número: 3.813.987.

A pesquisa pautou-se na categoria dialética fenômeno e essência na busca por trazer à tona como se dá o trabalho de formação de sujeitos leitores nas BEs de Londrina, diante dos encaminhamentos realizados pelas PROBs confrontados com as proposições do projeto. Isso porque a realidade se dá em fenômenos e para compreendê-los é preciso percorrer um caminho que vai dos fatos a essência, ou seja, aquilo que não está revelado. O que se esconde em estruturas internas e o caráter específico do objeto em si, só pode ser contemplado nesse movimento dialético (GAMBOA, 1998).

Os fenômenos expressam a realidade oculta no “mundo das aparências”. A essência só pode ser desvendada diante da observação do objeto em si, em seu acontecimento real. Vislumbrar a essência dos fenômenos é compreender o conteúdo trabalhado e a forma que se desdobra para alcançar o destinatário (CHEPTULIN, 1982; GAMBOA, 1998). Como Brás Cubas, mas sem a inércia brasubina, tomamos a postura de “defunto” podendo falar a verdade. Preocupados em desmascarar as aparências a pesquisa debruçou-se sobre

---

<sup>8</sup> O modelo dos TCLE consta em apêndice no final do trabalho.

reconhecer as minúcias do *Palavras Andantes* destacando o peso do projeto na formação de sujeitos no ato de ler.

O capítulo seguinte tratou o objetivo de d) desvelar o objeto de estudo: *Palavras Andantes*, em suas minúcias amparando-se na categoria dialética: Fenômeno e Essência. Com base nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético, na Teoria Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica por entender a grande contribuição teórica destas vertentes, na concepção do homem histórico e social, desenvolvido para apropriar-se da cultura acumulada e objetivá-la em suas relações sociais (DUARTE, 2001; NETTO, 2011; MARX, 2011; MARTINS, 2016; SAVIANI, 2016).

O fenômeno entendido como as proposições teóricas e metodológicas no cerne do projeto daquilo que diz ser foram discutidas as entrevistas dos sujeitos a frente do *Palavras Andantes*: o idealizador Prof. Rovilson José da Silva e a coordenadora Virgília. O confronto dos fatos, tão preconizado nas categorias materialistas, se deu no apreço das entrevistas com as PROBs, onde vislumbrou-se a essência.

Nos resultados da pesquisa apresentam-se o confronto entre fenômeno e essência diante do trabalho do *Palavras Andantes* nas BEs de Londrina. Destacaram-se aspectos que reforçam a perspectiva do projeto em formar leitores em ação representando a democratização da leitura literária tendo na Escola Pública Municipal com mediador de leitura em Educação Continuada, BE aberta e acervo de qualidade.

Em contrapartida, ponderam-se alguns fatores que interferem diretamente no desenvolvimento do trabalho e dificultam a formação do sujeito no ato de ler. Tais como: a falta de política de compra de acervos, sobrecarga de trabalho dos PROBs, o curto tempo para realizar empréstimo, devolução, mediação, a pedagogização da leitura com atividades que em nada favorecem a formação do leitor e a possível descontinuidade do projeto a cada nova gestão representam as contradições do *Palavras Andantes*.

### **Um levantamento preliminar como ponto de partida da pesquisa**

Para conhecer o que já foi produzido acerca da temática desta investigação, recorreu-se a pesquisa bibliográfica em dados quantitativos pela

plataforma Google Acadêmico. O levantamento preliminar possibilitou o rastreamento de trabalhos científicos concluídos dando um norte sobre os caminhos a serem seguidos nesta pesquisa e “[...] verificando quais os problemas que não foram pesquisados” (GIL, 2008, p. 35).

A apreciação dos resultados de tal busca dão substratos ao pesquisador sobre os caminhos que ainda foram pouco trilhados ou nada explorados. É possível também conceber o amadurecimento científico sobre o objeto de estudos. Assim, justifica-se a importância de olhar para o passado, estabelecendo conjecturas, ampliando as discussões e apontando novas direções (GIL, 2008).

O mapeamento teórico acerca da temática de estudos que envolve em suma o trabalho do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* foi feito mediante pesquisa na base de dados do Google Acadêmico com o uso de filtros que permitem o refinamento das informações coletadas (GIL, 2008). Compreendendo abrangência de referenciais da plataforma alguns descritores foram usados. O primeiro descritor utilizado foi o “projeto de leitura”, aproximadamente 4.600 títulos foram relacionados a esse assunto. Diminuiu para 2.450 limitando o período dos trabalhos publicados nos últimos 5 anos. Diante da abrangência outro descritor fora adicionado composto por “projeto de leitura” and “mediação de leitura” resultando em 200 trabalhos.

A fim de aproximar ainda mais a busca dos dados da pesquisa em questão, os descritores “biblioteca escolar” and “ato de ler” refinando para 101 e 79 respectivamente. As citações relacionadas aos descritores foram excluídas, porque na leitura dos cinco primeiros resumos das pesquisas selecionadas por esse filtro não atendiam os interesses desta investigação. Ao final, 67 trabalhos foram classificados. Optou-se por realizar a leitura dos resumos dos textos.

A contemplação de outros trechos de alguns trabalhos, fora necessária pela falta de elementos elucidativos acerca do objeto de estudos da pesquisa descritas no resumo. Os focos eram diversos no campo da leitura: como estratégia, mediação, formação de professores, alfabetização, tipos de leitura, suportes, habilidades, fluência, interpretação, projeto de leitura, biblioteca escolar, oficinas de leitura dentre tantas outras questões, pautadas em conceitos metodológicos que condizem ou não com essa pesquisa.

Estudos quanto à formação de leitores em espaços informais: praças, centros culturais, online e clube do livro foram classificados pelos descritores utilizados. Grande parte em formato de oficina apresentando certa fragilidade quanto à continuidade do seu desenvolvimento, mesmo sendo propostas relevantes e direcionadas à formação do leitor para o ato. Por este fato, tais trabalhos foram descartados. A vulnerabilidade em propostas em espaços informais ressalta a importância de espaços formais de leitura como a biblioteca escolar estruturada para atender o seu público-alvo, com projetos sólidos e de longo prazo, formação dos profissionais mediadores da ação leitora e leituras de qualidade, com espaço, recurso físico, pedagógico e arquitetônico que favoreçam o ato de ler.

Um dado encontrado em diversas pesquisas, descartadas para análise de seu conteúdo pelo tema norteador dos trabalhos não corresponderem aos interesses do estudo em questão, é de que boa parte das BEs não realizam um trabalho integrado de projeto de leitura, com formação dos profissionais, mediação de leitura e empréstimo. Os resultados destas pesquisas apontam que muitas instituições agem de modo individual com: oficinas ou propostas de intervenção de curto prazo, sem que haja formação específica do responsável pela mediação de leitura. Algumas discussões tratavam do uso e exploração da biblioteca por parte dos regentes e, em especial, do contato dos alunos exigindo deles autonomia.

Outro dado relevante que justifica a exclusão de alguns trabalhos selecionados é o modo como a leitura é tratada como instrumento de aprendizagem, em que a função primeira dos autores, era a de desenvolver a leitura e o pensamento crítico. Mas no conjunto das proposições apresentadas é possível vislumbrar estratégias de leitura encaminhadas para o *aprender a aprender* da leitura, sobre a justificativa de dominar o código linguístico. O estudo da língua limitado em si mesmo e não para apropriação e objetivação da ação leitora, como prática social e humanizadora (DUARTE, 2001)

Em algumas destas pesquisas o sentido dado à leitura paira sobre o utilitarismo (PERROTTI, 1986; SOARES, 2011). Trazem a leitura no discurso como erradicadora de desigualdade social e transformação dos homens. No entanto, apresentam um pensamento reducionista limitando a leitura à decodificação da língua. É nítido na abordagem teórica rasa voltada à mecanicidade da leitura servindo apenas como instrumento escolar de ensino. Os textos que apontaram tais encaminhamentos eram trabalhos de conclusão de curso e monografias. Talvez a

imaturidade teórica pela qual todos passam no processo acadêmico expliquem essas abordagens limitadas a reconhecer a língua apenas como signos a serem decifrados, esquecendo o teor interno da escrita.

Em contrapartida, um quesito quase que unânime dentre todos os trabalhos encontrados com os descritores: "projeto de leitura" and "mediação de leitura" and "biblioteca escolar" and "ato de ler", repousa sobre a formação de leitores no ato de ler com textos literários. Ainda que não descrito em todos os textos de forma concisa, o reconhecimento do valor estético, humanizador, emancipatório, histórico e social presente na arte literária ficou evidente diante das discussões levantadas nessas produções, que apresentaram a intencionalidade de formar leitores críticos, conscientes e reflexivos (LUKÁCS,1965).

Usando os descritores acima citados, 13 trabalhos foram selecionados para análise de seu teor teórico e metodológico. Abaixo apresenta-se o Quadro 1 separando os textos científicos por área do conhecimento:

**Quadro 1:** Áreas do conhecimento das pesquisas

Áreas do conhecimento	Quantidade
Biblioteconomia	2
Ciência da Informação	3
Letras	4
Pedagogia/Educação	4

**Fonte:** Base do Google Acadêmico (2020)

O estudo acerca de biblioteca escolar e mediação de leitura repousa sobre as quatro áreas do conhecimento mencionadas no Quadro 1. Na apreciação dos trabalhos elencados para o levantamento preliminar a realidade é: onde há um bibliotecário não há um professor mediador formado por bases pedagógicas. Como se a atuação de tais profissionais fossem as mesmas.

Nas BEs de Londrina só atuam professores. Nas 87 escolas da rede municipal não há nenhum bibliotecário. Vale apontar que o curso de Biblioteconomia abre todos os anos uma turma com 50 alunos na UEL-Universidade Estadual de Londrina em curso presencial (UEL, 2020) e na instituição de ensino UNIASSELVI-Centro Universitário Leonardo da Vinci na modalidade EaD – Ensino a distância. O

número de alunos não é mencionado na plataforma da instituição (UNIASSELVI, 2020). Ou seja, profissionais formados para atuar na biblioteca há, o que falta é contratá-los.

Na sequência, no Quadro 2 apresenta os tipos de trabalhos classificados no levantamento preliminar. Mais da metade das pesquisas são dissertações divididas entre as áreas de letras, educação, biblioteconomia e ciência da informação.

**Quadro 2:** Tipos de trabalhos

Tipos de trabalhos	Quantidade
Dissertações	8
Monografias	4
Trabalhos de Conclusão de Curso	1

**Fonte:** Base do Google Acadêmico (2020).

Ao analisar mais a fundo tais trabalhos, foi possível evidenciar vários projetos de mediação de leitura na BE realizado de modo individualizado. De modo geral, alguns trazem proposições de projeto de leitura em uma turma específica dentro de uma instituição de ensino. Outras abordam a integração com todas as classes dentro de uma mesma escola. Projetos que abarcam todas as instituições de ensino da rede municipal ou estadual só foi encontrado em pesquisas referentes à cidade de Londrina com o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*, proposta sobre a qual desenvolveu-se essa investigação. Vale frisar, na apreciação do levantamento preliminar, que nenhum filtro delimitou a localidade de onde realizaram-se as pesquisas sendo classificado pelos descritores já citados trabalhos da região sul, centro-oeste e norte do país.

Para melhor compor a análise do levantamento preliminar, os trabalhos selecionados foram separados por pesquisas de projetos de leitura em: A) *a falta de projeto de leitura* e B) *a análise de projetos de leitura desenvolvidos em bibliotecas* subdividido em B.1) *projetos individualizados: realizados em uma instituição de ensino em específico*; B.2) *projetos integrados, desenvolvidos em todas as escolas da rede municipal*. Para melhor organização apresenta-se no Quadro 3 os títulos e autores dos trabalhos.

Quadro 3 – Levantamento preliminar

Tipos de pesquisa	Trabalhos selecionados no levantamento preliminar	
<b>A) falta de um projeto de leitura</b>	<p>1. Além das prateleiras: olhares investigativos sobre a função da biblioteca escolar Dr. Carlos Gomes da Silva (2016) de DIAS, Ariane Cordeiro de Macêdo e SANTOS, Mirthis Novaes de Jesus;</p> <p>2. A leitura no espaço escolar: o caso da biblioteca Professor Ignácio Rangel (2018) de SILVA, Erikson Rodrigues da;</p> <p>3. Bibliotecas Públicas e Escolares da cidade de Cornélio Procópio – PR: Desafios dos Mediadores de Leitura para a formação de leitores (2016) de MELLO, Ana Carolina de Azevedo;</p> <p>4. A Biblioteca Escolar e a Literatura no processo de ensino da leitura para alunos do 3º ano do ensino fundamental (2019) de SANTOS, Lorena Alves;</p> <p>5. Letramento Literário e Bibliotecas Escolares: uma pesquisa exploratória no município de Ouro Preto (2018) de CAMPOS, Cleide de Araújo; e</p> <p>6. Tempo para o letramento literário: uma proposta de leitura na biblioteca escolar (2016) de TEIXEIRA, Ana Claudia Costa de Aquino.</p>	
<b>B) a análise de projetos de leitura desenvolvidos em bibliotecas</b>	<b>B.1) projetos individualizados: realizados em uma instituição de ensino em específico;</b>	<p>1. A importância da biblioteca escolar na formação de leitores de SOUZA, Solange da Silva;</p> <p>2. “Sobre os ombros de gigantes, as nossas crianças crescem”: a mediação de leitura no cenário da biblioteca escolar de SILVA, Silvana Silva da;</p> <p>3. Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar: um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI) de CARVALHO, Caroline Lago de;</p> <p>4. A Biblioteca escolas nos projetos de leitura nas escolas que obtiveram os melhores resultados do ENEM de ESTELA, Flor de Maria Silvestre.</p>
	<b>B.2) projetos integrados, desenvolvidos em todas as escolas da rede municipal</b>	<p>5. O “Projeto Sala de Leitura” e a formação de leitores em uma escola pública da cidade de Belém-Pará de SILVA, Paulo Demetrio Pomares da;</p> <p>6. A Arte de contar histórias: O Professor Mediador da Leitura no Projeto Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes de DEL GROSSI, Edy Simone; e</p> <p>7. A mediação em projetos de incentivo à leitura: a apropriação da informação para construção do conhecimento e do pensamento crítico de OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo de.</p>

Fonte: Base do Google Acadêmico (2020)

Na classificação de trabalhos que discutem: A) *a falta de projeto de leitura*, apresentam-se seis resultados. Fruto de investigações direcionadas a conhecer os encaminhamentos na área da leitura em instituições de ensino. Esses

trabalhos levantam a realidade da BE, utilizada por vezes apenas como “depósito” de livros.

Os trabalhos de Mello (2016), Teixeira (2016) e Campos (2018) apresentaram em suas pesquisas a BE como local reconhecido pelos alunos como “chato”, aonde eles vão para pesquisar e emprestar livros. O silêncio dos alunos, “estado de quem se cala ou se abstém de falar” (SILÊNCIO, 2019) impera em absoluto nas bibliotecas descritas dessas pesquisas. Não são ouvidas as necessidades dos alunos. O responsável pelo espaço está ali apenas para zelar dos livros. Ainda que essa também seja uma tarefa importante, cuidar dos materiais de leitura não pode ser a única atividade do responsável da BE (SILVA, 2006).

A necessidade de haver um projeto de leitura na BE atendendo todas as turmas da instituição de ensino citadas nas respectivas pesquisas. No entanto, nenhuma apontou o projeto de leitura contemplando todas as escolas da cidade a qual pertencem. Todos referem-se à intenção de propor projetos individuais desenvolvidos apenas em uma unidade de ensino (DIAS; SANTOS, 2016; MELLO, 2016; TEIXEIRA, 2016; CAMPOS, 2018; SILVA, 2018; SANTOS, 2019).

Reconhecendo a autonomia das escolas em propor trabalhos para melhor responder às especificidades do público que atendem justificaria pensar projetos individuais. No entanto, a biblioteca não pode ser vista como isolada no processo de formação dos alunos. A integração das escolas voltadas ao mesmo propósito: dar acesso à leitura e formar leitores, pensando no espaço organizado para tal e profissionais mediadores de leitura em formação contínua dá base a concepção de sujeito no ato de ler (SILVA, 2006).

Na classificação de trabalhos voltados a B) *análise de projetos de leitura desenvolvidos em bibliotecas* corresponde a 7 trabalhos que podem ser subdivididos sendo: B.1) 4 *projetos individualizados: realizados em uma instituição de ensino em específico*; B.2) 3 *projetos integrados, desenvolvidos em todas as escolas da rede municipal*. Justifica-se essa classificação para a compreensão das fragilidades e potencialidade de cada proposição.

Nos 4 textos com B.1) *projetos individualizados*, dois são na área da ciência da informação, um de biblioteconomia e um em educação. Dentre eles: duas dissertações, uma monografia e um trabalho de conclusão de curso. Foi possível verificar a intencionalidade em todos de desenvolver a leitura dos alunos. A literatura apresenta-se nessas propostas, como protagonista no processo. Os projetos

descritos nesses trabalhos envolvem todas as turmas da escola, da pré-escola à segunda etapa do fundamental, e em uma delas seu atendimento limita-se ao ensino médio. O acesso à leitura é arguido em todas as produções.

A monografia, escrita na área da biblioteconomia intitulada: *Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar: um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI) de, Caroline Lago de Carvalho*, apresenta a necessidade deste profissional especializado atuar nas BE, como parceiro do professor. O responsável pela biblioteca é um pedagogo sem formação complementar. A instituição de ensino abordada conta com a proposta *Projeto Literário*. O acervo é atualizado e abundante. Atividades do projeto são: HC-Hora do Conto: com contação de histórias mediadas pela bibliotecária ou pelas crianças; empréstimos; leitura silenciosa; clube do livro: todos os alunos leem a mesma história e discussão de obras lidas.

O momento da HC na BE é nomeado como aula de literatura. No entanto, em uma busca rápida usando o recurso CTRL+F no texto o termo literatura aparece para referenciar a educadora responsável pela aula, a revisão teórica do trabalho e há obras desse segmento. Apesar de conter uma seção destinada ao ato de ler, pode-se vislumbrar na leitura desse trecho do trabalho e do capítulo referente ao projeto desenvolvido na escola, a leitura com um viés utilitarista. Tal encaminhamento deturpa o valor estético das obras literárias. A dissecação do texto para o estudo da língua (PERROTTI, 1986; SOARES, 2011).

É importante esclarecer, o texto literário é fonte de conhecimento erudito. A crítica repousa na didatização de obras. A literatura tratada como manual de receitas prontas servindo a todo e qualquer público. O conteúdo da história em si pode ser mediado para romper com a alienação e na apreciação dos elementos semânticos, gramaticais e ortográficos do texto. O que está em voga é a forma. Essa não pode servir à língua em detrimento a sua riqueza estética. Forma e conteúdo estão intimamente ligados na obra literária. Trabalhá-la de modo segmentado desconfigura o seu caráter emancipatório (PERROTTI, 1986; SOARES, 2011).

Tal discussão é proposta em uma das dissertações na área da educação: *A importância da biblioteca escolar na formação de leitores de Solange da Silva de Souza*. O projeto analisado neste estudo é intitulado: *A leitura literária na escola*. Nessa produção científica, a defesa a leitura literária para formar leitores no ato de ler tem um capítulo reservado. No entanto, o autor em sua investigação

deparou-se com atividades descontextualizadas da literatura. Ler com o pretexto para realizar tarefas fragmentadas (PERROTTI, 1986; LAJOLO, 1991). Em seus resultados aponta novos encaminhamentos a leitura. A BE onde acontece essa proposta teve o espaço reformulado arquitetonicamente para melhor atender o público. Sem bibliotecários formados, a Secretaria de Educação realizou uma formação específica quanto à funcionalidade, organização e conservação do espaço para profissionais que atuam na BE de toda a rede de ensino. A mediação da leitura e aspectos voltados à concepção do leitor não foram contemplados neste curso.

A outra dissertação, realizada no campo da Ciência da Informação: *A Biblioteca escolas nos projetos de leitura nas escolas que obtiveram os melhores resultados do Enem* de autora Flor de Maria Silvestre Estela, faz uma análise de projetos desenvolvidos nas BEs de seis instituições de ensino voltado ao Ensino Médio. Basicamente os seis projetos voltam-se ao acesso à leitura, informação e pesquisa. O foco principal da BEs das instituições investigadas é o estudo. Apenas uma escola aborda o trabalho com a literatura, mas a pesquisa não especifica o seu desenvolvimento. Os responsáveis pelas BEs são respectivamente três biblioteconomistas e três professores. Não há atividades de mediação de leitura realizada por esses profissionais. O texto menciona a atuação de alguns regentes na BE realizando pesquisa ou leitura por parte do aluno. O espaço é utilizado com autonomia e liberdade pela comunidade escolar.

O trabalho de conclusão de curso selecionado também pertence à área da Ciência da Informação: *"Sobre os ombros de gigantes, as nossas crianças crescem": a mediação de leitura no cenário da biblioteca escolar*, de Silvana Silva da Silva. O projeto da BE discutido nesse texto versa sobre a leitura, letramento informacional, além de convívio social. As atividades como: empréstimo, contação de histórias: pelo adulto ou criança, pesquisas e roda de conversa sobre a obra lida são mediadas por uma bibliotecária e uma técnica em biblioteconomia.

A leitura que impulsiona o projeto *Sobre os Ombros de Gigantes* é a literária. Nesta proposição, a literatura compete a formação integral do sujeito. O conteúdo e a forma do texto expressam o movimento dialético do ensino-aprendizagem. O aluno encontra sentido, significado e representatividade na obra (LUKÁCS, 1965). Isso se confirma em dados encontrados nos resultados da pesquisa, quanto à relação dos alunos com a história e com o mediador. Alguns estudantes passaram a compartilhar as histórias lidas com entusiasmo e

identificação com a obra. A responsável pela biblioteca expressa a afetividade ao ouvir e acolher as manifestações dos alunos quanto ao livro lido. Um fator externo que gera no sujeito leitor um motivo para ler.

Todos citam a disposição de materiais de qualidade para a leitura e a importância da mediação de um profissional preparado para tal. No entanto, a Educação Continuada desses indivíduos não fora referenciada. O caráter utilitarista da leitura literária teve predominância em quase todos esses projetos de BEs desenvolvidos de modo individualizado. Por individual, expressa-se nesse quesito propostas que abrangem apenas uma instituição dentro de uma rede de ensino.

É possível supor não haver formação específica para os profissionais atuantes nas BEs dos trabalhos classificados como B.1) *projetos individualizados: realizados em uma instituição de ensino em específico*. Sem um parâmetro da secretaria de ensino, mantenedora da escola, cada uma realiza o trabalho de forma autônoma. Vale ressaltar que a crítica não concerne quanto à liberdade em estabelecer projetos próprios para atender as demandas da instituição de ensino, e sim, quanto a falta de uma práxis reflexiva e integrada direcionada a formar leitores no ato de ler, acesso a materiais de leitura de qualidade, um espaço adequado e formação de mediadores preparados para atuar nas BEs.

A sistematização dos conhecimentos culturais, tão ponderada e reforçada na Pedagogia Histórico-Cultural de Saviani (1984; 2011), consiste na relevância de pensar a formação do sujeito responsável pela disseminação da leitura nas escolas. Trilhar essa perspectiva, como didatiza Gasparin (2007), vai da empiria ao conhecimento científico. Para tanto, a pesquisa, o estudo e a reflexão são fundamentais para mediar a leitura.

Trata-se da mediação referida na matriz da Teoria Histórico-Cultural nas bases sócio-histórica dos pressupostos da teoria marxista. A ação do homem na natureza, sobre a qual o ser age, criando e transformando ao longo da história na busca por satisfazer suas necessidades, corresponde à atividade humana central no desenvolvimento do sujeito. Ao apropriar-se da cultura humana, o indivíduo objetiva em suas relações sociais e humaniza-se. Isso justifica a necessidade de formar continuamente os profissionais atuantes em todos os âmbitos da educação (DUARTE, 2000; MARTINS, 2016; SAVIANI, 2016).

Na classificação B.2) *projetos integrados: desenvolvidos em todas as escolas da rede municipal*, 3 trabalhos foram encontrados. Um deles corresponde

a uma dissertação na área da educação: *O “projeto sala de leitura” e a formação de leitores em uma escola pública da cidade de Belém-Pará, de Paulo Demétrio Pomares Silva*. O *Projeto Sala de Leitura* abordado nesta pesquisa é desenvolvido nas BEs municipais de Belém-PA. A ênfase no trabalho está na alfabetização e formação do leitor mirim. Ações para desenvolver os valores e cidadania, destacam-se nas referências do projeto. Na apreciação do capítulo específico sobre a proposta concluiu-se que a BE é utilizada como extensão das aulas de Língua Portuguesa. Uma espécie de “reforço”. As dificuldades das turmas são base para as “aulas de biblioteca” desenvolvidas por um professor pedagogo. Empréstimos e contação de histórias também fazem parte do cronograma de atividades, mas é possível perceber que a alfabetização tratada de modo segmentada da formação do leitor.

As outras duas dissertações configuradas da mesma classificação, abordam estudos referentes ao projeto de leitura *Biblioteca Escolares: Palavras Andantes* desenvolvido em Londrina-PR. Um dos trabalhos na área da Letras: *A Arte de contar histórias: O Professor Mediador da Leitura no Projeto Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes, de Edy Simone Del Grossi*. A pesquisa levanta a discussão sobre a importância da mediação da leitura pela contação de história. A ambientação do espaço, planejamento da HC - Hora do Conto (momento destinado à mediação da leitura literária), recursos e estratégias de encaminhamento da leitura são o foco da pesquisa.

A Del Grossi (2016) foi PROB - Professor Regente de Oficina de Biblioteca em uma escola da Rede Municipal de Londrina. Seu texto reflete sobre elementos necessários para realizar a narrativa de histórias. No entanto, não traz em seus referenciais teóricos à mediação tão preconizada na teoria vigotskiana Histórico-Cultural, apenas traz uma citação de Vigotski<sup>9</sup> acerca da apropriação dos conhecimentos. Nas bases materialistas das teorias Histórico-Crítico e Histórico-Cultural há uma grande ênfase do mediador no processo educativo. O homem apropria-se das condições materiais humanas e assim constitui-se e humaniza-se. Isso dar-se-á nas relações sociais sistematizadas, em que o sujeito, munido das experiências fixadas em saberes elaborados, é o mediador entre o conceito e o aprendiz (SAVIANI, 2016)

---

<sup>9</sup> Em razão dos diversos modos de grafar o nome do estudioso russo Lev Semenovich Vigotski: Vigotsky, Vygotsky, Vygotski, Vygotskii, Vigotski, dentre outras, neste trabalho, a forma usual será VIGOTSKI, salvo as referências bibliográficas, que terão a escrita do texto original.

O professor nessa perspectiva liga o aluno ao desconhecido, diante das práxis reflexivas do saber erudito, conduzindo-o na ZDI - Zona de desenvolvimento iminente, estágio em que a criança está se apropriando do objeto estudado, mas não o domina. O professor auxilia a criança nesta fase até que ela se aproprie do objeto na ZDR – Zona de desenvolvimento real: fase em que a criança domina sozinha o objeto (VIGOTSKI, 1993).

Isso não está presente no texto e a abordagem de teóricos de outras vertentes como é o caso de Piaget trazendo fragmentos teóricos distorcidos, ligando teorias divergentes, o que apresenta uma fragilidade quanto ao entendimento da fundamentação do trabalho pedagógico da rede municipal de Londrina que é pautado na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski (LONDRINA, 2016). Os referenciais trazidos no texto mais parecem um amontoado de citações desconexas.

Em um dos capítulos, a Del Grossi (2016) traz um histórico bem conciso acerca do desenvolvimento do *Palavras Andantes*. Depois os desafios que rondam o projeto. Dentre eles a deturpação do texto literário a serviço da língua portuguesa sendo a HC uma extensão dos trabalhos realizados em sala de aula. Nesses dois pontos, o texto converge com o objeto de estudo dessa dissertação. Por tratar-se de uma investigação realizada por professora-pesquisadora, foi possível vislumbrar a importância que os estudos contínuos exercem sobre o trabalho de mediadora de leitores mirins. Atuando há dez anos na biblioteca, os encontros mensais dos PROBs dão subsídio ao fazer pedagógico da educadora (DEL GROSSI, 2016).

O conteúdo literário e as formas de tratá-lo abordados nos cursos do projeto por profissionais especializados, acrescido aos estudos da PROB Del Grossi (2016) como a pós-graduação em letras e cursos externos sobre mediação de leitura, representam o amadurecimento teórico e didático expresso nos relatos da professora-pesquisadora no decorrer do seu texto. Os planos de aula desenvolvidos por ela com base no *Palavras Andantes*, têm uma ampliação significativa de possibilidades, estratégias e formas de trabalho com a leitura.

Nos resultados Del Grossi (2016) traz problemas ainda enfrentados no trabalho das BEs de Londrina tais como: a rotatividade de profissionais na função, a mediação como extensão da aula de Língua Portuguesa e destaca basilar o estudo contínuo dos profissionais que medeiam a leitura. Apesar de ter como objetivo de pesquisa realizar um desenho histórico da contação de história das BE

de Londrina, não foi possível vislumbrar esse processo.

Outra dissertação produzida na área da Ciência da Informação fora classificada como pesquisa de B.2) *projetos integrados desenvolvidos em todas as escolas da rede municipal: A mediação em projetos de incentivo à leitura: a apropriação da informação para construção do conhecimento e do pensamento crítico de Heloá Cristina Camargo de Oliveira*. Este trabalho também aborda o *Palavras Andantes*. O foco de análise centra-se nas práticas correspondentes à proposta.

Os primeiros capítulos tratam da apropriação de informações por meio da leitura mediada para a construção do conhecimento e do pensamento crítico. Segundo Oliveira (2015) esse não é o objeto previsto no projeto. A contribuição nesse aspecto restringe-se ao acesso à informação. Nos resultados da pesquisa é sugerida inclusão de estudos nos cursos acerca do desenvolvimento do pensamento crítico. Diante do referencial teórico nas bases da Escola de Frankfurt conflita e não corresponde a matriz reflexiva de interesse dessa pesquisa.

Neste levantamento preliminar foi possível identificar a necessidade de implantação de projeto de leitura nas escolas envolvendo todas as instituições da mantenedora. Ainda que os dois trabalhos com um projeto integrado se tratar do mesmo objeto de estudo dessa proposição: o *Palavras Andantes*, o distanciamento referencial justifica a necessidade de uma abordagem na perspectiva que direciona, não só as discussões do texto, mas que seguem as diretrizes pedagógicas do município londrinense, focada nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético, nos fundamentos da teoria histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítico (LONDRINA, 2016).

Outra questão que não pode passar despercebida, é a relevância de projetos de leitura como o *Palavras Andantes*. Isso porque este trabalho faz via de uma política pública de democratização da leitura, mesmo não o sendo. Ainda que tenha sido encontrado muitos trabalhos na base de dados do Google Acadêmico, faltam proposições de fomento à leitura de larga escala, longa duração e com um plano de ação tracejado, como é no *Palavras Andantes*. Desse modo, justifica-se uma pesquisa apresentando o trabalho desenvolvido nas BE municipais de Londrina desde 2002, como um exemplo de fomento à leitura.

## 2 A LEITURA DE MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA

*Tinha emplasto no cérebro; trazia comigo a ideia fixa dos doidos e dos fortes. [...] Tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade.*

(ASSIS, 1998, p. 36).

Neste capítulo, será discutido a leitura na biblioteca escolar. O ato de ler transcende a *ideia fixa*, exige método, cuidado e persistência. O ato de ler não se trata de um “emplasto milagroso” repouso sobre a cabeça dos futuros leitores. A concepção dá-se na dialética, na complexidade harmônica entre forma, conteúdo e destinatário<sup>10</sup>, para que não venhamos a “enterrar” a possibilidade de transformação social, cultural e humana dos nossos pequenos.

A compressa referida no texto de Assis (1998) compreende a invenção do personagem que não sai de sua cabeça. Em uma analogia pode-se considerar que tal medicamento encobre sua cabeça e não o permite vislumbrar a totalidade. Tanto que a ignorância o levou à eternidade. Prende-se ao erro. Emplastou sua mente de tal modo que adoeceu. Luta-se contra uma escola nesses termos: reprodutora de ideias fixas, engessada e alienante, comum aos antigos direcionamentos pedagógicos tradicionais de repetição, mecânicos e descontextualizados.

Seguindo essa ruptura com um ensino fragmentado, fez-se a escolha do título referindo-se à famosa frase de Freire (2003, p.11) presente na obra intitulada *A Importância do Ato de Ler*: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da

---

<sup>10</sup> Por tratar-se de uma pesquisa que aborda no seu cerne a leitura literária entendeu-se nos limites desta pesquisa, primordial destacar a categoria dialética conteúdo e forma, NÃO para fins de análise dos dados coletados na investigação e sim para dar suporte aos pilares do *Projeto Biblioteca Escolares: Palavras Andantes*. A proposta enfatiza o trabalho de mediação da literatura articulando FORMA: definida e entendida no texto como os encaminhamentos didáticos dos PROBs e o suporte ou meio com o qual propagam a leitura aos alunos. O CONTEÚDO: é o literário elencado nas premissas do projeto pelo seu valor estético, linguístico, histórico, humano e social. Conteúdo e forma de uma obra representam uma unidade são inseparáveis (SPIRKINE; YAKHOT, 1975; CHEPTULIN, 1982). Cheptulin (1982) teoriza que as categorias dialéticas se correlacionam na totalidade. Por isso, tal categoria será destacada ao longo do texto como aporte sustentando o que postula dois dos objetivos do *Palavras Andantes*: formação do professor que medeia a leitura literária na escola: sendo a práxis estruturando a FORMA e a realização semanal da Hora do Conto: momento em que o CONTEÚDO é apresentado aos alunos, correspondendo o fomento a leitura, o apresso ao saber erudito com o intento de causar nas crianças necessidade de apropriar-se da cultura humana que é a linguagem o principal intermédio do desenvolvimento do pensamento (VIGOTSKI, 1991).

leitura daquele.” A leitura de mundo refere-se a escrita em movimento. Difere do mecanismo das palavras a serviço da escolarização. É preciso respeitar as origens e os conhecimentos prévios. Sem que assim, o ensino restrinja-se ao contexto em que o sujeito está inserido, a fim de romper e transformar a realidade. Essa leitura em ação nas práticas sociais humanas, que potencializam o desenvolvimento do sujeito e da sua consciência enquanto ser social.

Na busca por identificar se a leitura no contexto cultural do país tem proporcionado o que postula Freire (2003), a pesquisa neste capítulo discutirá o retrato do leitor no Brasil de forma geral, a importância do ensino do ato de ler, o que essa ação representa, como chegar a esse ato na escola e o papel do professor na atividade de leitura tendo como base a Teoria Histórico-Cultural.

## 2.1 RETRATO DO LEITOR NO BRASIL

É triste constatar, mas esta seção não relata nenhuma novidade ou avanço significativo no quadro da leitura do país. O que reforça a importância dessa pesquisa para a sociedade. A educação deveria ocupar o seu lugar de relevância nessa nação. E falar em formar leitores é pensar no próprio ensino. Isso porque, a leitura desenvolve o sujeito em suas capacidades superiores, organiza o pensamento, amplia a consciência e possibilita o aprendizado de tantas outras ciências (VIGOTSKI, 1991).

Algumas pesquisas nacionais e internacionais foram debatidas na sequência apresentando um pouco da realidade educacional do país, em especial no âmbito da leitura. Ainda que investigações em alta escala não possam ser entendidas como um retrato fiel do que de fato é, elas dão um norte, uma base com dados importantes para serem analisados.

Uma delas é o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês). Uma avaliação internacional que permite analisar referências educacionais em larga escala mundial. Em sua última edição em 2019, na versão preliminar do relatório: 37 países-membros da OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico e o Brasil dentre os 42 países/economias parceiras totalizando 79 países ou economias participaram da pesquisa. A amostra brasileira consistiu em 597 escolas e 10.691 estudantes de todos os cantos do país sendo escolhidos aleatoriamente (INEP-MEC, 2018).

Estudantes com aproximadamente 15 anos de idade, entendidos como sujeitos que estão no final do ensino obrigatória, responderam questões de ciências, leitura, matemática, resolução colaborativa de problemas, um questionário contextual e familiaridade com tecnologias da informação em uma plataforma off-line. O foco principal do PISA de 2018 foi a leitura. Os estudantes foram avaliados diante da “[...] capacidade de compreender, usar, avaliar, refletir sobre e envolver-se com textos, a fim de alcançar um objetivo, desenvolver conhecimento e potencial, e participar da sociedade” (INEP-MEC, 2018, p.22). O objetivo da pesquisa está em identificar a situação educacional de cada país levantando um alerta aos países com piores resultados, para assim, subsidiar políticas de melhoria na educação. O Brasil ficou na posição entre 55 a 59 no quesito de leitura na frente apenas de 19 países. Resultado que coloca o país no final da lista do ranking mundial (INEP-MEC, 2018).

Os países que lideram o ranking apresentam um crescimento econômico mais acelerado. “Quanto maior o resultado médio em Leitura, melhores as condições socioeconômicas dos estudantes.” (INEP-MEC, 2018, p.150). O Brasil enquadra-se junto aos países com os menores ESCS - Índices de Status Socioeconômicos, Sociais e Culturais. Apenas entre 13% e 25% dos estudantes brasileiros participantes da amostragem do PISA apresentam condições superiores à média dos países membros da OCDE. Vale frisar que os 37 países que compõem tal organização, são potências mundiais com alto nível de desenvolvimento econômico, social e elevado PIB - produto interno bruto por habitante.

Compará-los ao Brasil, país subdesenvolvido de carências básicas de subsistência é um tanto quanto injusto. Cabe aqui discutir o que Candido (2004) classifica como bens a) *indispensáveis*: comida, moradia, vestimenta, saúde e instrução e b) *dispensáveis*: relacionados a satisfação do homem para além do mínimo para sua sobrevivência como lazer, apreço e acesso aos bens culturais. Ainda para o autor a necessidade compilada ao sujeito está diretamente ligada a divisão social de classes. Os bens *dispensáveis* são classificados assim pensando nos sujeitos da base da organização da sociedade de classes, em que o rendimento familiar da conta de suprir apenas o mínimo para a manutenção da existência.

Ora, mas e a integridade espiritual? Resta a população que sustenta a pirâmide da organização capitalista apenas a sobrevivência? Negar o contato com a cultura, principalmente com o literário, é negar a própria existência do homem. A satisfação é um direito humano inegável. Promove a superação, a transformação do

homem e humaniza-o. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2004, p.177).

É inegável a discrepância entre as possibilidades dos sujeitos no contexto brasileiro. Diferente de Brás Cubas um ser afortunado, a maioria das crianças do país fica à mercê das tímidas oportunidades de transformação social das políticas públicas. Mudar essa realidade exigiria critérios “[...] básicos da mudança das relações de produção e das formas sociais em geral do intercurso humano.” (MARX, 2011, p. 29).

Visto isso, fica claro que pensar propostas de promoção à leitura no país, principalmente para a população mais carente é primordial. Ainda que o foco do PISA não sejam alunos do Ensino Fundamental I, e sim II, sabemos que eles passaram obrigatoriamente por essa primeira etapa da Educação. Os apontamentos de uma população afastada da ação de ler dessa investigação ressalta a importância de políticas públicas que vão além do acesso aos livros.

Outro importante material de estudo que tece um parâmetro da identidade leitora do Brasil é a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. Em sua 4ª edição, lançada em 2016, compila um conteúdo acerca do quadro geral sobre a leitura no país. Dados que geram possibilidades quanto à essência e aparência da realidade, marcando novos rumos para avançar-se na expansão da leitura no país. É ponderável dizer que esta pesquisa, assim como tantas outras de larga escala, não podem ser entendidas como cópia fiel da realidade, porque representam uma porcentagem da população. Mas são estudos importantes que ajudam a compreender o objeto de estudos dando um norte para novas tomadas de decisões.

No conjunto geral de leitores, Failla (2016) revela que o número de 50% em 2011 subiu para 56% em 2016. São considerados “leitores” os que leram pelo menos um livro ou parte dele nos últimos três meses. Ainda que os resultados descrevam um aumento, não se pode afirmar que os índices representam não leitores que passaram a ler. A amostragem da investigação aumentou e a escolaridade dos investigados também. Segundo o documento, talvez seja o reflexo dos novos leitores mirins.

Na realidade londrinense com o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* em desenvolvimento desde 2002, é evidente que os esforços dos PROBs e da SME - Secretaria Municipal de Educação tem caminhado

para a concepção de jovens estudantes leitores: formando professores mediadores de leitura, oferecendo acesso aos livros, empréstimo, com readequação do ambiente da biblioteca e aquisição de livros (SILVA, 2006). Diferente de políticas públicas de fomento a leitura de curto prazo ou descontinuadas, o *Palavras Andantes* é um projeto de longa data, com bases teóricas sólidas pensadas para promoção do leitor.

O INAF - Indicador Nacional de Alfabetização Funcional aponta que um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura e escrita. A melhoria da escolaridade paira mais sobre os aspectos quantitativos, com mais pessoas alfabetizadas; do que qualitativo do ponto de vista do incremento na compreensão leitora (FAILLA, 2016). Pois bem, como aumentar os índices qualitativos para a leitura do brasileiro? Por que mesmo frequentando os bancos escolares há analfabetismo funcional? Como podemos ensinar a decodificar os signos e códigos linguísticos, sem esvaziá-los de sentido e significado no ato de ler?

Diante desses questionamentos, pondera-se que o livro é fundamental no desenvolvimento de leitores. Muitas crianças não têm o contato com materiais de leitura em casa sendo a escola o lugar para se ter essa experiência. No entanto, 75% das escolas brasileiras não possuem biblioteca (ÓRIA, 2017, p.17). “Se a leitura é um bem cultural inegável para inserção à cidadania, esse bem ainda se mostra distante de grande parte da população brasileira?” (SILVA, 2009, p.85).

Fica a reflexão: Será que todos os alunos brasileiros estão tendo acesso aos livros? Como formar leitores sem bibliotecas? “É como ensinar natação sem piscina” (ROVILSON). São indagações que rondaram o desenvolvimento desta pesquisa. Fica difícil mensurar se em nível de Brasil, todas as crianças têm à sua disposição livros. O que foi identificado é que a biblioteca não possui um espaço de relevância nas redes de ensino e diante do grande desafio na concepção de leitores, uma coisa é certa: os estudantes precisam ter acesso aos livros.

Sobre o que o brasileiro gosta de fazer em seu tempo livre destacam-se atividades como assistir televisão e o uso da internet com redes sociais, canais de entretenimento, jogos e notícias em gerais. Dentre os considerados leitores participantes da pesquisa coordenada por Failla (2016, p. 236), 73% afirmaram assistir televisão e 60% fazem o uso da internet, contra 37% que lê livros em seu tempo ócio. Diante do contexto socioeconômico do país já exposto anteriormente, o custo alto das obras literárias (SILVA, 2003) e a escassez de bibliotecas escolares, não parece ser apenas uma questão de preferência.

Outro dado que revela o distanciamento de espaços da leitura na pesquisa coordenada por Failla (2016) é de que a biblioteca, seja escolar ou pública, é vista por mais de 70% dos investigados como espaço de pesquisa e estudo. Os principais motivos para ler estão voltados às atividades escolares e profissionais, ficando claro que o ato de forma espontânea sem exigências não está entre as ações da população do país (FAILLA, 2016).

Diante dos apontamentos da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (FAILLA, 2016) pode-se afirmar que a biblioteca parece estranha aos investigados. Ora, como seria diferente se nem no espaço de ensino tem-se acesso aos livros por meio de uma biblioteca? O estudo de Failla (2016) resume que o brasileiro lê 4,96 livros por habitante/ano. Em 2007, esse número era 4,7 livros, ou seja, em aproximadamente dez anos o aumento foi quase que irrelevante. Isso é reflexo de uma cultura não leitora do brasileiro fruto da falta de políticas públicas permanentes. Nem o mínimo entendido como o acesso aos livros é garantido às crianças. Não temos em nós uma tradição enraizada que nos causa necessidade humana de ler (ARENA, 2003).

Vários programas vêm sendo desenvolvidos, com a intenção de dar acesso à leitura e formar leitores no Brasil como: PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola de 1997 extinto em 2017, com distribuição de livros de diferentes gêneros literários; PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa iniciado em 2012, disponibilizando obras literárias para os três primeiros anos escolares do Ensino Fundamental; o PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura instituído em 2005 com estratégias voltadas ao fomento à leitura. Desse plano culminou o prêmio *Vivaleitura* com o objetivo de incentivar ações que promovam a leitura no país e o PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia a promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil; e por fim o PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, que unificou desde 2017 as ações do PNLD e pelo PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola (BRASIL, 2020a).

Essas políticas públicas inclinadas à promoção da leitura, sem dúvidas impulsionaram o acesso aos livros. No entanto, fica difícil mensurar a efetividade de tais programas, visto o número baixíssimo de livros que são lidos pela população ao ano, como identificado em Failla (2016) e ainda a grande

desigualdade social no Brasil enfatiza que só o acesso aos bens culturais não dá conta de formar sujeitos leitores. Outra questão é que o trabalho escolar se volta principalmente ao uso do livro didático. “A simples distribuição de livros nas escolas não mudará, portanto, as práticas pedagógicas em relação ao uso de livros de literatura nem a apropriação e construção de novos sentidos a partir da leitura.” (PAIVA; BERENBLUM, 2009, p.9). E é no sentido da acessibilidade ao livro a caminhada, basicamente, dos programas citados anteriormente.

Paiva e Berenblum (2009) desenvolveram a pesquisa *Avaliação diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)* coletando dados de 467.275 escolas de 19 municípios de 8 estados distribuídas geograficamente no país contempladas com livros do PNBE. O objetivo foi de levar informações acerca do programa e contribuir para novas tomadas de decisões. O destaque da pesquisa reflete sobre a desigualdade social do Brasil e o longo percurso a ser traçado para que haja a democratização do acesso a obras literárias. As autoras criticam as políticas educativas despreocupadas com as disparidades econômicas dos alunos e a dura penalização dos professores pelo baixo desempenho em processo de avaliação do ensino, desconsiderando as perversas condições de trabalho a baixa remuneração dos docentes.

A pesquisa de Paiva e Berenblum (2009) também destaca a falta de Educação Continuada para os professores na mediação da leitura, um expressivo número de bibliotecas escolares fechadas, livros guardados e a maioria dos educadores participantes da amostragem tem uma concepção de leitura e das finalidades sociais da biblioteca escolar simplistas e alienadoras. A grande parte dos profissionais responsáveis pela biblioteca escolar é readaptada por questões de saúde. Muitas das escolas destes profissionais não contam especificamente com a biblioteca. Grande parte são “salas” ou “cantinhos” de leitura. Alguns desses espaços servem mais como um “armariotecas”, um depósito de livros novos e embalados, indisponível para a comunidade escolar (PAIVA; BERENBLUM, 2009).

Brandão e Rodrigues (2019), embasadas por Montuani (2013), salientam a necessidade de integração das políticas públicas e de apresentação dos programas para a comunidade escolar. As autoras criticam que muitas instituições recebem livros didáticos, literários, periódicos entre outros sem compreenderem os devidos finais do uso desses materiais. A efetivação das políticas governamentais, como o PNBE analisado por Brandão e Rodrigues (2019) na grande maioria das

escolas encerram-se nos limites do objetivo escrito. É o que representa o distanciamento dialético da categoria fenômeno e essência. A proposta documentada salta com entusiasmo aos olhos do leitor. O fenômeno sendo a proposição: seus objetivos e metas paira na superficialidade da aparência do que verdadeiramente o é. Na essência do trabalho, na execução pedagógica, as fragilidades ganham destaque desmantelando todo o objetivo central dos direcionamentos dos programas públicos.

Outra vulnerabilidade das propostas do governo de fomentar a leitura reside na descontinuidade desses trabalhos. Outras iniciativas foram executadas e extintas, como se houvessem erradicado o problema da apropriação da leitura dos alunos. A falta de solidez e objetivo de médio e longo prazos para promover a leitura em nível nacional dificulta a concepção de leitor no ato de ler. Vale ressaltar que a crítica não recai sobre o trabalho desenvolvido nas políticas trazidas anteriormente, e sim sobre a extinção deles sem apreciação dos resultados vindouros.

Diante das informações acerca de políticas públicas de fomento a leitura coletadas nas pesquisas de Brandão e Rodrigues (2019) e Paiva e Berenblum (2009), foi possível identificar que de forma geral as ações governamentais ficam nos limites do acesso à leitura. O que gera os seguintes questionamentos a nível de Brasil: Como a escola tem formado os leitores mirins? Quais são as experiências de leitura propostas aos alunos? Os professores estão preparados para o ensino da leitura para o ato de ler? Ler é tratado como um exercício escolar sem significado e descontextualizado?

Essas são questões que inquietam a ação docente. Isso porque, a sistematização da cultura social é algo que cabe à escola proporcionar aos alunos, sujeitos de um contexto social, pois carregam consigo algumas experiências com o universo escrito. O contato com muitas novas vivências sociais significativas interfere, segundo a concepção vigotskiana, de forma relevante no progresso social, histórico, cultural, humano e cognitivo do indivíduo.

Dentre as relações e conceitos, a apropriação e objetivação da leitura assume um papel valioso na formação do leitor em ação. Arena (2010, p. 242) afirma que ler é “[...] um poderosíssimo instrumento de desenvolvimento da mente humana, das funções psíquicas superiores, constituintes do progressivo processo de humanização”. A leitura em ação exerce um grande papel emancipatório do homem.

O desenvolvimento da apropriação e objetivação do homem, segundo Duarte (2008), surge primeiramente em suas relações com a natureza. Ao apropriar-se da natureza à objetiva em sua prática social, o ser gera novas necessidades como a de conhecer cada vez mais a cultura produzida pelos homens. Na mesma linha, Silva (2011) corrobora dizendo que é na compreensão gerada no ato de ler que o sujeito a objetiva e apropria-se das coisas do mundo. Essas não são resultado de um processo acabado, mas em movimento dialético. É situar-se humana e criticamente, buscando e atribuindo significados.

É por meio da linguagem que a existência humana se concretiza, não de modo natural e sim pela mediação de outrem. Na procura por trilhar a leitura nessa perspectiva, o professor cumpre o importante papel de mediador, já que o ato de ler está atrelado ao desvelamento do texto (SILVA, 2011). Ler é apresentar o aluno a leituras, introduzindo-o a práticas e levando-o a buscá-las por si só, cumprindo com a função social que o ato exerce, ampliando os conhecimentos e visão de mundo do aluno.

Ensinar apenas os códigos da linguagem não confere essa reflexão. Saviani (2011) defende que a apropriação de conhecimentos relevantes e significativos, por meio da cultura, oportuniza a liberdade e transformação da realidade do indivíduo. Isso só é possível quando o objeto de estudo é de domínio do professor e não é feito de modo fragmentado.

Jolibert e Jacob (2006, p.183) apresentam o ensino da leitura com um único propósito que é de ser utilizado. Não no sentido utilitarista, mas de ser relevante na prática social do aluno. O ato de ler implica uma reflexão, um pensar que só pode ser garantido com a leitura de textos reais e de qualidade. Ensinar frases como: “o boi baba” é exemplo da mecanização da leitura e há muito não deveria ser seguido (GIROTTI, 2016).

Constado que a média geral da população brasileira na leitura está em ler menos de cinco livros ao ano por pessoa, fica a questão: o que o brasileiro lê? Entre os gêneros mais citados o religioso, em destaque à Bíblia, ranqueia a pesquisa de Failla (2016). O público que cita tal obra representam pessoas mais velhas com menor escolaridade e em sua maioria não estudantes. Na idade entre 5 e 10 anos, correspondente às crianças do Ensino Fundamental I, os gêneros infantis e contos são os mais citados correspondem à categoria literária (FAILLA, 2016).

A leitura literária exerce no sujeito a função de humanizá-lo. Torná-lo

social, histórico e culturalmente desenvolvido. À medida que se submerge à literatura, o sujeito estará entregue a fatores da vida real, ainda que o texto se mostre nas bases do imaginário e do ficcional. Os textos clássicos permitem, com sua riqueza estética, poética e linguística o trânsito pela vida porque temos a necessidade de alimentarmos a alma, o espírito sobre pena como defende Candido, (2004 p. 178), de “mutilar a personalidade”. As obras literárias nos humanizam, desvela o mundo, liberta-nos e transforma nossas ideias e pensamentos (MANGUEL, 1997; LAJOLO; ZILBERMAN 1998; SILVA, 2003; SOARES, 2011; GIROTTO, 2013).

Visto a relevância do literário na concepção de leitor, a grande preocupação é quanto ao encaminhamento dado à leitura dos alunos nas escolas. A ênfase utilitária dada ao texto literário empobrece todo conteúdo dos clássicos. (PERROTI, 1986; MANGUEL, 1997; ARENA, 2010; SILVA, 2011). Uma antiga prática predominante entre os mediadores de leitura da Hora do Conto nas escolas municipais de Londrina. A leitura com viés moralizante em detrimento a valores estéticos, artísticos e humanos (SILVA, 2006).

Diante desta reflexão, fica evidente que muito precisa ser feito para o avanço da leitura no país. Para tanto, na próxima seção aborda-se a importância do ensino para o ato de ler compreendendo no texto literário a possibilidade de explorar a leitura para além da decodificação, cumprindo o seu papel civilizatório e rompendo com as mazelas sociais.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO ATO DE LER

No início desta seção levanta-se uma questão ao sujeito que está realizando essa leitura: por que saber ler é tão importante? Sugere-se que tal relevância seja unânime, até entre os que não dominam a prática. Então, por que a dificuldade em se apropriar da leitura? Para tanto, levantou-se a discussão do ensino da ação de ler na escola.

Na concepção vigotskiana, a língua impulsiona o desenvolvimento das funções superiores (VIGOTSKI, 1993). Então, tal saber é imprescindível para evolução cognitiva, humana e social do homem. Mas será que basta saber ler? É certo que decodificar a língua é um princípio básico. No entanto, para que haja desenvolvimento do sujeito como compreende Vigotski (1993), é primordial ensinar o

ato de ler, ou seja, ensinar a língua viva em suas práticas sociais.

Arena (2010) alerta que há um equívoco muito grande quanto ao ensino do ato de ler. O autor pondera que a escola não pode ser responsabilizada pela forma como tem disseminado a leitura, porque ela reproduz o movimento histórico e social e não a dialética complexa que envolve a ação propriamente dita. Ensina-se a prática do sistema linguístico como se decodificar as palavras preparasse o aluno a dar sentido à fala do outro.

Aprende-se a ler e cobra-se a compreensão e interpretação de texto. É a ramificação da língua indissociável dentro de si mesma. Uma relação desconexa, que não leva à apropriação do ato. Os alunos se tornam assim alfabetos funcionais perdidos sobre códigos linguísticos carregados pelo esvaziamento de um aprendizado desprovido de relação social.

Sendo assim, fica evidente que ensinar a ler e escrever é insuficiente para uma leitura de mundo, ao qual corresponde a ação de ler. A escola representa o local onde o ensino sistematizado deve ser disseminado às crianças. Arena (2010, p. 242) apresenta que “é importante entender que ensinar o sistema linguístico não é ensinar a ler; ensinar a ler é ensinar as próprias práticas sociais e culturais que exigem o domínio desse sistema.”

A escola exerce um grande papel na educação do homem, principalmente quando introduz as crianças a leitura, por ser a linguagem fonte do desenvolvimento das capacidades psíquicas superiores (VIGOTSKI, 1993). Um leitor no ato de ler é capaz de aprender toda e qualquer ciência por si só, transformar sua realidade, ampliar a sua visão de mundo e enxergar para além dos muros escolares. Ler, pautada nos estudos de Candido (2004), é uma questão de direito social, liberdade e humanização.

Silva (2003) realiza uma interessante reflexão sobre a relevância social e cultural da leitura: se ler corresponde à formação do homem em sua totalidade, por que há tanta aversão e distanciamento desse ato? Para o autor, a resposta é simples: ler é um ato perigoso. Manter os sujeitos longe da apropriação da leitura ajuda a seguir os moldes das estruturas sociais injustas do país. Outra evidência argumentada por Silva (2003) é de que não se quer formar leitores no Brasil, vista a falta de continuidade de Programas que fomentem a leitura.

Mesmo sendo um argumento levantado na primeira edição do livro na metade dos anos 1980, a leitura de Silva (2003) parece tão atual. Em quase

quarenta anos, as dificuldades parecem repousar sobre os mesmos entraves. A leitura ainda não tem um espaço prioritário na vida do brasileiro. Para o autor, a escola necessita mudar o encaminhamento pedagógico dado à leitura e os materiais que dão suporte ao ato. Não se formam leitores com recortes de textos em atividades que insistem em apontar os erros dos alunos, sem apresentar caminhos para superá-los.

No enlace entre conteúdo e forma, compreende-se o cerne para um trabalho significativo com a leitura, isso porque “[...] toda forma está ligada ao conteúdo. A forma e o conteúdo estão em correlação orgânica, dependem um do outro, e essa dependência não é equivalente” (CHEPTULIN, 1982, p. 268). Um determina e depende do outro. Completam-se, rompendo com encaminhamentos alienantes e descontextualizados. Exige estudo, Educação Continuada ao professor, sendo ele sujeito que rege os conhecimentos.

O educador cumpre um papel importante na mediação da leitura, para além da alfabetização. Manguel (1997) argumenta que ler é uma função essencial para viver, assim como respirar. O trabalho docente nas bases das perspectivas filosóficas materialistas, leva o aluno a ser senhor do que lê, ser parte integrante, identificar-se, atribuir significado ao sistema de signos, decifrá-los, conhecer a si e ao mundo, ter um sentimento de posse, pertencimento. Conhecer a leitura em ação, na perspectiva de Arena (2010), requer interpretar o que está na raiz da fala de outro e não a reproduzindo e desconsiderando o seu significado.

É inevitável atribuir a responsabilidade da concepção do leitor aos professores, que correspondem, ou ao menos sugerimos que sim, a leitores experientes. Quem melhor que eles para induzir nossas crianças ao ato de ler? É fundamental que o trabalho do educador seja encaminhado de forma dialética em um movimento contínuo e gradativo dos conhecimentos sistematizados, articulando conteúdo e forma com o objetivo de superar os saberes empíricos rumo à síntese, por meio da mediação (SAVIANI, 2011).

Para tanto, instruir o educador é uma tarefa de necessidade contínua. Esperar que a formação acadêmica dê conta de todos os desafios da escola é fadar o trabalho do docente ao fracasso. Uma prerrogativa básica do ser educador é a de inovar saberes prenhes em situações que o levem a ressignificar sua prática embasada na teoria. Diante desse grande desafio, a evolução do professor frente ao processo educativo é primordial. Isso justifica a importância da

Educação Continuada dos docentes (SAVIANI, 2009).

O conhecimento do educador constitui-se na práxis. Desse modo, cabe pactuar com o pensamento de Vigotski (1991) quando ressalta que o homem é um ser incompleto, inconcluso e inacabado, que encontra na linguagem infinitas possibilidades de aprender e se desenvolver, e isso se torna viável por meio de interações em práticas de leitura sociais e culturais, voltadas a experiências e necessidades humanas.

Diante do exposto, fica clara a importância do ensino da leitura para o ato de ler, bem como a práxis do educador. A rotina escolar e o grande volume de trabalho podem afastar o educador da teorização de seu trabalho. Ao ofertar a instrução, a prática passa a ser reflexiva e constituída com solidez. O professor é um mediador no processo de aquisição de conhecimento que se dá por meio da aprendizagem das práticas sociais sistematizadas (GASPARIN, 2007).

A concepção de sujeitos leitores requer esforço, planejamento, conceitos, conhecimento e dedicação. Isso não advém da prática desvinculada da teoria. Segundo Smith (1999), as crianças são aprendizes altamente qualificados, cabendo ao educador tornar possível a aprendizagem da leitura, já que ler não envolve nenhuma atividade que as crianças já não tenham exercitado, deixando claro que ler é uma ação cultural e social, não única e somente escolar.

Outra ponderação feita por Smith (1999, p. 12) é a de que há dois requisitos básicos para se aprender a ler: “a disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno e a orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como um guia”. Quanto ao leitor mais experiente, o professor exerce essa função. Sobre o material, podemos considerar que a dificuldade está no acesso, visto que há uma imensa quantidade de produções, sejam elas impressas ou virtuais. Faltam políticas de fomento a leitura de longo prazo, que de fato aproximem os alunos dos livros: ter a disposição materiais para manusear na escola e para o empréstimo. Se 75% das escolas brasileiras não tem nem biblioteca (ÓRIA, 2017) como os alunos, em especial das periferias, haveriam de ter contato com suportes de leitura?

Há o apontamento de um crescente aumento de títulos na classificação literatura infantil no período de 2007 a 2014 levantados por Failla (2016). As obras aumentaram de 3.491 para 7.802. O mesmo aconteceu com a fabricação de exemplares de 14.753.213 para 37.259.612. Não é possível

reconhecer a qualidade desses textos. O fato é que mais livros estão sendo produzidos. Mas, será que esses títulos estão circulando nas mãos das crianças?

Ao ponderar que o livro é um item muitas vezes, caro, inacessível às classes mais pobres fica ao encargo da escola pública o acesso a esses materiais de leitura (SILVA, 2003). Mas se  $\frac{3}{4}$  das escolas no Brasil não têm biblioteca como aponta Ória, (2017) onde estão esses livros? É certo de que não são só em bibliotecas onde encontram-se livros. No entanto, esse seria o destino ideal, já que é um espaço democrático das escolas, em que circulam alunos e professores de todas as turmas.

Se estão nos armários das salas de aula, ou mesmo em prateleiras acessíveis somente aos alunos de que pertencem a ela, o dinheiro público está em mal-uso. Os materiais de leitura enviados às escolas são destinados com o princípio básico de que passarão pelo maior número de leitores (SILVA, 2006). Em entrevista com as PROBs pode-se constatar que alguns livros, vistos como os melhores do acervo, ficam resguardados nos armários sendo manuseados apenas pelas mediadoras de leitura, como recomenda a gestão da escola. Essa prática foi mencionada e criticada por uma das PROBs entrevistadas.

Tal fato, ainda que ingênuo e compreendido como um ato de preservação de patrimônio público, na verdade está privando os estudantes de contato com a cultura escrita mais erudita e de qualidade. Livros sem orelhas, lisinhos e límpidos são como ursos hibernando à espera do calor do contato e da fala de um humano que o acorde do longo adormecer. Nas palavras de Lajolo (1991, p. 52), “[...] o texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que lê.” A obra se mantém viva e transforma o homem quando ele se apropria dela e a objetiva em suas práticas sociais, daí a importância do ensino para o ato de ler.

O leitor em ação é resultado de práticas ricas e contextualizadas de leitura. Nessa proposição, o literário apresenta-se como fundamental por seu valor estético, erudito, cultural e resultante do processo histórico social na concepção de leitor (LUKÁCS, 1965). A grande preocupação é quanto ao encaminhamento dado à leitura dos alunos nas escolas.

A responsabilidade da educação escolar de forma geral, se tenciona especialmente nas políticas públicas e nos órgãos mantenedores das escolas. O real propósito da coleta de resultados como o do IDEB é de melhorar o ensino,

identificando instituições que exigem mais atenção do poder público (MESQUITA, 2012). Não basta dar ao docente a incumbência do ensino da língua com qualidade. É fundamental fornecer aos professores Educação Continuada que dê suporte na sua práxis educativa. Pensando na descontinuidade e a quantidade de “testes” que o ensino passou e passa ao longo da história do país, ficam evidentes que faltam bases sólidas para alicerçar uma educação para além do acesso, com qualidade na transmissão de conceitos.

Com base nos estudos de Saviani (2009), a respeito da Educação Continuada de professores no desenvolvimento histórico e teórico do contexto brasileiro, a história é marcada por quebras na concepção do docente. A relevância da instrução ao educador, já era mencionada por Comenius no século XVII, mas apenas no século XIX essa questão é vista como uma problemática e se entende a necessidade de ter uma preparação do profissional para o exercício da docência. Ao longo da trajetória do ensino no país, o autor aponta rupturas tanto na Educação Inicial do educador, como na Continuada. A cada nova gestão de governo remodela-se o ensino, jogam-se fora proposições, ainda que promissoras sem avaliar o que já foi realizado e inicia-se do zero.

O dilema da Educação Continuada de professores expresso por Saviani (2009) está em articular corretamente os moldes do ensino proposto pela escola, integrando a função do docente: a forma e o conteúdo que são inerentes. Ainda para Saviani (2009), a superação desse descontínuo de um ensino sem um sistema a ser seguido sugere a necessidade de analisar o ato docente como fenômeno concreto no interior da escola.

A pesquisa desta dissertação vem em defesa de um trabalho com a leitura na categoria dialética conteúdo e forma. A forma refletida nesse estudo como a práxis de ensino desenhada na didática do professor e o conteúdo sendo o literário, porque tal dicotomia resulta na ruptura de um ensino alienante e sem significado, formando o homem em sua totalidade (SAVIANI, 2011). A leitura articulando a forma e conteúdo dá suporte à prática e à teoria pedagógica, que se alteram diante de novas influências teóricas, promovendo o desenvolvimento de uma educação de qualidade.

Talvez essa questão seja o ponto chave na educação brasileira. A intermitência reflete resultados alarmantes. A educação vive em uma inconstância. A falta de medidas que promovam a leitura e mesmo a interrupção de políticas

impulsionam a descontinuidade da constituição do leitor. A própria pesquisa em si, que cresce a cada ano no âmbito da leitura, mas parece não responder as ânsias da sala de aula.

Frente à problemática, fica evidente que o assunto não está nem perto de se esgotar, por isso, a pesquisa propõe-se a conhecer o trabalho realizado pelo projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* de Londrina que completou dezoito anos de desenvolvimento na Rede Municipal de ensino em 2020 e representa um projeto sólido de longa duração.

A seguir a reflexão será pautada no papel do professor na atividade de leitura como pontua a Teoria Histórico-Cultural, no intuito de refletir sobre o encaminhamento pedagógico voltado por essa vertente para depois respondermos ao nosso problema de pesquisa.

### 2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA CONCEPÇÃO DO LEITOR

A escola nas bases da Pedagogia Histórico-Crítico e Teoria Histórico-Cultural configura em um ambiente de aprendizagem dos conhecimentos culturais sistematizados. Os sujeitos são provocados pela mediação do professor e isso o leva a progredir (GASPARIN, 2007; SAVIANI, 2011). No entanto, na investigação de Failla (2016) sobre quem tem influenciado o gosto dos pesquisados pela leitura, os resultados com estudantes de 1º ao 5º ano ou 1ª a 4ª série apontam que 71% dos participantes afirmam não terem sido inspirados a ler por ninguém. Cerca de 17% foram atraídos a ler por persuasão da família e apenas 6% elegeram um educador como responsável por instigá-lo à leitura.

O que chama atenção é que, mesmo sendo o professor um sujeito preparado para formar leitores, ou ao menos sugere que o seja para a função de mediar a leitura, são os parentes das crianças quem as motivam a ler. Vale ressaltar que há campanhas governamentais estimulando os pais a assumirem o compromisso com a educação de seus filhos. O mais recente de 2019 voltado a leitura em específico é o programa *Conta para mim*. Uma plataforma com um guia prático e vídeos para desenvolver a Literacia Familiar compreendido como a mediação de histórias pelos pais ou responsáveis, estimulando e desenvolvendo capacidades na criança de ouvir, falar, ler e escrever (BRASIL, 2019b). Isso levanta as reflexões: a afetividade é um elemento latente na mediação da leitura nas

escolas? Quais são os encaminhamentos realizados pelos professores no ensino da leitura?

Reconhecendo que a escola é um espaço que vai além do trabalho com o ensino/aprendizagem, pondera-se que a afetividade é fundamental. No dicionário Michaelis On-line (AFETIVIDADE, 2019) o termo tem o significado de “sentimento de afeição ou inclinação por alguém; amizade, paixão, simpatia.” Em se tratando de crianças, o mediador de leitura ou de qualquer situação de ensino que não se dispuser de modo afetuoso com os seus alunos encontrará dificuldades para atingir o educando. Quando falamos em afeto, não significa ter uma relação íntima com o aluno, mas que o educador se importe com o seu aluno conhecendo e reconhecendo-o como humano.

Silva (2006, p. 153) reflete sobre a importância da “[...] proximidade, de afetividade sem pieguice, reforça a educação da criança como um todo, principalmente na mediação de leitura.” Isso gera valor ao ensino. É por esse motivo, que a escola nunca se extinguirá. A tecnologia, máquinas e robôs não possuem a sensibilidade humana. Não impulsiona, motiva, incentiva, pega pela mão, olha nos olhos e ensina o caminho correto. Algumas crianças chegam à escola com tantas necessidades básicas como: alimentação, saneamento, vestimenta e até mesmo de atenção. Isso reforça o trabalho social, cultural e humanizador da escola em sua totalidade, em que o afeto tenha espaço na educação dos alunos.

Vigotski (1993) teoriza uma concepção do afeto nas tarefas educativas. Para o autor, pensamento e afeto não podem ser vistos como objetos de estudos dissociados sob pena de estabelecer uma relação sem significado.

Quem separa o pensamento do afeto desde o início fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinística pressupõe descobrir seus motivos, necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. (VIGOTSKI, 1993 p. 25, tradução nossa<sup>11</sup>).

O intelecto está diretamente convergindo aos impulsos e vontades do sujeito. Os motivos e interesses são propulsores da atividade humana, levando o indivíduo nas vias da consciência de seu pensamento e de sua ação. O ser

---

<sup>11</sup> Quien separa desde un comienzo el pensamiento del afecto se cierra para siempre la posibilidad de explicar las causas del pensamiento, porque un análisis determinista presupone descubrir sus motivos, las necesidades e intereses, los impulsos y tendencias que rigen el movimiento del pensamiento en uno u otro sentido (VIGOTSKI, 1993 p. 25).

desenvolve-se à medida que é exposto a ações instigantes, desafiadoras e geradoras de necessidades condutoras da consciência.

Uma análise feita por Souza, Girotto e Silva (2012), a partir de estudos da perspectiva histórico-cultural da consciência *em si* e *para si* embasada em Newton Duarte, reflete o movimento da leitura nas ações humanas. Nessa descrição é possível vislumbrar a diferença entre duas consciências: a *em si* e a *para si*. Tais conceitos permitem identificar, na concepção do sujeito leitor, uma consciência *em si* que não é reflexiva, é passiva. O indivíduo faz o uso correto da linguagem sem obter uma consciência plena, ou seja, não compreende a função social que a língua exerce, não há uma relação lúcida entre o ser e o mundo.

Em contrapartida, a consciência *para si* é ativa e reflexiva. O sujeito leitor tem a consciência de pertencer e de relacionar-se com o gênero. Há certa distância entre a prática leitora *em si* da *para si*. É a busca por uma consciência da consciência. O reconhecimento da palavra escrita primitiva em direção ao entendimento mais complexo. É compreender o que outro diz por meio da escrita em sua totalidade. Ler o pensamento de alguém posto em um papel e assim, ativar o seu pensar atribuindo a leitura sentido e significado. Pensar sobre o seu pensamento ter consciência da consciência (VIGOSTSKI, 1993).

A escola nas bases materialistas atua na educação de leitores na ação de ler, ou seja, na leitura *para si*. No entanto, na fala de Bozhovich (1985) citada por Asbahr (2016), a criança inicia os estudos interessada em aprender, querendo imitar o que os adultos fazem. Por volta do 3º ano a vontade de estudar começa a sucumbir e os chamados problemas de “indisciplina” passam a ser evidentes. Para Bozhovich (1985) isso decorre da falha na organização do ensino, porque os conteúdos escolares são aquém da realidade da criança, como se a cultura humana fosse deturpada nas instituições servindo única e exclusivamente as demandas do capital, formando seres alienados.

É primordial que a escola esteja alinhada na concepção do aluno para romper a organização desigual da sociedade. E pensando que o leitor mirim compreendido nesta pesquisa como o aprendiz em construção da sua conduta leitora sendo mirim o sujeito “que ainda é criança” (MIRIM, 2019) e que o *Palavras Andantes* atendem esse público de 1º ao 5º ano, é fundamental que as experiências do aluno possibilitem o seu desenvolvimento intelectual, crítico, humano e social no combate a alienação.

Na perspectiva sociocultural a linguagem é indissolúvel do pensamento essa dicotomia determina o desenvolvimento das capacidades superiores. Isso se dá nas relações humanas entre os homens na troca de vivências. O espiral da evolução do sujeito parte da ZDI representando o que a criança faz com a mediação de um sujeito mais experiente para a ZDR quando a criança se apropriou do objeto de estudos e consegue objetivá-lo na sua realidade (VIGOSTSKI, 1993).

O interesse do sujeito em se apropriar dos bens culturais, no caso desse estudo do ato de ler parte de um motivo, de uma necessidade (ARENA, 2010). Ao realizar uma leitura, o sujeito satisfaça a sua carência seja ela de informação, comunicação ou mesmo de prazer. O discurso hegemônico que se criou frente à leitura compreendendo-a como um hábito e gosto são criticados por Arena (2003). Associar a leitura a tais aspectos leva a pensá-la como treinamento, algo mecânico. Para o autor, leitura deve estar ligada a “satisfação de necessidades criadas pelo próprio leitor, ou pelo aprendiz, na relação que mantém com os outros homens e com os objetos de conhecimento que encontram ao caminhar pelos fios que compõem a teia dessas relações” (ARENA, 2003, p. 55).

Trabalhar com leitura na perspectiva vigotskiana vai além de decodificação, fruição e interpretação de texto. Para expandir as funções superiores o sujeito precisa ser desafiado. É nas inclinações da hereditariedade e no surgimento do novo que o homem evolui. À medida que o ser é confrontado com a cultura produzida historicamente para suprir necessidades humanas, é que ele se apropria de tais práticas e as objetiva em sua vida, sobrepondo as manifestações inatas, humanizando-se (PRESTES; TUNES, 2018). O homem prospera criando conexões e gerando outras necessidades.

Essa necessidade independe da aprendizagem. Apropriar-se é uma consequência. É na dialética das relações humanas sociais que se constitui o homem. Ele apropria-se da cultura humana e a objetiva nas suas práticas sociais, transformando sua realidade e rompendo com a alienação. Um processo dado na sistematização dos conhecimentos (DUARTE, 2008).

Isso é possível frente à atividade intencional, dirigida por outro mais experiente. Na escola o professor é esse sujeito conduzindo o estudante à necessidade de dominar o objeto de estudo. O aluno em primeira instância, correlaciona o objeto de estudo com o auxílio do professor ou organiza os

procedimentos para execução da tarefa. Em último nível, o estudante possui capacidades de estudo particulares e autônomas (MILLER, 2019). É desenvolver no aluno capacidades para a apropriação do objeto estudado. Mais que aprender conteúdos, é aprimorar o método de aprendizagem, os procedimentos que levam o estudante a compreensão de qualquer conceito.

Trata-se de conhecimento sistematizado, erudito e científico em suas estruturas internas dos procedimentos condutores do saber em suas relações mais complexas. Nas palavras de Miller (2019), na imersão sobre o objeto de estudo, sem superficialidade. Um ensino que exige muito mais que decoreba e memorização de regras. E sim, a compreensão, o entendimento, um motivo que justifique seu estudo. Assim pode ser visto o ensino da língua em suas “fórmulas” compreendidas pelo código, estrutura gramatical, ortográfica e semântico. É necessário seguir preceitos para resolver o enigma da questão. Cada sujeito, diante de suas capacidades, desenvolve-se ao apropriar-se de um objeto de estudo.

É por meio da língua que o sujeito organiza e transmite o que pensa (VIGOTSKI, 1993). Na escrita, mantem-se as ideias próprias e de outros viva. Se a leitura estiver voltada a práticas sociais, justifica o motivo pelo qual essa ação desenvolve-se. E não se trata de razões aquém ao indivíduo. Ler não pode estar associado apenas à prática de estudo, ainda que essa também seja um escopo para tal.

Na sociedade grafocêntrica, ler é indispensável à vida humana (MANGUEL, 1997) e cabe a instituição de ensino gerar nos alunos uma dependência da leitura, isso porque a ação de ler é fruto da cultura humana acumulada. À medida que o sujeito se apropria dos códigos da língua em sua totalidade mais complexa, que corresponde a compreensão e objetivação da leitura em suas práticas sociais, o ser humaniza-se, torna-se parte, integra-se a sociedade, pertence a ela. Assim, o ato de ler se apresenta necessário para a sobrevivência do indivíduo (DUARTE, 2008; MARX, 2011).

Para imersão a ação leitora o aluno deve estar entregue a vivências de leitura que correspondem à realidade. A literatura exerce tal função. A arte é em si, o resultado da própria vida humana (FRANCO; GIROTTO, 2017). Silva e Arena (2012) criticam a escola por ensinar a leitura nos moldes da decodificação, sem atribuição de significado ao que lê. Um processo de aprendizagem que ramifica a decifração dos códigos da língua do entendimento do texto em sua totalidade.

Formar leitores nesses moldes não corresponde à tarefa simples. Requer conhecimento de causa. Somente um leitor assíduo carente pela arte escrita pode mediar outro sujeito. Silva e Arena (2012) compreendem que o educador é quem cria necessidades de leitura. Como um leitor experiente, o professor pode proporcionar situações em que o aluno brinque com suas ideias e imaginação. Crie previsões, antecipações e inferências sobre o que lê. Não sendo mais o aluno, um sujeito leitor e sim um leitor no ato de ler (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998).

O professor tem sobre sua responsabilidade crianças em processo de concepção leitora. O encaminhamento nos moldes da Pedagogia Histórico-Crítica exposto por Gasparin (2007) prevê uma perspectiva de ensino-aprendizagem voltada às necessidades sociais do aluno, já que o conhecimento se origina de práticas sociais. Um trabalho dialético permite que o homem transforme a natureza, a si mesmo, os espaços, suas práticas e pensamentos. O trabalho pedagógico voltado a textos reais, de uso social, valor, estético e humano corresponde a tal corrente metodológica.

No planejamento da aula, o educador reflete acerca da práxis do seu atuar diariamente. Nas palavras dos autores Silva e Arena (2012) é possível identificar no educador, o sujeito carregado de vivências cotidianas e teóricas. Então:

Pode-se depreender que a educação literária se dá por ações específicas e metodologias apropriadas. O professor medeia esse processo de formação do leitor literário, quando planeja situações de leitura em que a criança entra em contato com o texto literário e com suas peculiaridades estéticas, linguísticas, artísticas, de modo que aprenda a dialogar com o texto, valorizar e ativar seus intertextos – outros e diversos textos que já conhece – e assim, produzir sentido. Isso ocorre porque o sentido atribuído ao texto também decorre da intertextualidade presente nele. As crianças se apoiam nos textos que conhecem e de que já fizeram repetidas leituras e, dessa maneira, os relacionam com as características do texto que é apresentado a elas. (SILVA; ARENA 2012, p.10).

O profissional da educação traz em sua trajetória vivências que o constituem como sujeito. Nas relações sociais e afetivas, desenha-se o educador. O olhar transmitido por ele sobre cada objeto, indivíduo e contexto estrutura-se na práxis de sua função. Diante desse aprimorar o olhar docente transforma-se “[...] ‘ressignificando’ conceitos, reelaborando ou reorganizando suas práticas de leitura e de escrita, conseguindo justificar coerentemente sua fundamentação” (SOUZA; GIROTTI, 2008).

Para que o professor desenvolva o seu trabalho é fundamental que ele tenha um aporte na sua práxis educativa. Desse modo, a Educação Continuada far-se-á impreterivelmente parte da atividade de trabalho do educador. Com a teoria e a didática bem compreendidas no processo de desenvolvimento da linguagem escrita, o professor é o mediador do saber que leva o aluno ao ato de ler.

Vista a necessidade de fomento à leitura para concepção de leitor no quadro do país, a defesa ao ensino da língua no ato de ler e a relevância de um mediador preparado para atuar na educação de leitores mirins, concluiu-se que um país com tantas mazelas sociais, onde destacam-se políticas públicas descontinuadas, há necessidade de investimentos a longo prazo no âmbito da leitura para além do acesso aos livros. As divisões de classes no Brasil, limitando a reflexão neste estudo a apenas os aspectos da educação, aproximam-se com amargura da infância do elitizado Brás Cubas. Dizia Ele:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”[...] Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” [...] Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classifiquei-a por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. (ASSIS, 1994, p.15;16)

Qual seria a diferença entre a relação escravista de Cubas e Prudêncio da realidade de muitas crianças brasileiras que tem sobre seus ombros o peso das injustiças sociais? Espera-se delas e de todos os que lutam pela educação, o enfrentamento contra medidas governamentais apenas que atenuem as circunstâncias como admite a canalhice brasubiana, até para que mais tarde não sejam essas crianças novos Prudêncios, que quando adulto passou a ter um escravo. Vítima de uma sociedade injusta, ele então “reproduz” e mantém o ciclo vicioso. Vale ponderar que a investigação se aproxima de Cubas não por sua descrença das transformações sociais e o seu pessimismo nihilista, mas porque o defunto autor pode falar “verdades”, denunciar e descascar as aparências da sociedade como faz Machado de Assis em suas obras.

A pesquisa apresentará a seguir o contexto das bibliotecas no âmbito nacional e em especial o trabalho realizado nas bibliotecas escolares do

município de Londrina, sobre o direcionamento do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*. A *ideia fixa* de uma escola a serviço das demandas do capital formando leitores sobre vertentes tradicionais e mecânicas de ensino estão longe de *emplastar* a solidez de tal proposta, que representa um bom exemplo de trabalho direcionado para formar leitores mirins a mais de dezoito anos.

### 3 BIBLIOTECAS: LEVANTAMENTO HISTÓRICO NO CONTEXTO BRASILEIRO E DE LONDRINA

*Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor [...] a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante mais novo [...].*

(ASSIS, 1998, p.13-14).

A escolha desse trecho de Memórias Póstumas de Brás Cubas do saudosíssimo Machado de Assis deu-se pelas diversas vezes, em que ao longo da pesquisa, encontravam-se impasses diante de poucas informações acerca da história da biblioteca no Brasil. Não há registros sistematizados desde o princípio, apenas poucos fatos ainda soltos em romances que necessitam serem costurados (MORAES, 2006). A intenção aqui não é de alinhar esses fatos. Seria muita pretensão fazer isso. Não caberia nesta dissertação. Apresentam-se então, uma breve reflexão sobre o passado da biblioteca no país e quando possível esse espaço no âmbito escolar.

No princípio da história do país não houve a preocupação de construir ou estabelecer bibliotecas (BONI, 2004; MORAES, 2006;) e, na atual realidade, corre-se o risco desse principal espaço de acesso e mediação de leitura nas escolas ser descrito sobre memórias póstumas. Isso porque, diante da Lei nº 12.244/2010 da Universalização das Bibliotecas Escolares, a organização de inúmeras instituições de ensino não corresponde às demandas da lei e não podem ser nomeadas como biblioteca. Mas e as salas de leitura? Parece ser apenas um nome, mas a identidade da biblioteca se resume a um ambiente de estudo como remete o nome sala? É certo que não. Há quem possa dizer que a biblioteca, no ambiente escolar está entre a “vida e a morte.” A biblioteca escolar como um novo “defunto” sendo rebaixada ao título de sala de leitura.

Ousa-se definir a biblioteca, de forma geral, como um grande cofre de informações, cultura e arte capaz de representar um povo e suas particularidades. Ao não valorizar o espaço em que se arquivam tesouros

correspondentes ao período histórico da cultura humana, perde-se riquezas responsáveis por determinar a identidade do homem e do meio que o cerca.

A escrita torna imortal o homem, sua biografia e cultura. Desprezar a importância da biblioteca é ignorar a própria memória. É entregar os costumes, hábitos e comportamentos históricos e socialmente acumulados ao esquecimento. As heranças expressas nos livros, revistas, jornais e materiais de mídia precisam estar protegidos para que os sujeitos ao longo da história possam apropriar-se dela, locupletar-se aumentando assim o espólio a ser usufruído por si mesmo e por outrem (BONI, 2004).

A importância da biblioteca como um espaço para além de depósito silencioso de livros (BONI, 2004) precisa ser reforçada. O problema cultural do Brasil em jogar o “bebê com a água do banho” transita em todas as áreas da educação. Ao longo de estudos da pesquisadora levantados sobre as diversas temáticas do ensino, a dificuldade repousa sempre sobre o mesmo entrave: o não registro da história.

O não armazenamento das memórias acaba por descontinuar tradições e o recomeço de estudos, praticamente do zero, reforça o poema de Carlos Drummond Andrade – “Havia uma pedra no meio do caminho” (DE ANDRADE, 2002, p.16). Essa “pedra” que há na história dos fatos no país apontam lacunas e dificultam até a composição da identidade da cultura brasileira.

Sendo a biblioteca local de disseminação da cultura e um dos objetos de estudos dessa pesquisa, tentou-se costurar a colcha de retalhos. Na sequência apresenta-se uma breve explanação acerca das primeiras e mais significativas bibliotecas no Brasil, com os principais fatos envolvendo esses espaços tentando estabelecer uma linha temporal. Em alguns momentos, as políticas públicas de acesso à leitura tiveram posição de destaque. As bibliotecas escolares serão mencionadas ao longo do texto, porque não fora possível tratar os dados separadamente.

Após estabelecer o contexto nacional das bibliotecas de modo geral, será exposto o contexto das bibliotecas na cidade de Londrina e o excelente trabalho desenvolvido nas escolas do município com o projeto *Palavras Andantes*. Mais do que garantir às crianças acesso aos livros, a proposta desenvolve professores mediadores de leitura com Educação Continuada, empenhada em prepará-los no trabalho de formar leitores mirins no ato de ler, ou seja, encaminhar a

criança na apropriação da linguagem para que, desse modo, ela objetive-a nas suas relações sociais tomando consciência de quem é e do mundo que a rodeia.

### 3.1 BIBLIOTECA NO CONTEXTO BRASILEIRO: UMA LINHA TEMPORAL

Serão abordados nos tópicos a seguir uma linha temporal das bibliotecas no contexto brasileiro, que vai do Brasil Colônia à atualidade. A intenção desse desenho é tracejar as informações mais relevantes acerca da temática biblioteca ao longo da história no país, a fim de compreender a realidade macro - Brasil e depois a micro - Londrina. É evidente que se fez uma síntese dos fatos, porque não caberia neste trabalho tantos dados. Para isso, foram elencadas as questões mais relevantes para dar ao leitor dessa pesquisa a ideia de como fora e como é a situação das bibliotecas no cenário brasileiro.

#### 3.1.1 Brasil Colônia

Marcado intensamente pela influência religiosa principalmente da Companhia de Jesus, o período colonial iniciado a partir de 1549, é descrito por Rasteli e Caldas (2017, p. 91) como o “alvorecer da história da cultura brasileira”. As primeiras bibliotecas surgem nos segmentos religiosos e em número bem menores de ordem particular (RASTELI; CALDAS, 2017). Quanto aos livros fica difícil mensurar a existência deles no início do século XVI. O que pode ser constatado é que certamente os materiais de leitura eram de cunho religioso (MORAES, 2006).

Os primeiros livros chegaram ao Brasil no período colonial pelas mãos dos jesuítas. Eram usados como instrumento de evangelizar e catequizar colonos e índios (MILANESI, 1993). No final do século XVI, os colégios das cidades de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo tinham uma biblioteca abastecida por livros solicitados pelos padres e enviados pela Coroa Portuguesa. Não eram apenas os jesuítas que possuíam boas bibliotecas. Outros, também de ordem religiosa, exerciam a instrução da população com o recurso dos livros (MORAES, 2006).

Sobre o comando de Marques de Pombal em 1759, os jesuítas foram expulsos e os bens da igreja, inclusive as bibliotecas, foram confiscadas.

Nesse contexto, muitos livros se perderam ou foram danificados. O pouco que restou foi entregue a um bispo designado por Pombal (MILANESI, 1993). Além de embargar os acervos, o governo proibiu a fundação de novos conventos, a instrução leiga e o noviciado (MORAES, 2006).

Em 1808, a biblioteca teve novos rumos. Com a chegada da Coroa Portuguesa veio também “[...] nos porões dos navios, a tipografia para a constituição da imprensa Régia” (MILANESI, 1993, p. 29). Inicia-se a confecção gradual de documentos, administrativos, cartas e mais tarde possivelmente obras, que Moraes (2006) afirma, ser impossível saber se isso de fato aconteceu por não haver fontes consistentes a respeito.

Na mesma época, cerca de 60.000 volumes foram trazidos pela Biblioteca Real em 1811 e armazenado no Hospital da Ordem Terceira do Carmo. Inicialmente manuseá-los era privilégio de estudiosos. Em 1814, o acervo foi aberto ao público em geral. No marco da independência, esses livros passaram a integrar o patrimônio público do país recebendo o nome de Biblioteca Nacional (MORAES, 2006).

Em suma, nos três primeiros séculos do Brasil colônia as bibliotecas foram organizadas por religiosos em conventos, mosteiros e de ordem particular. Moraes (2006, p.152) explica sobre às bibliotecas de denominação pública que “[...] as dos conventos não eram públicas e a Biblioteca Real do Rio de Janeiro já existia em Lisboa e tinha sido somente transferida de sede.” A primeira biblioteca brasileira pública foi fundada em Salvador Bahia, em 1811 (MORAES, 2006).

O interessante é que apesar de seu caráter popular, a biblioteca de Salvador não era uma instituição promovida pelo governo. A iniciativa fora dos cidadãos preocupados em estabelecer a biblioteca para a instrução da comunidade. Sem ajuda do poder público, infelizmente não teve muito êxito. Após a independência, no segundo reinado, surgiram bibliotecas públicas mais autônomas e de iniciativa particular (MORAES, 2006).

Vale levantar alguns pontos do período colonial. Um é quanto ao analfabetismo e outro sobre o desinteresse a leitura. Os que sabiam ler representavam um número limitado e correspondiam a maioria brancos e do gênero masculino. As mulheres encontravam-se quase que esquecidas. As brancas eram escassas. Tinham uma vida de servidão atendendo as demandas do lar mantendo-se longe de qualquer instrução. As que aprendiam a ler eram freiras. As negras e

índias eram tratadas com inferioridade. Essa segregação de gênero com relação a alfabetização começou a mudar lentamente no Brasil independente. A censura e a proibição da tipografia contribuíram para o desinteresse a leitura do brasileiro (RASTELI; CALDAS, 2017).

### 3.1.2 Período da Independência

A partir de 1821, Silva (2006, p.40) apresenta um promissor direcionamento as tiragens de textos e documentos. Com “[...] a abolição da censura aos livros e extinção do monopólio da Impressão Régia, ampliaram-se as publicações e o interesse pela leitura, devido ao crescente interesse pela política e pela independência do país.” No período colonial, havia pouquíssimas bibliotecas e livrarias. Com a chegada da Coroa Portuguesa, esses números foram aumentando lenta e gradativamente (HALLEWELL, 1985).

No segundo reinado, a partir de 1840, a crise financeira proveniente do endividamento pós vitória na Guerra do Paraguai, a interferência do império em questões da igreja e abolição da escravatura afetaram o campo e a cidade. As bibliotecas financiadas pela elite ficaram abandonadas, enquanto as de ordem pública cresciam com doações e leis obrigando as editoras doarem exemplares que fossem publicados (MORAES, 1983). O problema é que diante de uma sociedade tão desigual, em um período histórico com o nível extremamente elevado de analfabetismo no país, passando a margem dos 80% segundo dados do primeiro recenseamento do censo de 1872 (IBGE, 1872), presume-se assim que espaços de leitura eram pouco frequentados.

Vale ressaltar a presença do trabalho escravo da época no país chegando a corresponder a mais de 15% da população brasileira (IBGE, 1872). Outro aspecto relevante no levantamento de 1872 é quanto à terminologia “livres” utilizada para classificar os não escravos. Frente a uma população, em sua maioria analfabeta, a expressão “livres” parece irônica. Desprendidos de algemas e presos à ignorância. O que representa a liberdade de homens fechados para o mundo das letras? Fica a reflexão. Isso remete à famosa frase de Monteiro Lobato “um país é feito de homens e livros”. Nem um nem o outro, em sua singularidade, podem transformar uma realidade.

Mais do que pensar no desenvolvimento da sociedade pela escrita,

Monteiro Lobato teve um papel importantíssimo na impulsão da indústria dos livros no país. Como a tipografia concentrava-se nos grandes centros, Lobato em 1918 sendo dono de uma editora, articulou a distribuição de diferentes tipos de obras em regiões do interior, propondo aos comerciantes de diferentes ramos, a venda de livros. Isso disparou o consumo de materiais de leitura nas localidades mais longínquas. Atitudes como essa ainda são necessárias hoje, já que as grandes editoras se concentram em regiões centrais. Os preços do transporte acabam por limitar a aquisição de livros. Outro importante dado é, que nesse período o público infantil também começou a ter representatividade na escrita de Lobato e de inúmeros autores (HALLEWELL, 1985).

No apanhado das informações acerca das bibliotecas até aqui, pode-se identificar lacunas, falta de informações e registros do passado. O que, por si só, representa a desvalorização das bibliotecas, reconhecida por arquivar livros, jornais, fotos, mídias e memórias. Em síntese, havia ações de distribuição de livros e poucas voltadas ao desenvolvimento de leitores. Vista a quantidade de analfabetismo da época na casa dos 80% (IBGE, 1872) fica implícita a necessidade mais do que dar acesso aos livros, a população precisava dominar a língua.

Na pesquisa especificamente da biblioteca escolar, as referências são ainda menores. A presença das BEs teve até esse momento histórico grande influência religiosa, assim como na instrução. As instituições de ensino só obtiveram forças no movimento da Escola Nova em meados de 1930, quando muitos debates se erguem sobre a organização do sistema educacional e a ampliação do acesso ao ensino pela população (BRASIL, 2011; ÓRIA, 2017).

### 3.1.3 A Era Vargas e a Ditadura Militar

O momento político conhecido como Terceira República ou Estado Novo instaurada por Getúlio Vargas em 1937 estabeleceu a geração de novas bibliotecas, o estímulo ao mercado editorial e a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), por meio do Decreto-Lei nº. 93 de 21 de dezembro. Outras leis foram aplicadas para impulsionarem o acesso aos livros, dentre elas, o Decreto-Lei nº. 8.460, de 26 de dezembro, que determina a organização, produção e uso do livro didático dando suporte ao ensino básico (BRASIL, 2011; ÓRIA, 2017).

O crescimento das indústrias e a migração da população para os

centros urbanos conduziram o governo a criar órgãos reguladores com o objetivo de manter a “ordem” censurando ações culturais e aos veículos de comunicação. O INL incorporado às bibliotecas públicas eram geridos pelo governo. Uma administração totalitária, sem políticas públicas voltadas as bibliotecas públicas, preocupado com a disseminação de materiais de leitura aprovados pela censura. Nessa ocasião, também fora aberta a edição de livros para autores brasileiros, sujeitos ao aceite da censura. Entre 1946 a 1964 não representou grandes mudanças com relação as políticas públicas para as bibliotecas (MEDEIROS; DE ALMEIDA; VAS, 2014).

Na sequência histórica, o país vivia a Ditadura Militar de 1964. Dois anos após a instauração dos militares no poder, uma nova organização do livro didático foi estipulada pela Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED). Ainda que nesse período cerca de 51 milhões de livros foram distribuídos gratuitamente, os tempos eram difíceis, marcados pela censura, restrições e proibições (BRASIL, 2011; ÓRIA, 2017).

Um diagnóstico sobre a biblioteca realizado por intelectuais nesse período apontou várias problemáticas como: materiais e estruturas precárias, falta de equipamento e recursos humanos para a gestão e organização dos espaços, além de constatar a necessidade de criação de mais bibliotecas e impulsão da indústria editorial ao longo de todo o território brasileiro. Esse mapeamento também serviu para avaliar os títulos considerados “inapropriados” para os interesses do governo (MEDEIROS; DE ALMEIDA; VAS, 2014).

A descontinuidade e rotatividade de pessoal sobre o comando das bibliotecas e de programas dirigidos a ela apontam lacunas nesse período histórico. Os avanços promovidos à biblioteca no Regime Militar pairaram muito no mercado da indústria do livro marcado por aspectos quantitativos e não qualitativos. O campo editorial voltou-se ao setor privado, que submetia suas publicações a avaliação do governo (MEDEIROS; DE ALMEIDA; VAS, 2014).

Um aspecto extremamente relevante, é que autores do gênero infantojuvenil como: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Carlos de Marigny, Fernanda Lopes de Almeida, Sérgio Caparelli entre outros rompeu as barreiras da repressão passando despercebidos, já que os leitores mirins faziam parte de um segmento ignorado. Nos anos 1980 foram implantadas Salas de Leitura nas escolas. O governo passou a ser o principal cliente das indústrias editoriais. As instituições de ensino tiveram seus acervos fartamente abastecidos com materiais

de leitura correspondentes as “regras” do governo militar preocupado em promover um ensino que atendesse as demandas do mercado (BORDINI, 1998).

Com o Programa Salas de Leitura, especialistas impulsionaram a seleção de título de qualidade. Esses livros deram um novo rumo à formação leitora das crianças, não só como um suporte de ensino da língua e inserção cultural, mas civilizatório e emancipatório. Títulos voltados à realidade expressando temas do cotidiano, por meio da arte desvelando as mazelas sociais, bem como possibilidades de romper problemáticas (BORDINI, 1998). Isso dá ao leitor representatividade. A identificação com a obra causa a necessidade do ato (ARENA, 2003).

Vale a ressalva de que o nome dado as BEs era de Sala de Leitura. A nomenclatura reforça a ideia de um espaço como outra sala qualquer. A qualquer demanda nova de alunos, poderia ser desmontada para tornar-se sala de aula (SILVA, 2006). A alteração do nome minimiza a relevância pedagógica, social, humana e histórica da BE que não é uma extensão dos ambientes de ensino, e sim parte fundamental na formação do leitor no ato, ou seja, reflexivo, crítico e imbuído de cultura erudita responsável por manar transformações em si mesmo e no meio social (SAVIANI, 2011; DUARTE, 2013).

#### 3.1.4 A Nova República: do princípio à atualidade

Em 1985, o país passava por um tempo de transição para a democracia. Um novo governo assume o poder das mãos dos militares, de forma indireta. Em 1990, um presidente eleito por voto direto toma posse, diante de uma campanha carregada de promessas de reforma do Estado. Dois órgãos/programas direcionados à leitura e à biblioteca foram criados em 1992, com o Decreto Presidencial nº. 520. O SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, com a intenção de fortalecer as Bibliotecas Públicas do país e o PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura, “[...] que vem se estruturando como rede de educadores/mediadores de leitura, em busca de uma resultante mais efetiva na relação Estado-sociedade (representada pelos Comitês) em defesa do direito à leitura” (BRASIL, 2011, p.10).

Nesse cenário é lançado o manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar preparado pela IFLA e aprovado pela UNESCO. Após os anos 90 na Conferência Geral, este órgão passa a defender a biblioteca escolar afirmando que

ela (IFLA/UNESCO, 2000, p.1) “[...] promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.” O documento aborda a missão, objetivos, financiamentos, serviços e aplicação dos dados descritos, vislumbrando a relevância desse espaço de leitura na escola. Defende também o trabalho articulado entre professores e bibliotecários para melhor atingir os objetivos acima.

Em 1997, o PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola foi criado com a finalidade de dar acesso aos estudantes e professores à informação, cultura e ao conhecimento produzido pelo homem histórico, socialmente e democratizando a escrita. As bibliotecas escolares do Ensino Fundamental de todo o país passaram a serem alimentadas com acervos enviados pelo governo, de forma alternada, entre os anos iniciais e finais (BRASIL, 2011).

O programa passou em 2005 por uma avaliação para estabelecer um diagnóstico das ações anteriores e promover novas metas. No ano de 2006, todas as escolas de Educação Básica: Educação Infantil, ao Ensino Médio e a modalidade Educação de Jovens e Adultos receberam materiais de leitura de forma sistemática organizada por um cronograma anual (BRASIL, 2011).

Ao reconhecer o boom da tecnologia iniciado nos anos 1990 e ganhando força nos anos 2000, percebem-se mudanças gradativas nas relações sociais de trabalho, estudo e o acesso às informações. Nesse contexto, a biblioteca caberia acolher as novas mídias, oferecendo de modo gratuito e público, conexão à internet, abrindo em especial às pessoas mais carentes a possibilidade de consultar documentos e conhecimentos em bases de dados maiores do que permite o espaço físico de uma biblioteca (JANNUZZI; LOUREIRO, 2003).

Nessa circunstância, os resultados levantados pelo IBOPE na primeira edição do INAF - Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (2001) apontam que apenas 36% dos investigados, na faixa de 15 a 64 anos de idades, afirmam frequentar as bibliotecas ou espaços que realizam empréstimos de livros. Compreende por analfabeto funcional a pessoa incapaz de ler e escrever conteúdos referentes à demanda do contexto ao qual pertence. O público enquadrado nessa classificação era de 9% da população. Ou seja, mesmo passando pelos bancos escolares esses sujeitos não desenvolveram capacidades para compreender textos simples (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2001).

O acesso a livros é base para desenvolvimento de leitores, no entanto, não basta. O Programa Livro Aberto de 2004 a 2011, impulsionou a ampliação e modernização de bibliotecas públicas no Brasil. Foram criadas 1.705 novas bibliotecas e modernizadas 682 espaços já existentes. Mas ainda faltava uma proposição do Estado que contemplasse ao acesso, distribuição de livros, Educação Continuada aos professores, impulsionamento e valorizando a leitura (BRASIL, 2015).

Os programas do governo apresentados no decorrer do capítulo, empenharam-se em distribuir livros. Com uma nova estratégia o PNLL - O Plano Nacional do Livro e Leitura de 2005 foi projetado para impulsionar a leitura sobre quatro eixos: Democratização do acesso à leitura; Fomentar a leitura e à formação de mediadores; Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; e Desenvolvimento da economia do livro. Em 2018, o PNLL e PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita passam a caminhar juntos. O PNLE veio para institucionalizar como responsabilidade do Estado a construção e revisão permanentes de Planos voltados para o setor do livro, da leitura e das bibliotecas (BRASIL, 2006).

O PNLL culminou na criação do prêmio *Vivaleitura* empreendido em 2005 e convertido a política pública permanente com o objetivo principal de fomentar a leitura no país. O prêmio incentiva a leitura em espaços escolares, bibliotecas, instituições, entidades e residências. Quatro iniciativas de promoção de leitura são premiadas nas seguintes categorias: 1) “Bibliotecas Públicas, Privadas e Comunitárias”; 2) “Escolas Públicas e Privadas”; 3) “Promotor de leitura (pessoa física); e 4) “ONGs, universidades/faculdades e instituições sociais”, que desenvolvam trabalhos na área de leitura (BRASIL, 2006). No ano de 2008 o projeto *Palavras Andantes* foi premiado pelo *Vivaleitura* na categoria 2 concorrendo com outros 1095 projetos.

Em 2019, as políticas de fomento à leitura nas palavras da deputada federal Fernanda Melchionna pairaram em um estado de “paralisia”, o que a levou a encaminhar um ofício ao Ministério da Cultura questionando o descumprimento das ações governamentais na área do livro e da leitura. O documento cobrou “informações acerca da execução de ações do Plano Nacional do Livro e da Leitura, previsão orçamentária para o cumprimento de suas diretrizes e organização do Prêmio *Vivaleitura*”. Segundo a deputada uma série de desmontes do governo

estariam interrompendo o desenvolvimento de planos voltados ao fomento a leitura. A extinção de alguns órgãos, colegiados e comitês estagnou o trabalho do PNLL. Ao final do documento o governo se comprometeu com a implantação de orçamento para o plano em 2020. A lei Nº 13.696, de 12 de julho de 2018, reforça o desenvolvimento das ações do PNLL, PNLE e do Prêmio *Vivaleitura* (BRASIL, 2019a).

Ainda que o número de políticas de desenvolvimento da leitura no país tenha crescido, a descontinuidade parece ser marca registrada das ações do governo. Isso justifica a escolha da metáfora de Cubas do início deste capítulo. São tantas idas e vindas, remodelagens e rupturas nas propostas públicas de fomento a leitura, que fica difícil identificar se as políticas existem, se estão em pleno funcionamento ou se são “defuntos” e o que aqui tratou-se é memórias póstumas. Não basta uma política pública para que de fato ela seja desenvolvida. Há de se ter amparo legal. E mesmo o que é lei no país não há garantias. Os fenômenos são apenas aparências distorcidas. A essência retrata as mazelas como Brás Cubas. Seu estado de “morto” permite-o falar a verdade. A pesquisa tomou tal estado.

Tão verídico é tal fato de que neste país há leis para garantir direitos e leis repousas nas aparências, que em 24 de maio de 2010 é promulgada a lei nº 12.244 de referente à Universalização da Biblioteca Escolar no Brasil e muitas de suas determinações encerram-se no documento escrito. Dez anos depois as atribuições legais não se cumpriram. A lei prevê que todas as escolas públicas e privadas devem contar com esse espaço de leitura, com materiais para pesquisa, fruição e consulta, com um bibliotecário atuando sendo obrigatório no mínimo um título disponível por aluno matriculado, cabendo ao sistema de ensino a ampliação do acervo (BRASIL, 2010).

Maio de 2020 correspondia ao período final para vigorar uma lei. A PL - Projeto de lei nº 5656, de 2019 prorrogou o prazo para 2024. A exigência da PL é de que “§ 3º Ao menos 50% (cinquenta por cento) de cada meta vinculada aos esforços progressivos de universalização de bibliotecas escolares “[...] deverão ser cumpridos até 2020 pelos sistemas de ensino, conforme o disposto em regulamento” (BRASIL, 2019c, p.5).

O alargamento do prazo da lei da Universalização da Biblioteca Escolar era evidente. Uma lei feita sem os devidos cuidados quanto a definição do que corresponde a biblioteca, ao número de locais a serem feitos e profissionais

habilitados necessários para o cumprimento da lei. Uma meta um tanto quanto ousada, que parece mais com discurso político pretensioso em época de eleição para ganhar votos. O resultado é bem longe do esperado.

Os números retratados no texto *Bibliotecas Escolares no Brasil: uma análise da aplicação da lei nº 12.244/2010* de autoria de Ricardo Oriá, Consultor Legislativo da Área XV Educação, Cultura e Desporto, apontam uma realidade manchada pela precariedade. Dentre as escolas brasileiras Oriá (2017, p.17), destaca que “[...] somente 25% possuem biblioteca escolar em sua infraestrutura, ou seja, cerca de 75% das escolas brasileiras estão desprovidas desse importante recurso didático-pedagógico, a biblioteca.” O documento faz uma crítica quanto a impunidade diante do descumprimento da lei “[...] contribuindo para aquele velho jargão popular que diz que a referida Lei se tornou, de certa forma, “letra-morta”” (ÓRIA, 2017, p.14).

Além da lei da universalização não ser efetivada em sua máxima, uma questão que merece total atenção é quanto nome dado ao espaço das BEs. Os órgãos públicos que não atenderem às ordens dentro das especificidades da lei, não poderão usar mais à nomenclatura biblioteca, retrocedendo a terminologia Sala de Leitura. Volta-se a epígrafe inicial do capítulo. A BE pode estar como Brás Cubas, sendo referida em memórias póstumas.

De fato, quando os dados são apurados a respeito da biblioteca escolar no Brasil, fica evidente que não foi realizado nem um levantamento mínimo antes de projetar a lei. Nem os mais otimistas poderiam vislumbrar o seu cumprimento. Silva (2013) classificou que seriam necessárias 108.546 bibliotecas escolares de 2012 a 2020. Em outros termos, 108.546 profissionais habilitados para a contratação; 13.568 bibliotecas escolares por ano; 1.130 bibliotecas escolares por mês; e aproximadamente 37 bibliotecas escolares por dia. Tudo isso sem haver um projeto nacional voltado a atender as demandas da lei, em um prazo muito curto frente à realidade e inviável diante do quadro em que se encontra esse segmento no país.

Em linhas gerais, as bibliotecas públicas e escolares no país nunca tiveram sua importância e representatividade reconhecidas. Esbarram, por vezes ao longo da história, na descontinuidade do trabalho, na precariedade nos espaços, nos recursos materiais e humanos. O vandalismo, pichação, furtos e depredações, fazem parte da realidade dos espaços públicos em geral, e isso não é diferente em

ambientes de leitura. O que revela no brasileiro, o não sentimento de pertencimento dos bens públicos (RIBEIRO, 2008).

Uma pesquisa realizada pelo SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas apresenta um levantamento de forma geral acerca das bibliotecas no Brasil. O país, no período de 2015 contava com 6.057 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, nos 26 estados e no Distrito Federal. A região sul é a terceira dentre os cinco cantos do território nacional, com 1.293 bibliotecas (BRASIL, 2015).

No Paraná são pouco menos de 500 bibliotecas públicas tendo 399 municípios. Em Londrina, segunda maior cidade do estado, tem apenas uma Biblioteca Pública Municipal Professor Pedro Viriato Parigot de Souza, localizada no centro da cidade (BRASIL, 2015). Esta unidade é central, outras sete bibliotecas estão espalhadas pela cidade e compõem o SBPML - Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais (LONDRINA, 2019).

A cidade de Londrina tem pouco mais de meio milhão de habitantes (IBGE, 2018b). Fica claro que só essas bibliotecas não atendem à demanda. Assim, desde 2002 com a implantação do projeto *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*, os espaços de leitura nas instituições de ensino foram organizados ganhando um novo encaminhamento. Hoje apenas três de 87 escolas não possuem esse espaço físico de leitura. Pode-se identificar que o acesso aos livros no município é garantido em grande parte pelo *Palavras Andantes*, principalmente nas áreas distantes das bibliotecas públicas municipais.

Na próxima seção, será abordado o contexto histórico do município londrinense e como se organizaram as BE - bibliotecas escolares sob orientação do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*. A articulação dessa proposição será apresentada em dois segmentos distintos. Primeiro, um reconhecimento da realidade das BE da cidade e os direcionamentos iniciais do *Palavras Andantes*. Depois, é exposto o desenvolvimento do projeto até atualidade.

### 3.2 SURGIMENTO DAS BIBLIOTECAS EM LONDRINA

Fundada em meados de 1930, a cidade dos pés vermelhos fica situada no Norte do Estado do Paraná. A segunda maior cidade do Estado a jovem metrópole é reconhecida pela fertilidade de suas terras e pela produção de café,

determinante no crescimento econômico, cultural e social da cidade (LONDRINA, 2014). O surgimento da cidade e sua expansão territorial foi impulsionada por investidores estrangeiros com a criação da Companhia de Terra do Norte do Paraná, responsável por organizar a venda e compra de terra (BONI, 2004).

A primeira caravana a chegar na cidade foi composta por imigrantes ingleses. Cerca de trinta anos mais tarde, outras etnias ocuparam Londrina dificultando a comunicação. Nessas circunstâncias, o agrupamento dos imigrantes dos mesmos lugares, foi inevitável. Fundaram, ainda que de modo informal, o primeiro espaço de ensino Escola Alemã do Heimtal em 1931. Na sequência, a Escola Japonesa em 1933, cada qual em seu idioma. Para os brasileiros nenhuma instrução havia sido pensada. Inconformada com essa situação, Virginia Barduco, considerada a primeira professora, começou a dar aulas particulares de modo informal na língua materna (BONI, 2004).

Em 1934, agora de modo formal, fundou-se a instituição pioneira em língua portuguesa conhecida por Escolinha. A grande demanda acarretou vários problemas. Aos poucos surgiam mais escolas, que não correspondiam às necessidades de vagas da população. Faltavam espaços de ensino, educadores e o acesso era restrito. Assim, iniciou-se o ensino em Londrina sobre improvisos e reivindicações dos populares. Em 1937 o Grupo Escolar de Londrina substituiu a “escolinha” (BONI, 2004).

Em 1936, o Instituto Mãe de Deus passou a funcionar de forma precária e atendendo pouco mais de cinquenta alunos. Com o decorrer dos anos, a demanda crescia e a escola buscava responder a essa necessidade. Em 1953, a instituição passou a ser chamada de Colégio Mãe de Deus. Na atualidade, a escola recebe alunos da educação infantil ao ensino médio (BONI, 2004). A respeito da estrutura física a instituição tem biblioteca escolar, conta com um acervo atualizado e cumpre satisfatoriamente as diligências do público de escolares que a frequentam (SILVA; ARAÚJO, 2014).

A primeira escola estadual foi o Grupo Escolar de Londrina (Hugo Simas) fundada em 1937 apresenta-se como uma das instituições de ensino mais tradicionais da cidade. Desde 1976 a escola passou a ser denominada como Escola Hugo Simas (BONI, 2004). Correspondendo a essa relevância histórica em Londrina, a biblioteca do colégio funciona com materiais de leitura de qualidade, modernos e clássicos. Diante do crescimento populacional da cidade, novas instituições de

ensino de todos os segmentos, foram inauguradas na sequência (SILVA; ARAÚJO, 2014).

A primeira Biblioteca Pública de Londrina foi criada em 1940, pelo Decreto nº 78. Seu espaço resumia-se a um porão no antigo prédio da prefeitura. Só onze anos mais tarde, em 1951 é que de fato fora inaugurada. Recebeu o nome em homenagem ao Professor Pedro Parigot de Souza. Depois de várias mudanças de espaço físico e a necessidade de atender às diligências, suas instalações foram para o antigo tribunal do júri do Fórum no centro da cidade, onde funciona até o presente momento (LONDRINA, 2019).

No segmento escolar, a primeira biblioteca surgiu em 1971 com o nome Carlos Kraemer chamadas de salas de leitura ou biblioteca sucursais. A proposta inicial era atender às carências de leitura da comunidade, no entanto era restrita a uso da escola. Sem um direcionamento específico quanto à implantação de bibliotecas, em especial nas escolas, aos poucos outros espaços foram surgindo sendo 40 espalhadas pela cidade até a década de 1990. (SILVA, 2006).

No trabalho História das Bibliotecas Escolares em Londrina de Silva e Araújo (2014) trazem um dado relevante levantado por Coutinho (1959) acerca dos interesses de leitura dos frequentadores da biblioteca pública de Londrina. Os acervos mais buscados são do gênero infantil. Silva e Araújo (2014) destacam diante desse quadro, a importância de bibliotecas nas escolas para responderem às necessidades de leitura das crianças. Vale salientar que as bibliotecas públicas são distantes dos bairros, em especial, onde residem os mais carentes. O que reforça por si só, a necessidade de bibliotecas nas instituições de ensino.

O crescimento de Londrina a partir da década de 1970, nos aspectos sociais, populacionais e econômicos exigiam investimentos no ensino. Lenta e gradativamente novas instituições foram surgindo. A BE ainda não tinha seu valor reconhecido, frente à dificuldade de primeira ordem que era a de acesso aos bancos escolares. As bibliotecas itinerantes ou ambulantes, como eram mais conhecidas, eram uma possibilidade de atender as necessidades da rede pública. Nas escolas privadas as BE eram bem equipadas (SILVA; ARAÚJO, 2014).

Em 2012, por meio da Lei Municipal nº 11.535, foi criado o SBPML - Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais para integrar e interligar as Bibliotecas Públicas Municipais da cidade. A Biblioteca Professor Pedro Viriato Parigot de Souza é considerada sede do sistema e é de onde são coordenadas todas as demandas:

projetos, processamentos técnicos e procedimentos das demais unidades: Biblioteca Especializada Infantil; Ramal Vila Nova; Especializada de Arte "Francisca Campinha Garcia Cid"; Ramal Lupércio Luppi; CEU - Centro de Artes e Esportes Unificados; Biblioteca Pública Municipal João Milanez (Sala Londrina) e Municipal "Eugênia Monfranti" (LONDRINA, 2019).

A Biblioteca Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza (1951) conta com mais de 100 mil itens dos mais variados interesses do conhecimento e cultura e tem capacidade de atender 250 pessoas. Localizada no centro da cidade oferece serviços de empréstimo, espaços para pesquisa e leitura, palestras, oficinas e projetos com o objetivo de fomentar a leitura como o "Literatura na Biblioteca" com debates e palestras, "Toda quinta tem história" com contação de história para o público infantil e o "Estreia na Biblioteca" com exposição de títulos inéditos (LONDRINA, 2019).

Em 1984, para atender o público infantil foi inaugurada a Biblioteca Especializada Infantil anexa à Biblioteca Pública Municipal. Em 2016, ganhou novo e amplo espaço funcionando até hoje na atual Secretaria da Cultura, no centro da cidade. As atividades realizadas nesse espaço são: contação de história, oficinas, lançamentos de livros, visitas mediadas e empréstimos de livros. O espaço comporta 30 pessoas (LONDRINA, 2019).

Criada em 1993, a Biblioteca Pública Municipal João Milanez (Sala Londrina) conta com acervos especializados que vão de suportes físicos aos midiáticos com obras históricas e de literatura sobre a cidade de Londrina e do Paraná. Recebeu esse nome em homenagem ao jornalista fundador do Grupo Folha de Londrina. Pode-se referenciá-la como museu bibliográfico do município e do Estado com ênfase na década de 50 (LONDRINA, 2020a).

A Biblioteca Ramal Vila Nova ou Padre Avelino de Carli - 1996, funciona em um pequeno espaço com capacidade de atender 20 usuários. Com um acervo destinado para público infantil a adulto, o objetivo desse espaço é de dar acesso à cultura pelo fomento à leitura. Localizada na região central no bairro Vila Nova (LONDRINA, 2019). A Biblioteca Especializada de Arte "Francisca Campinha Garcia Cid" está instalada no pavimento do subsolo do Museu de Arte de Londrina. Seu acervo especializado em arte é referência no segmento na região (LONDRINA, 2020a).

No bairro Maria Cecília zona norte da cidade, fica a Biblioteca Ramal

Lupércio Luppi. Equipada com um “[...] acervo com mais de 10 mil títulos e gibiteca com 900 títulos, dispõe ainda de 10 computadores conectados à internet de acesso público gratuito” (LONDRINA, 2020a). As atividades desenvolvidas nesse ambiente voltam-se à disseminação da cultura escrita por meio da contação de história, pesquisa, exposição e acesso à leitura. O espaço é aberto para palestras, exposições, eventos e atividades voltadas ao fomento à leitura, mediante solicitação aos responsáveis. O atendimento acontece de segunda a sexta no período vespertino das 12h às 18h (LONDRINA, 2020a).

Na região Oeste de Londrina, fica a Biblioteca do CEU - Centro de Artes e Esportes Unificados. A estrutura física fornece acessibilidade ao usuário. O espaço tem capacidade para atender 15 pessoas. Os serviços oferecidos são de empréstimo, consulta, orientação à pesquisa e ações culturais voltadas ao incentivo à leitura (LONDRINA, 2020a).

Biblioteca Municipal "Eugênia Monfranati" localizada na região sul no Jardim Itapoã tem capacidade para atender 70 pessoas. O local conta com um espaço acessibilidade física em todos os seus ambientes e vaga de estacionamento exclusivo para idosos e portadores de deficiência. É a única unidade planejada com mobilidade a todos os usuários. Com 500 metros quadrados tem diferentes salas destinadas a oficinas, estudo e leitura. Conta com cerca de 4 mil exemplares que atendem as mais várias áreas de conhecimento e interesses (LONDRINA, 2020a).

A seguir apresenta-se a figura com o mapa da cidade de Londrina, sinalizando as localidades das Bibliotecas Públicas espalhadas pela cidade:

**Figura 1 - Mapa das Bibliotecas Públicas de Londrina-PR**



**FONTE:** Secretaria da Cultura de Londrina - 2020

Ainda que haja oito unidades formando o Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais do município fica evidente, diante da extensão territorial de Londrina e com a população estimada em 570.000 habitantes (IBGE, 2018b), a necessidade de acesso à leitura nas escolas, em especial nas regiões periféricas. O mapa apresentado anteriormente, demonstra a concentração das bibliotecas da cidade londrinense na região central da cidade.

Ao final do século XX, 56 escolas da rede contavam com bibliotecas (ABRAMO, 2001). A realidade estava longe do esperado. Espaços mal estruturados, algumas eram depósitos de livros, outras, almoxarifados. O acesso aos livros era restrito. O medo de danificar ou extraviar o acervo impedia a escola de emprestar seus livros. Em resumo, tais BEs não eram um espaço adequado para mediação de leitura. O que justificou a implantação do projeto *Palavras Andantes* em todas as escolas respondendo às necessidades dos leitores mirins em formação.

Na atualidade, os dados do último censo 2018 com relação à educação municipal apontam que o município conta com 87 escolas da Rede Municipal do Ensino Fundamental I atendendo aproximadamente 27.000 estudantes, tendo uma média municipal do último IDEB de 2017 é de 6,8 (IBGE, 2018a). Dessas escolas, apenas três não possuem BE. Nessas instituições sem o espaço físico, os livros chegam até aos alunos de forma itinerante (VIRGÍLIA).

Um dado interessante e que chama a atenção é que desde 2007, Londrina vem superando a meta do município no IDEB com 5 pontos em média e em um dos anos mantendo-se nela (IDEB, 2017). De 2005 a 2017, o avanço na nota de língua portuguesa foi de quase 50 pontos. Em Língua Portuguesa, 78% dos alunos estão nos níveis proficiente e avançado, ou seja, aprenderam o resultado adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano, diante da escala do SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica superando a meta esperada para 2022.

Frente a esses números podemos destacar o desenvolvimento do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* que vem sendo executado no município desde 2002. É o fato que não se pode atribuir tal indicativo apenas a esse projeto. Mas é patente que algo vem sendo desencadeado no trabalho escolar na cidade, refletindo dados positivos no índice. A seguir, será apresentado o surgimento do projeto com levantamento da realidade das BE antes da implantação do *Palavras Andantes* até o seu desenvolvimento na atualidade.

### 3.3 PRIMEIROS PASSOS DO PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES*

O projeto nasceu da insatisfação do professor da HC - Hora do Conto Prof. Rovilson José da Silva que trabalhava na Rede Municipal de ensino em Londrina. Não havia uma biblioteca organizada, em sua escola para expor livros que os alunos pudessem manusear e levar para casa. Uma “biblioteca viva”, como frisou o educador em entrevista, em que os livros circulassem pelas mãos dos alunos. Sua inquietação frente aos resultados da leitura no país apresentados no último relatório da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), cuja classificação foi uma das últimas na lista de 32 países, junto ao dilema de como mediar a leitura e formar leitores na escola, deram corpo a proposta (SILVA, 2006).

Segundo o Prof. Rovilson, a sua infância foi marcada pelos livros. O acesso aos materiais de leitura o constituiu como um leitor formado. Como professor pesquisador, investigou e visitou várias escolas em Londrina, onde constatou uma realidade alarmante. Muitas escolas não tinham biblioteca e os melhores livros eram mantidos guardados para não estragar, o que presunha o questionamento: Como formar leitor sem que eles manipulem os livros? Isso ressaltou ainda mais a indignação do professor frente aos locais pesquisados, porque se deparava com almoxarifados e depósitos de livros, chamados erroneamente de bibliotecas (SILVA, 2006).

O educador Prof. Rovilson projetou a reorganização do espaço na escola em que atuava. Diante da mudança gerada em seu ambiente de trabalho, o projeto passou a ser desenhado, para ser desenvolvido em toda a rede municipal. O Prof. Rovilson enviou a SME - Secretaria Municipal de Educação de Londrina, a proposta de efetivar o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* em toda a Rede Municipal de ensino de 1ª a 4ª série na época, hoje 1º ao 5º ano. Além da formação dos professores e, conseqüentemente, uma nova proposta com a HC, o espaço físico passou a ser projetado.

As metas iniciais do projeto em resumo voltavam-se ao levantamento de informações sobre espaço, acervo, organização dos estudos nos encontros mensais, calendário e critérios, firmar parceria com biblioteca pública, reconhecimento dos profissionais enquadrados no grupo e os locais de leitura das escolas registrando em foto e escrita. Saber a realidade para direcionar o trabalho

(SILVA, 2006).

Documentos contendo: Programa de Educação Continuada, questionário traçando o perfil dos profissionais que atuavam na HC, Normas para registro de acervos, Ficha com levantamentos acerca das BEs do município, Proposta pedagógica da BE e pré-requisitos para organizar o espaço e mobília da BE foram produzidos durante a implantação do projeto *Palavras Andantes* e estão na íntegra na tese de Silva (2006). A proposta dá início a um plano bem elaborado de encaminhamento a concepção de leitores mirins. A consistência desde o princípio do trabalho pensando na estrutura física da BE, acervo, profissional capacitado e em Educação Contínua responde por si só a permanência do projeto há dezoito anos.

Quando o *Palavras Andantes* começou a ser desenvolvido nas escolas municipais londrinenses havia 79 escolas sob o amparo da SME, atendendo cerca de 29 mil alunos. Silva (2013, p. 359) apresenta que “[...] nessa época, havia 50 bibliotecas cadastradas na SME, entretanto, seu funcionamento era irregular e, aproximadamente, 1/3 delas estava fechada, ou seja, na realidade, apenas 30 estavam em funcionamento pleno.” Outro dado importante é que “[...] quase todas mantinham um professor que contava histórias, além de realizar empréstimos” (SILVA, 2006, p. 62).

Mesmo as escolas afirmando a existência de uma biblioteca, alguns espaços mais pareciam com almoxarifados e depósitos de livros do que um local de leitura. Havia problemas de ordem, estrutural, organizacional e político pedagógico no desenvolvimento do trabalho. Os livros recebidos pelo governo não podiam ser emprestados aos alunos, pois havia o receio de estragá-los ou perdê-los (SILVA, 2006).

Foram identificados diferentes aspectos nas bibliotecas escolares da época: os almoxarifados que correspondiam a um ambiente cheio de coisas nada pedagógico e desorganizado; depósitos: materiais em desuso amontoados nesse espaço; mobiliário inadequado, perigoso para os alunos; biblioteca despensa improvisada sem espaço para o aluno ler; biblioteca pátio também improvisada, desorganizada (SILVA, 2006). Essa situação fora constatada também em muitas das BEs analisadas em trabalhos arguidos no levantamento bibliográfico feito no início dessa dissertação, afirmando que a precariedade na BE é realidade de muitas escolas brasileiras.

Outras questões como falta de um espaço de leitura, o não

empréstimo de livros, bibliotecas fechadas, era a de profissionais da HC tidos como readaptados por questões de saúde que muitas vezes cumpriam outras funções na escola como a de substituir regente, ajudar com demandas da sala de aula, revelam que o trabalho na biblioteca escolar não era valorizado e a qualquer outra necessidade ele era interrompido (SILVA, 2006).

Anterior ao *Palavras Andantes* a HC já acontecia. O trabalho resumia-se a didatização da língua. A mediação da leitura era feita com a intenção de realizar uma atividade. Ler como pretexto para realizar tarefas da língua portuguesa, correspondendo a um espaço apenas de extensão da sala de aula (LAJOLO, 1991). Na implantação do projeto, essas práticas foram repensadas, a fim de formar leitores mirins para o ato de ler.

Nas pesquisas iniciais de Silva (2006) acerca dos profissionais a frente do HC, levantou-se um grupo com 89 professores sendo apenas três homens e o restante mulheres, com idade entre 30 e 40 anos. Cerca de 40% atuando em média entre 15 a 20 anos na educação. Isso confirma o olhar preconceituoso lançado aos profissionais lotados<sup>1</sup> na BE, responsáveis pela HC, pois estavam ali para “descansar” depois de anos lecionando em sala de aula. Mais da metade desses professores, não possuía educação específica destinada a formar leitores. Eles mencionaram a necessidade de imersão em estudos para melhor desempenhar as suas funções.

O professor da HC respondendo a SME participava de reuniões mensais no período matutino, ficando de fora os educadores atuantes da BE do horário vespertino. Os encontros eram dirigidos por responsáveis pela Biblioteca Pública Municipal. Nesses momentos eram apresentadas estatísticas e orientações. Tais direcionamentos previam apenas aspectos relacionados à conservação e manutenção dos livros. Faltava pensar o trabalho no âmbito da leitura, formando o mediador (SILVA, 2006).

O perfil dos profissionais da HC na ocasião do início do projeto *Palavras Andantes* era marcado pela baixa autoestima. Vários readaptados. O trabalho desse educador não era valorizado. Professores que estavam nessa função por entendê-la como desnecessária e pouco significativa no desenvolvimento do aluno. Rompendo com essa descrição, a Educação Continuada daria aporte teórico e prático aos sujeitos estabelecendo trocas entre os educadores e isso melhoraria a sua autoconfiança. “O professor não é apenas um consumidor de conhecimento,

mas ele em sua ação pedagógica torna-se também um produtor” (SILVA, 2006, p. 91).

Agora reconhecidos como: PROB - Professor Regente de Oficina de Biblioteca, os educadores da HC tiveram a autoestima alimentada a cada encontro da Educação Continuada. Na práxis dos estudos dos encontros os educadores sentem-se confiantes, descaracterizando o rótulo de professor readaptado, “promovido” a uma função de “folga” ou porque não dá conta de uma sala de aula. Resgatando o prestígio desses profissionais, a biblioteca passou a ser o coração da escola, pulsando e bombeando leituras por meio da mediação de um sujeito preparado para tanto. Além de estudos, a imersão cultural do professor fora estabelecida. Encontros de relação com a arte: museus, feira de livros, teatro, cinema dentre outros são promovidos e incentivados pelo *Palavras Andantes* (SILVA, 2006).

As ações da Educação Continuada de cada ano seguiam como agora, um cronograma de estudos pertinentes para melhor mediar a leitura dos estudantes nas escolas. Cursos que vão desde estudos e práticas de leitura a troca de experiências. Ao final de três anos do trabalho apenas nove escolas de 79 não tinham biblioteca e atendimento, ainda que tivessem acervo. Os empréstimos, após três anos do projeto, triplicaram superando a média nacional (de 1,8 para 2,7 livros por habitantes). A rotatividade de professores, cerca de 1/3 substituído, era um dos grandes empecilhos para a consolidação do projeto (SILVA, 2006).

Após conhecer o perfil dos PROBs e dos espaços físicos de leitura nas escolas, o passo seguinte foi o repensar o encaminhamento pedagógico da BE na mediação da leitura literária. Tal ação é por vezes confundida com a tarefa de interpretação de texto realizada em sala de aula. É o que crítica Soares (2011) sobre a didatização e a pedagogização da literatura em detrimento do valor estético, humano e social da obra. O teor utilitarista da leitura servindo única e exclusivamente as demandas escolares (PERROTTI, 1986; LAJOLO, 1991).

A literatura pode ser utilizada como fim de estudo. O julgamento aqui posto prende-se a escolarização errônea, inadequada e descontextualizada afastando a criança da necessidade de ler e muitas vezes criando aversão à leitura. É importante que o professor esteja em constante processo de estudos, assim o mediador tem aporte na práxis educativa permitindo-o reconhecer no literário o seu valor estético, cultural, poético e humano. “A literatura deve fazer pensar, questionar,

compreender e interrogar e, depois de nos exigir algum esforço, nos fazer sair dela diferentes, transformados de alguma forma” (SOUZA; GIROTTO, 2008, p. 69).

O aspecto utilitário da leitura literária, os materiais, os conteúdos das leituras e a mediação dos professores foram os principais aspectos discutidos e reformulados na proposta pedagógica para BE. Nas investigações de Silva (2001) concluiu-se a discrepância entre a realidade e os planos de ação da SME designados a fomentar à leitura. Pode-se aqui destacar o fenômeno e a essência dos fatos. Propunha-se promoção da leitura, mas a falta de políticas públicas dando condição com espaço físico, recurso material, humano e a falta de formação para o professor atuar como mediador distanciava o fenômeno: o que parecia ser, da essência: do que fidedignamente é.

No início de 2002, em reuniões com os PROBs, uma nova Proposta Pedagógica para a BE fora discutida e estruturada. O documento “[...] estabelecia entre outras coisas, o conceito, as tarefas que o professor da HC deveria desempenhar, qual o horário sugerido para atendimento para empréstimo e pesquisa, o tempo para a realização da hora do conto” (SILVA, 2006, p.86).

Na sequência, um levantamento do acervo fora realizado. Basicamente os materiais disponíveis eram enciclopédias, doações das famílias dos alunos, textos de cunho religioso e pouquíssimas obras infantojuvenis que raramente chegavam a serem manuseados pelas crianças por medo de corrompê-las. Foi realizada uma “limpa” nas estantes (SILVA, 2013).

A seleção de livros para as bibliotecas foi feita juntamente com o grupo de assessoria da SME, no ano de 2003. Da compra realizada 60% correspondiam a livros de literatura infantojuvenil e 40% tratavam de conhecimentos gerais. À princípio, o desejo era adquirir 100 exemplares para cada escola, mas a verba permitiu a aquisição da média de 50 livros por escola. A compra contemplou várias editoras (SILVA, 2006).

Após um ano de Educação Continuada, visitas nas escolas para divulgar o projeto, formulação da proposta pedagógica para a BE, era o momento de projetar as mudanças arquitetônicas e mobiliário necessários para esses espaços físico escolar, em conjunto com a secretaria de obras públicas. Como não havia um regulamento direcionado a este espaço, o idealizador munuiu-se de teorias com o auxílio de dois colegas arquitetos para pensar as projeções das bibliotecas de modo organizado, seguro e aconchegante (SILVA, 2006). No período de 2003 a 2008,

cerca de 30 escolas tiveram a biblioteca reformulada arquitetonicamente (SILVA, 2013).

Assim, o *Palavras Andantes* foi ganhando forma. Um dado relevante após a implantação do projeto é que o empréstimo de livros passou a ser um direito dos alunos. Nos primeiros 7 anos, a proposta impulsionou a circulação de obras nas casas das crianças. “Houve um aumento considerável dos empréstimos de livros de 2002 a 2008 na rede municipal, cerca de 600%, passamos de 72 mil empréstimos/ano para 640 mil empréstimos/ano, com praticamente a mesma quantidade de alunos, ou seja, a média de 30 mil alunos” (SILVA, 2013, p.363).

Na seção em questão foi estabelecido um caminho árduo de muito estudo antes mesmo do início do *Palavras Andantes*. Agora, tendo uma proposta pedagógica da BE norteando o trabalho, reorganização dos encaminhamentos da HC e readequação arquitetônica dos espaços, a proposta fixa-se na aquisição constante de acervo e na Educação Continuada dos PROBs. Na sequência, os passos seguintes do *Palavras Andantes* serão abordados.

#### 3.4 O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES*

A coordenação do *Palavras Andantes* de 2002 meados de 2009 esteve sobre a tutela do Prof. Rovilson idealizador do projeto. Neste período, ele afirmou em entrevista passar por inúmeros obstáculos. Questões externas ao projeto como: interesses políticos da administração municipal, o reconhecimento que gera aos profissionais que estão à frente do projeto e o assédio de editoras na compra de livros dificultavam o trabalho (ROVILSON). Tinha o idealizador, diferente da *ideia fixa* de Cubas um “emplasto” conciso, flexível e aberto às melhorias. Algumas “ervas”, que compunham o “medicamento” feito para fomentar a leitura literária tratava-se de “daninhas”. Foi e é preciso muita clareza e firmeza quanto ao objetivo central do projeto, a fim de que as “plantas boas” continuem a dar frutos viçosos e saborosos. Ou seja, a leitura cultivada nas BEs floresça nos alunos ações leitoras em práticas sociais vivas.

Em 2009, o projeto ficou sem coordenação. Foi um ano que os estudos e atividades do *Palavras Andantes* ficaram dispersas. Essa mudança somada aposentadoria de alguns mediadores ou a mudança de função resultou no

retorno de práticas descontextualizadas, que não fomentam a leitura. Fica evidente a importância da práxis desenvolvida nos estudos da Educação Continuada. Em junho de 2010, a manifestação popular na mídia questionando o “abandono” do projeto, impulsionou o comando de uma nova coordenação do *Palavras Andantes* e a proposta inicial foi retomada (VIRGÍLIA).

O plano do projeto inclina-se sobre quatro pilares principais mantidos até hoje: 1º Formação do professor que medeia a leitura literária na escola; 2º Realização semanal da Hora do Conto; 3º Ampliação do acervo e empréstimo; 4º Readequação pedagógica e arquitetônica da biblioteca escolar. Quanto aos encontros mensais, há um cronograma anual direcionando as pautas de cada discussão. Os estudos acontecem mensalmente e são pensadas para atender as demandas e necessidades do trabalho da biblioteca como fruição da leitura, mediação de leitura literária, referências de autores, indicação de leitura, organização do acervo e estudos relacionados à formação do aluno leitor (SILVA, 2006).

A HC é o momento da mediação da leitura. Os PROBs têm em média, uma aula de 50 minutos por semana com cada turma da escola do 1º ao 5º ano. Nesse período são realizadas basicamente a devolução e empréstimos de livros; leitura silenciosa do aluno e contação de histórias: podendo ser feita pelo professor ou alunos, caracterizados ou não, usando fantoches, cineminha, dramatização ou mesmo a leitura do livro; e a indicação do PROB da leitura de uma obra ou autor.

Em visita às escolas pré-selecionadas pelo maior e menor IDEB, foi possível vislumbrar trabalhos diferentes na mediação. O PROB elege a melhor forma de desenvolver as atividades da biblioteca. A recomendação do *Palavras Andantes* é que todos os encontros da HC o deleite sobre uma obra literária seja realizado, independente do formato (SILVA, 2006).

Das 87 escolas da rede, atualmente 84 contam com a BE. Todas realizam a mediação de leitura. As três instituições sem esse espaço as PROBs desenvolvem os mesmos trabalhos de empréstimos e fomento à leitura com a biblioteca itinerante. “Por exemplo, nessas que não tinha biblioteca a professora leva uma caixa no carrinho de supermercado e leva a leitura até a criança” (VIRGÍLIA). Desse modo, é possível afirmar que todos os alunos da rede municipal de ensino de 1º ao 5º ano estão em contato direto com livros, leitura e um mediador. O

empréstimo corresponde a uma média de 20 livros por aluno ao ano (SILVA, 2013).

Não há uma política de aquisição de acervo. A coordenação do *Palavras Andantes* afirma que acontece a compra de livros “[...] embora faça um tempinho que a gente não compre [...]”. Ela acrescentou ainda em entrevista outras fontes pelas quais obtém-se livros. A escola “[...] recebe de doação, aí têm os livros que vêm do Governo Federal” (VIRGÍLIA). Algumas compras, de modo informal são realizadas pela direção da escola e o próprio PROB. No entanto, é material que muitas vezes só é manuseado pelo professor e não vai para a casa do aluno.

Um das PROBs entrevistadas afirmou que em “[...] dois anos que eu estou aqui não veio nada. O que veio foi livros do PDDE que nem eram para estar aqui, mas a gente acaba guardando por conta desse armário”. Sobre o uso e destino dos livros a mesma disse “esse material fica na escola. É um material do professor e não é acervo da biblioteca” (NHÃ-LOLÓ). O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é outro programa que possui um protocolo de envio de materiais de leitura com uma regularidade. São materiais utilizados mais pelos professores regentes, ou como relatado em entrevista com a Nhã-Loló, não estão disponíveis para o empréstimo e em alguns casos, não podem ser manuseados pelos alunos por medo de serem extraviados.

Atualmente, a HC é dividida basicamente entre: devolução, empréstimos de livros, contação de histórias pelo professor ou leitura silenciosa. Na entrevista com as PROBs foi possível identificar como fator mais prejudicial a promoção de estudantes leitores é o tempo. Elas executam todas essas tarefas com cada turma uma vez por semana, durante uma aula de 50 minutos. Em escolas com menos turmas, as PROBs não atuam exclusivamente na biblioteca. A carga horária divide-se entre outras disciplinas.

Uma atividade realizada na HC é a contação de histórias. No caso das PROBs entrevistadas, algumas relatam serem as responsáveis por ler a história aos alunos, enquanto eles a escutam. Uma questão que chama a atenção, é de que se pode correr o risco de estarem formando apenas bons ouvintes. A Nhã-Loló, mediadora de leitura na escola de maior IDEB, relatou que tem um momento em que as crianças são protagonistas dessa atividade. Elas escolhem as histórias, a escola disponibiliza materiais e a criança se prepara, juntamente com os pais, para contar o livro para os colegas. Aqui pode-se perceber o motivo, uma necessidade para realizar a leitura de um texto. Diferente de fazer tarefas escolarizantes como

pretexto. A leitura assim, parte de um interesse da criança cumprindo o papel social da linguagem.

Claro que a contação de histórias feitas pelo professor é fundamental para formar leitores, porque motiva o aluno a ler, a buscar o autor do texto e a desejar ler por si mesmo. Esse movimento é primordial para introdução do aluno a leitura (SILVA, 2006; BORTOLIN, 2010). A crítica não está em realizar a contação, mas em esta ser a única atividade de mediação. É na leitura viva, arraigada de significado e representatividade humana que floresce o leitor no ato. O sujeito só se torna leitor no exercício dessa função. “É lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro, para poder ler depois” (JOLIBERT, 1994, p.14).

A formatação do projeto *Palavras Andantes* movimentou e movimentou muitas forças até hoje. Um programa que tem funcionado, porque os educadores, a escola e secretaria impulsionam-no. Silva (2013, p.363) apresenta que o programa tem tido êxito, tanto que “alcançaram reconhecimento da cidade, depois até em nível nacional ao vencer o Prêmio *Vivaleitura* em 2008, na categoria II que se referia a projetos em escolas públicas.”

Como ressaltado em entrevista com o idealizador, o projeto *Palavras Andantes* tem funcionado porque é um trabalho feito por muitas mãos. Todos empenhados e voltados a formar leitores mirins. O projeto é muito bem articulado com bases teóricas sólidas e objetivos claros de:

Oportunizar ao professor a reflexão sobre sua prática de estímulo à leitura em sua comunidade escolar; Promover encontros mensais de estudo sobre a leitura, a literatura, a criança e a biblioteca escolar; Sistematizar procedimentos serem empregados na biblioteca escolar e hora do conto, visando a transformar a biblioteca escolar em espaço cultural da comunidade à qual pertence; Fomentar a disseminação da leitura, em especial, a literária; Incentivar a utilização da biblioteca escolar como centro informacional para a escola e para a comunidade; Promover a instalação de espaço de leitura nas escolas que ainda não o possuem; Visitar e assessorar pedagogicamente as bibliotecas escolares; Trabalhar em parceria com a Biblioteca Pública Municipal para o processamento técnico do acervo. (SILVA, 2010, p.13).

A Educação do professor de modo contínuo e contextualizado é primordial no desenvolvimento da práxis do ensino/aprendizagem, já que a escola se encuba da tarefa de propagar a cultura erudita e não a espontânea, é necessário prepará-lo para mediar os conteúdos sistematizados (SAVIANI, 2011). Por isso, a Educação Continuada acontece de modo regular, uma vez ao mês nas quintas-feiras, dia em que essas profissionais estão em hora atividade. Algumas das

entrevistadas relataram não participarem de todos os encontros, ainda que os reconhecessem como riquíssimo, “[...] eu trabalho com outras turmas outras questões, outras disciplinas” (SABINA). Precisam planejar as aulas de outras disciplinas.

Na proposição do *Palavras Andantes* foi imprescindível rever o direcionamento anterior dado à leitura. Alguns PROBs relutam a mudança, argumentando que as atividades atribuídas ao aluno após a leitura como desenho e escrita, mantém a ordem e o silêncio na biblioteca. Os antigos hábitos de ler para realizar tarefas como desenhar, pintar, fazer resumos ou redações sobre a história lida são difíceis de serem mudados sendo necessário fundamentar os estudos com especialistas da área. Reforçando o argumento de que a leitura não pode ser pretexto para a realização de um trabalho, Lajolo (1991, p.52) expressa que:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escrita”

Sendo assim, uma nova abordagem foi desenvolvida com o caminhar do projeto para eliminar hábitos ruins, que afastam o aluno do real sentido da ação de ler. Nesse sentido, reforça a importância do trabalho escolar nas bases da Pedagogia Histórico-Crítica, didatizado por Gasparin, em que encontramos a forma de direcionar o trabalho pedagógico na escola. No literário, se expressa um conteúdo para além do conhecimento sistematizado. Nessa proposição o educador é mediador, o sujeito mais experiente. Ele é o responsável por conduzir os conceitos em sua totalidade (VIGOTSKI, 1993).

No princípio, as bibliotecas eram denominadas como sala de leitura, o que aos olhos de Silva (2006) caracterizava uma ideia de espaço improvisado. A qualquer necessidade de tornar o local uma sala de aula, certamente o fariam. Como a lei determina a atuação de um bibliotecário formado nas BEs, o que não é realidade das escolas do município, no início de 2020 a denominação voltou a ser usada diante da autuação de uma multa imposta pelo CRB - Conselho Regional de Biblioteconomia de mais de meio milhão de reais para a cidade. O município recorreu alegando a penalidade como indevida frente a questão formais e materiais no cumprimento dos dispositivos da lei da Universalização da Biblioteca Escolar. Os argumentos foram aceitos pelo juiz federal Dineu de Paula (PARANÁ, 2020).

O idealizador foi questionado algumas vezes durante o desenvolvimento do *Palavras Andantes* pelo CRB sobre a BE não ser regida por bibliotecários. No que tange as premissas do projeto, a preocupação estava em não haver um espaço de mediação de leitura na perspectiva pedagógica, não as funções específicas da biblioteca. O juiz responsável por embargar a multa do município londrinense citado anteriormente, ressalva que nos dispositivos da lei da 12.244/10 não indica que haja um bibliotecário fisicamente nas BEs. Segundo ele, esses profissionais podem atuar remotamente supervisionando até quatro BEs (PARANÁ, 2020).

Silva e Bortolin (2006) falam da “invisibilidade” da biblioteca escolar. Um espaço pouco ou nada exigido pelos pais no ato da matrícula. Para os autores, isso se dá porque a biblioteca não faz parte do contexto social do sujeito. Como retrata Failla (2016), a biblioteca não é espaço de convivência da maioria dos brasileiros. Diante da realidade municipal londrinense, parece-nos que a universalização veio para fechar o “prego no caixão” de dezoito anos de trabalho do *Palavras Andantes*. A BE pode cair no esquecimento e virar o que antes fora, um depósito ou apenas uma extensão da sala de aula, destinando a leitura literária ao esvaziamento.

Nesse ponto, se tem a mesma hesitação relatada na epígrafe no início desse capítulo: será a história da biblioteca escolar tratada agora sobre memórias póstumas ou de um renascimento? Ao que depender dos mediadores de leitura e até mesmo a população londrinense “[...] o projeto continua, porque as pessoas que estão nele acreditam, são muito obstinadas” (ROVILSON).

Em 2020, o mundo deparou-se com a pandemia do Coronavírus, as incertezas no ensino de forma geral preocupam professores, pais e alunos. Pode-se constatar em conversa com as PROBs no início de outubro, é que desde março de 2020 com a suspensão das aulas presenciais as atividades escolares, inclusive da BE, passaram a ser remotas. As PROBs realizam contação de histórias, indicam livros e sites com materiais de leitura gratuitos.

As BEs estão fechadas. Os livros estão guardados devido ao quadro sanitário. Não há empréstimos para evitar contágio. No caso das duas escolas onde atuam as PROBs entrevistadas, a maioria das crianças só tinham contato com livros na instituição ensino. Devido ao custo alto de materiais de leitura e a situação socioeconômica de grande parte dessas famílias pode-se supor que as crianças se

encontram afastadas da leitura, em especial da literária.

Uma questão que merece destaque é a mudança de coordenação do *Palavras Andantes* ao final de 2019. Diante do novo contexto de saúde pública de 2020 que exige isolamento social, não foi possível precisar os encaminhamentos desta nova gestão. A direção de uma das escolas informou em outubro de 2020 que os encontros da Educação Continuada cessaram por tempo indeterminado. As orientações vindas da SME é de que o trabalho com o projeto seja mantido remotamente: realizando contação de histórias, indicação de livros e sites de leitura gratuitos.

O afastamento social é necessário e inquestionável diante do novo Coronavírus. No boletim de saúde do município de Londrina foram apresentados 22.666 casos confirmados para o Coronavírus sendo 454 óbitos. Os leitos de hospitais da cidade e região encontram-se lotados (LONDRINA, 2020b)<sup>12</sup>. Ainda que a incidência de casos seja a menor na faixa etária dos escolares entre 0 e 9 anos, a preocupação maior reside na circulação do vírus e o contágio do grupo de risco: idosos, portadores de doenças crônicas, fumantes, gestantes e lactantes. Portanto, é fundamental manter o distanciamento sem perder o foco. Que os PROBs continuem semeando a necessidade de leitura nas crianças londrinenses. Que o “relógio” do *Palavras Andantes* seja dado “corda” como fizera Cubas no instante em que ele parava:

Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim: — Outra de menos... — Outra de menos... — Outra de menos... — Outra de menos... O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre. (ASSIS, 1998, p.361).

Como Cubas, a ânsia da comunidade londrinense é que o “relógio” do *Palavras Andantes*, não cesse. Que haja fôlego aos professores, em especial os PROBs e o idealizador do projeto Prof. Rovilson José da Silva que lutam com tanto entusiasmo por esse trabalho, não só porque acreditam nele, mas pela solidez da proposição, que mesmo em meio as adversidades empenham-se sempre por atingir

seu maior objetivo: fomentar a leitura. Que o ego político de pessoas a frente do *Palavras Andantes* não corra os pilares do trabalho. Como a relevância do relógio na vida humana, que o projeto seja vitalício: as pilhas sempre renovadas, restauradas as estruturas ineficientes e conservado o seu cerne.

Após discutir acerca do retrato da leitura no Brasil, a importância de formar leitores para o ato de ler e vislumbrando a história da biblioteca no país, em Londrina e mais especificamente nas BE da cidade com o trabalho de mediação encaminhado sob vigência do projeto *Palavras Andantes*, na próxima seção, explicar-se-á a metodologia base utilizada para coleta de dados e revisão de literatura.

---

<sup>12</sup> A informação foi atualizada no dia 04/01/2021.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO

*Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. É como a eloquência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha.*  
(ASSIS, 1998, p.80).

Esta pesquisa corrobora como a epígrafe de Assis (1998). O método é indispensável, não para bitolar ou limitar o olhar sobre o objeto de estudos, mas para nortear a investigação amparando-se em bases teóricas sólidas, procurando dessa forma, a eloquência para discutir os problemas levantados na presente investigação.

O projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* teve como mola propulsora problemas que vão ao encontro com tantas outras instituições de ensino no país, que parecem de um ambiente promovedor da leitura. Desenvolvido há dezoito anos na Rede Municipal de Londrina, o projeto apresenta-se como uma oportunidade de trabalho que vai além do acesso à leitura, e sim de imersão à cultura erudita, das informações e arte produzidas historicamente e mais, da liberdade humana que os escritos postulam na vida dos sujeitos que os dominam, em especial, no apreço ao literário (MANGUEL 1997; CANDIDO 2004; SILVA, 2003; ABRANTES 2011; SAVIANI, 2011).

O homem, matéria da natureza e desenvolvido pela cultura acumulada historicamente, busca diante de suas necessidades apropriar e objetivar os conhecimentos já produzidos por gerações anteriores (DUARTE, 2001). Assim, transforma a si e o meio dialeticamente, demandando sempre a superação da realidade (MARX; ENGELS, 2007).

O rompimento com a alienação é possível na compreensão do todo, na dialética como explica Gil (2008, p.14) pois ela, “fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente [...]”. É imprescindível olhar as peculiaridades e particularidades dos fenômenos sociais

para desvelar a realidade. Desse modo, o homem toma consciência do contexto em que está inserido e de seu papel nesse meio.

Sendo assim, na Teoria Histórico-Cultural encontra-se o aporte teórico de relevante contribuição a esta pesquisa, porque os fundamentos dela permitem entender o desenvolvimento do homem na apropriação e objetivação dos conhecimentos produzidos historicamente, diante da relação entre os sujeitos. (GAMBOA, 1998; DUARTE, 2008). Desse modo, essa vertente de ramificação filosófica Materialista Histórica-Dialética objetiva designar a natureza do desenvolvimento das funções mentais superiores que acontece na troca entre os seres (VIGOTSKI, 1991).

Para compreendemos o homem na mesma linha teórica, apresenta-se a Pedagogia Histórico-Crítica. Segundo Saviani (2011) e Gasparin (2007), essa tendência pedagógica enfatiza o valor das relações do sujeito com outras pessoas e com o todo social na assimilação dos conhecimentos culturais, sistematizados pela escola. O processo de ensino-aprendizagem acontece em uma formatação dialética entre conteúdo e forma no movimento dá prática-teoria-prática mediadas.

O educador como essencial nesse processo é o fio condutor entre o conhecimento e o aprendiz. Por ser esse sujeito mais experiente que direciona o aluno, é fundamental que o professor esteja em constante estudo, cabendo a mantenedora do ensino oferecer Educação Continuada, a fim de dar subsídios ao trabalho pedagógico da escola. Nas bases do Materialismo Histórico-Dialético esse processo corresponde à apropriação dos instrumentos culturalmente produzidos, transformando o meio e a si mesmo, partindo da síntese para a síntese dos conceitos, mediada pela análise (GASPARIN, 2007).

Essa investigação debruçou-se sobre essas vertentes teórica e pedagógica para resolver o seguinte problema de pesquisa: o trabalho realizado nas bibliotecas escolares de Londrina, nas bases do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* têm influenciado na formação do aluno para o ato de ler? Sendo um projeto voltado a fomentar a leitura, e que, a ação de ler se dá no processo de apropriação da língua escrita, objetivada nas práticas humanas, procurou-se entender a essência desse trabalho na sistematização do saber social que é a linguagem (DUARTE, 2001; SAVIANI, 2011).

Voltar-se ao trabalho desenvolvido pelo projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*, na concepção de leitores mirins nas bibliotecas

escolares na atualidade no município de Londrina, é vislumbrar a essência dos fenômenos, é compreender o conteúdo trabalhado e a forma que se desdobra para alcançar o destinatário. Na materialidade histórica e dialética encontra-se a possibilidade de vislumbrar a realidade, o homem em sua totalidade, a verdade nas relações sociais (MARX, 2011).

Para investigar o desenvolvimento do *Palavras Andantes*, esse estudo fundamentou-se na categoria dialética: fenômeno e essência, que corrobora com a pesquisa na busca pela verdade. Isso porque a vivência se dá em fenômenos e para compreendê-los é preciso percorrer um caminho que vai dos fatos à essência, ou seja, aquilo que não está revelado se esconde em estruturas internas e o caráter específico do objeto em si, só pode ser contemplado nesse movimento dialético (GAMBOA, 1998).

A análise da categoria dialética fenômeno e essência é imprescindível na compreensão do trabalho pedagógico voltado na concepção do sujeito leitor no ato de ler. Isso permite conceber a veracidade das coisas, de tal modo, que não há como encobrir o cerne dos fatos. Analisar a prática escolar nos processos de ensino e de aprendizagem permite, segundo Saviani (2011), captar o íntimo do desenvolvimento dos conhecimentos sistematizados, identificando se o conteúdo e forma estão voltados ao objetivo de superar os saberes empíricos rumo à síntese, por meio de uma mediação consistente, pensada no movimento da prática-teoria-prática (GASPARIN, 2007).

#### 4.1 O CENÁRIO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa em questão está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL - Universidade Estadual de Londrina, Linha de Pesquisa - Docência: Saberes e Práticas, do Núcleo de Ação Docente. A investigação voltou-se ao trabalho realizado pelos profissionais mediadores de leitura que estão à frente do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* e às experiências acerca do projeto na BE e as proposições do projeto na Educação Continuada.

Isso se dá a partir de um olhar dialético, concebendo o todo e analisando as particularidades necessárias da concepção do projeto, a caminhada e as metas a serem alcançadas. O método dialético compreende que o indivíduo é a

matéria do contexto histórico em que vive. Para decifrar essa realidade é preciso verificar o todo para reconhecer as especialidades em um movimento dinâmico (MARX, 2011).

Inicialmente a dissertação em questão, propôs-se a investigar todos os cursos de professores do município de Londrina no âmbito da leitura. O foco de apuração seria desenvolvido por meio de entrevista com os responsáveis por essas proposições no município. No segundo momento, seriam levantadas as relações dos alunos com a leitura em duas escolas da rede, pré-selecionadas pelo IDEB. No decorrer da pesquisa selecionou-se o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* por sua consistência, relevância e tempo de desenvolvimento.

As duas instituições classificadas para realizar a investigação dispuseram-se a contribuir com a pesquisa entendendo a proeminência de tal averiguação. No entanto, num total de nove turmas a serem observadas, não obtivemos em nenhuma a autorização de todos os pais, o que diante das proposições do Comitê de Ética inviabiliza a investigação.

Por tratar-se de uma pesquisa no campo das Ciências Humanas e Sociais é imprescindível o respeito ao direito pela dignidade humana e pela proteção devida da integridade dos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos dentro dos padrões éticos, conforme normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013). Tendo em vista o TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido apresentado aos participantes, a pesquisa ficou comprometida diante da não devolutiva ou recusa por parte de alguns alunos e professores sendo necessário mudar o público com o qual seriam coletados os dados, o problema e os objetivos da proposição inicial.

A maioria dos professores mostrou-se aberto para a observação em sala. Aqueles que não a aceitaram justificaram que a escola tem sido palco de experimentos e críticas. Muitas vezes as portas das salas de aulas foram abertas e os pesquisadores não retornaram para apresentarem os resultados ou novas perspectivas de trabalho, ficando claro que faltam às investigações, no meio escolar, uma nova abordagem capaz de reconhecer de fato a dialética da realidade e promover mudanças/ampliações significativas frente aos dados coletados.

É disso que se trata a pesquisa embasada nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético. Isso desafiou o olhar da pesquisadora e de sua orientadora preocupadas em retratar a essência dos fatos contrapostos aos

fenômenos que interferem direta ou indiretamente nos resultados da educação ofertada nas instituições de ensino.

Diante desse entrave, a pesquisa não se voltou a observar às ações de leitura desenvolvidas na prática com os alunos e sim aos relatos dos mediadores de leitura de duas bibliotecas escolares de Londrina, pré-selecionadas pelo maior e menor IDEB do município. Esses profissionais reconhecidos como PROB - Professor Regente de Oficina de Biblioteca, integram o projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*.

Esse projeto desenvolvido desde 2002 pela Secretaria Municipal de Londrina junto às escolas municipais resulta em Educação Continuada mensal aos PROBs, realização da Hora do Conto, ampliação do acervo, empréstimo de livros aos alunos, readequação pedagógica e arquitetônica da biblioteca escolar (SILVA, 2006). Uma proposta que democratiza o ambiente de leitura, lapidando o mediador e, principalmente, dando acesso aos alunos da cultura escrita.

Para melhor compreender o projeto foram realizadas entrevistas semiestruturadas com: a coordenação do projeto, idealizador e os PROBs que atuam nas BEs pré-selecionadas. Num segundo momento, aplicou-se um questionário on-line encaminhado a aproximadamente 170 PROBs. Aguardou-se por respostas durante trinta dias. O questionário foi reencaminhado após esse período, esperando o mesmo prazo para a devolutiva. Mesmo reenviando as perguntas, apenas 38 PROBs responderam os questionários on-line. Aplicou-se em um terceiro momento um questionário presencial no intervalo de um dos estudos na Educação Continuada do projeto, sendo 35 respondidos totalizando somente 73 questionários. Optou-se então, para essa dissertação, em direcionar as análises apenas às entrevistas. Os dados dos questionários serão utilizados em estudos posteriores.

As duas escolas em que atuam as quatro PROBs participantes da pesquisa contam com biblioteca, espaço organizado para leitura, acervo e duas PROBs cada, atuando em turnos diferentes. Uma das escolas pré-selecionadas pelo valor informacional mais alto dos indicadores educacionais divulgados pelo IDEB de 2017, apontou um resultado de 98% do que compreende a esse indicador como: “aprendizado adequado”, sendo 8,6 a nota do índice que vem crescendo ao longo dos anos. Já a instituição com o menor IDEB obteve 5,5, o aprendizado adequado está em 48%. Vale apontar que “aprendizado adequado” é um indicador definido assim pelo comitê científico do movimento Todos Pela Educação (IDEB, 2017).

A composição do indicador educacional IDEB se dá com base nas avaliações externas de larga escala do Prova Brasil ou SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica. A cada dois anos os estudantes ao final das etapas de ensino (5º ano do Ensino Fundamental I, 9º ano do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio) realizam uma avaliação. Juntamente com os dados sobre rendimento escolar (aprovação) obtidos no Censo Escolar se dá o resultado do indicador (IDEB, 2017).

Esses dados classificam as escolas respondendo se elas estão ou não dentro do quadro esperado do desenvolvimento para garantia do direito educacional expresso na LDB - Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional nº 9.394/1996. O objetivo do índice é de que as escolas mantenedoras e o poder público levistem os seus resultados acadêmicos a fim de desenvolver novas políticas, com o intuito de promover o ensino de qualidade (IDEB, 2017).

As quatro PROBs selecionadas para análise desta investigação, atuam em duas escolas situadas em bairros carentes de fator socioeconômico muito parecido. A diferença identificada pela pesquisadora entre uma instituição e outra é quanto à participação dos pais. Isso pode ser verificado antes mesmo do início da pesquisa. Os TCLEs da escola de menor IDEB da maioria das crianças, nem foi retirado da bolsa dos alunos, conforme relato das professoras. Nem 80% dos documentos foram devolvidos para as regentes. Diferente da instituição com maior índice, em que, obteve-se a resposta de todos os responsáveis, ainda que de dois alunos apresentaram negativa quanto à permissão para observação dos momentos de leitura em sala de aula.

Nas entrevistas com as PROBs foi identificado que o trabalho de duas delas está em consonância com as prerrogativas do *Palavras Andantes*. Já com outras duas, fora identificado com a primeira PROB: um trabalho de engajamento mesmo atuando na BE há pouco tempo. Com a segunda foram identificados: encaminhamentos escolarizantes e descontextualizados como fazer um desenho da parte que mais gostou do livro, pintar uma imagem aleatória ou escrever uma frase sobre o texto mediado. Práticas antigas e reprovadas pelo projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*.

As duas instituições contam com biblioteca. O mobiliário corresponde a proposta arquitetônica do projeto. O acervo é vasto e organizado. Realiza-se a Hora do Conto e empréstimos semanalmente. Vale destacar que o

número de livros estragados, extraviados ou não devolvidos pelos alunos é mínimo. Isso demonstra o zelo e relevância da cultura escrita para essas crianças. De fato, a BE do município de Londrina é um espaço democrático de acesso, pertencimento, significativo e de representatividade para os alunos.

**Figura 2** - Fotos da Biblioteca Escolar (Escola “A” com maior IDEB)



**Fonte:** da própria autora (2020)

Com aproximadamente 250 alunos de 1º ao 5º ano, a escola “A” conta com um vasto acervo e amplo espaço na BE. Não há nenhum tapete ou espaço dentro da biblioteca para a realização da HC. Uma das PROBs entrevistada comentou que também realiza contação de histórias em outros espaços da escola como: grama, embaixo da sombra de uma árvore e no saguão onde há um palco interativo.

O palco interativo é utilizado diariamente para a contação de história promovidas pelos alunos. Com um cronograma resguardando cada dia da semana a uma turma/ano. Os estudantes são convidados a participar. Segundo a PROB Nhã-Loló, todos se envolvem e ficam ansiosos esperando ser sorteado. Uma atividade direcionada pela PROB, que indica livros, disponibiliza materiais e organiza o espaço para que as crianças sejam as mediadoras da leitura aos seus colegas durante o momento do lanche no saguão.

**Figura 3** – Fotos da Biblioteca Escolar (Escola com menor IDEB)



Fonte: da própria autora (2020)

A escola “B” atende crianças do P5, Ensino Fundamental I e EJA – Educação de Jovens e Adultos. No ciclo dos alunos participantes do *Palavras Andantes* de 1º ao 5º ano são aproximadamente 750 crianças. No turno matutino há duas PROBs. D. Plácida é responsável pela mediação com crianças do 1º ao 4º ano nos dois turnos. Sabina medeia a leitura com as 8 turmas de 5º anos no matutino e atua com outras disciplinas para complementar a sua carga horária. Não há 5º anos no vespertino.

A BE da escola “B” tem uma “praça” com banquinhos e almofadas para que as crianças escolham um livro e se aconcheguem para a leitura. A PROB D. Plácida disse que coloca sons de chuva, músicas clássicas e disponibiliza ursos de pelúcia no momento que os alunos realizam a leitura de um livro. As duas BEs são atrativas as crianças. Não há restrição quanto a circulação, a manipulação dos livros e materiais expostos no espaço.

#### 4.2 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS

Depois de tantas idas e vindas, finalmente a pesquisa pode ser iniciada. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas por meio de gravações de áudio com: a responsável pelos cursos da Educação Continuada do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na SME; com o idealizador do projeto Prof. Rovilson José da Silva que leciona no Departamento de Educação da UEL e concedeu a entrevista no campus da universidade. As PROBs das duas escolas pré-selecionadas mediante os

resultados do IDEB, receberam a pesquisadora nas BEs que atuam.

A pesquisa científica representa em sua base a explicação de mundo, respostas e resultados acerca de determinado evento, realidade ou objeto de estudos. Assim, tal conhecimento organiza-se em um sistema de ideias racionais e gerais sobre o fenômeno de análise, podendo ser verificável e falível (GIL, 2008). Para conceber o homem em suas relações sociais é preciso compreender a sua conexão histórica, porque o sujeito desenvolve-se pelo contexto e as vinculações estabelecidas no mesmo. É, portanto, pertinente olhar a totalidade na dialética dos fatos (MARX, 2011).

O objetivo de realizar as entrevistas foi de conhecer o projeto: suas metas, desafios, realidade, organização do trabalho com a leitura nas escolas, identificar a frequência em que acontecem os encontros da Educação Continuada, quais estudos são desenvolvidos, participação dos educadores, atividades realizadas nas escolas, o propósito das discussões levantadas, os resultados do programa e, em especial, se esse trabalho tem concebido leitores no ato de ler.

A entrevista semiestruturada com o idealizador do programa, a coordenação vigente e PROBs das escolas londrinenses de maior e menor IDEB, realizou-se com a intenção de obter uma visão geral do trabalho que vem sendo desenvolvido nas bibliotecas escolares. Esse tipo de abordagem é muito utilizado e eficaz nas ciências sociais, pois o pesquisador coleta os dados necessários à sua investigação e o entrevistado corresponde à sua fonte de informações. A entrevista semiestruturada permite uma flexibilidade na exploração das questões a serem respondidas. É uma conversa menos formal, baseada em questões norteadoras (GIL, 2008). Tudo foi gravado em áudio, para que o diálogo fluísse e o maior número de informações fossem coletadas dos entrevistados.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COM BASE NA CATEGORIA DIALÉTICA: FENÔMENO E ESSÊNCIA

Esta pesquisa teve base teórica e metodológica na categoria dialética de análise: fenômeno e essência. Tal escolha se deu porque as leis materialistas “[...] refletem as formas universais do ser, os aspectos e os laços universais da realidade objetiva” (CHEPTULIN, 1982, p.19). Assim, é possível vislumbrar o homem em suas relações sociais na totalidade, na dinâmica dialética do

movimento social e histórico (GAMBOA, 1998).

De modo geral, “[...] a dialética pretende revelar as leis do movimento dos objetos e dos processos tanto da natureza como do pensamento e a lógica do avanço da relação entre o mundo objetivo e o pensamento [...]” (GAMBOA, p. 21, 1998). Isso se dá na apreciação das particularidades do fenômeno estudado em suas determinações múltiplas.

Ainda que as várias categorias não possam ser analisadas como independentes e separadamente, não caberia neste estudo tratá-las sobre pena de reduzi-las ao nada como ressalta Cheptulin (1982), pois as categorias e leis se correlatam em sua interdependência. Elencou-se uma como principal na abordagem dos resultados da investigação em questão, porque no olhar da pesquisadora: fenômeno e essência dão suporte a esse estudo.

No Materialismo Histórico-Dialético, o conhecimento científico representa o conhecimento do objeto “[...] de sua estrutura e dinâmica - tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador” (NETTO, 2011, p. 20). A intenção dessa matriz conceitual é desvelar a realidade e apresentar a essência dos fenômenos. O real latente na aparência do objeto sendo em primeira ordem empírico e confrontado com o científico onde se encontra o cerne do objeto (NETTO, 2011).

O resultado exposto pelo pesquisador nessa vertente trata-se de um pensar teórico, um conhecimento científico refletido sobre o objeto e as práticas humanas sociais. O investigador é ativo no processo, traduzindo o âmago do objeto de estudo frente ao contexto histórico. Na concepção de Marx (2011, p. 51), “o fim último da investigação consiste em se apropriar em detalhe da matéria investigada, analisar suas diversas formas de desenvolvimento e descobrir seus nexos internos.” Para tanto, é preciso compreender a totalidade do fenômeno apurado, por meio de conhecimento teórico científico e das relações sociais dos sujeitos envolvidos.

Ressaltada a relevância do processo de análise da pesquisa nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético, faz-se necessário uma breve discussão acerca do trabalho para compreender as categorias. Por ser o trabalho na visão marxiana, a atividade vital e fundamental do desenvolvimento humano (MARTINS, 2016). O homem produz a sua existência, age sobre a natureza, produz de forma indireta a sua vida material e transforma o meio e a si mesmo nesse processo dialético. As forças produtivas e as relações sociais rompem com os limites

biológicos do ser. A necessidade move o homem a agir sobre a matéria. Nesse motor as capacidades desenvolvem-se a mesma medida que altera o homem e a sua realidade (MARX; ENGELS, 2007).

A organização da sociedade capitalista é manifestada no Materialismo Histórico-Dialético na gênese do trabalho. A hierarquia do labor determina o grau de ocupação social dos homens. Viola-se o sentido ontológico do trabalho. A atividade ferrenha, alienante e estranha ao sujeito é tomada, em especial pelas classes menos favorecidas, diante das condições econômicas que as obrigam a tal subordinação. Nesse sentido, não há transformação do homem e do meio. Não são satisfeitas as necessidades do ser na produção da vida material. O processo de humanização do sujeito não acontece (MARX; ENGELS, 2007).

Diante da disposição da sociedade capitalista, a educação encontra-se como um instrumento de manutenção a serviço da elite. Um artifício de dominação e poder. As instituições de ensino são usadas como palco dos capitalistas, para formar mão-de-obra das fábricas e indústrias tornando o homem massa de manobra, um submisso ao poder da burguesia (SUCHODOLSKI, 2010; MARX, 2011).

A superação dessa sociedade dar-se-á na tomada de consciência do homem. No método do Materialismo Histórico-Dialético é possível vislumbrar a humanização do homem no rompimento do capitalismo. Assim, a vida material produzida historicamente, passa a atender às carências do sujeito transformando a si e ao meio em um movimento dialético de desenvolvimento intelectual, cultural, filosófico e histórico, dado por relações sociais humanas (NETTO, 2011).

Sendo a sociedade a matriz central da teoria Materialista Histórica-Dialética e das categorias dialéticas, é primordial vislumbrar o objeto de estudo em sua totalidade nas múltiplas determinações abordando o seu contexto, a realidade que o cerca (MARTINS, 2016). Por que o mesmo projeto, desenvolvido em todas as escolas de Londrina, sobre a mesma orientação e direcionamento pode ser diferente em cada espaço? Justamente porque a prática social, as vivências dos sujeitos imersos na proposta são outras.

O aluno não se encontra como tábula rasa ao adentrar o ambiente escolar. A arte escrita já faz parte de sua realidade antes da vida acadêmica. (LUKÁCS, 1970, VIGOTSKI, 1991). As suas relações sociais também favorecem ou não sua identidade leitora. O movimento gerado pelos mediadores na práxis

formativa do leitor determina, em grande parte, às boas e fundamentais conexões com a leitura muitas vezes pelo fato de a escola ser o único lugar onde o aluno se depara com vivências significativas do ato de ler. A riqueza da diversidade das experiências do sujeito interfere diretamente no desenvolvimento de suas capacidades superiores (VIGOTSKI, 2009).

O indivíduo com mais carga de vivências é mediador dos bens culturais ao sujeito aprendiz, que se apropria gerando em si mesmo um processo contínuo e crescente de transformação das capacidades superiores. Um desenvolvimento em escala de evolução e involução. A cada nível de saltos qualitativos reestrutura-se os circuitos internos, estabelecendo novas formulações na psique. É o que Vigotski (2009) chama de metamorfose da criança. O professor correspondente ao papel de sujeito mais experiente. É o mediador entre o conhecimento e o aluno. Nesse processo, rompe-se o “casulo” do nível potencial da criança e chega-se as estruturas mais complexas da consciência, referente à zona real desenvolvimento. Isso não acontece de modo linear e contínuo, e sim, em circuito de mudanças no trânsito do pensamento concreto ao abstrato (VIGOTSKI, 2009).

O homem torna-se consciente: conhece a si mesmo e o contexto que o cerca diante das vivências. A cada idade o ser é capaz de apropriar-se da natureza produzida historicamente (VIGOTSKI, 2009). Tal lucidez permite um processo civilizatório e de emancipação do ser. As relações entre homem e a natureza conduzem esse curso. A divisão social em classes acaba por manter o homem em condições culturais diferentes. Não há o mesmo desenvolvimento intelectual, reflexivo e crítico da elite e das classes exploradas, porque as oportunidades e experiências não são as mesmas.

O ensino fora das concepções filosóficas Materialista Histórico-Dialética, não germina no ser uma visão de mundo, não permite a tomada de consciência de si e da realidade que o cerca. O sujeito nos “moldes” do ensino à serviço do capital encontra-se em condição de aceitação. O aspecto da produção humana correspondendo as necessidades das demandas sociais, sendo aquém das expectativas do sujeito, abre espaço para responder tão e somente às demandas do capital, alienando o homem (SUCHODOLSKI, 2010).

Os dados da pesquisa foram analisados com base nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético apreciando as categorias fenômeno essência

pela possibilidade de revelar no objeto de estudo, as particularidades circundantes a ele e sua totalidade, em um processo que expõem “[...] as propriedades mais gerais dos fenômenos” (SPIRKINE; YAKHOT, 1975, p. 100).

As categorias da dialética materialista refletem os aspectos gerais do ser e da realidade. Essas categorias ajudam o homem a conceber o mundo. Permitem a compreensão da essência dos fenômenos e orientam as práticas sociais humanas. O ser desenvolve um sistema global ideológico, responsável por conceder-lhe a consciência enquanto sujeito histórico, político e social capaz de participar ativa e criticamente das relações humanas sociais (CHEPTULIN, 1982).

O desenvolvimento do conhecimento se revela nas leis dialéticas, expressando a essência do processo cognitivo. Dominando o funcionamento do saber, o homem aprende a agir racionalmente, diante das relações do mundo material com o pensamento. Torna-se consciente. Reflete a realidade com clareza de ideias, nas mais diversas situações de complexidade. Isso corresponde ao pensamento criativo, em que o sujeito objetiva a realidade com o nível cultural elevado (CHEPTULIN, 1982).

Nas reflexões acerca das categorias dialéticas fica evidente a moção das relações ontológicas e gnosiológicas dos homens. O real objetivado no pensamento (GAMBOA, 1998). Isso diferencia o homem dos outros seres. Para atender às suas necessidades o ser aprimora mecanismos, age sobre a natureza, modificando-a ao seu favor na intenção de superar suas limitações biológicas e desenvolve assim o que Vigotski chama de funções psíquicas superiores. Rompe o estado “natural” da evolução humana preconizada na teoria piagetiana, e apropria-se da materialidade produzida ao longo da história pelos homens, o que corresponde concepção do sujeito da natureza social (MARTINS, 2016).

Essa analogia está contemplada na famosa metáfora de Marx, que compõem parte do título do texto de Duarte (2000, p. 79) “a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco”. A relação entre os sujeitos é resulta no desenvolvimento humano cultural. O homem toma a consciência de sua humanidade ao tomar posse dos conhecimentos acumulados pelos sujeitos ao longo da história, transformando seu meio e a si mesmo (DUARTE, 2000).

Isso porque a relação social entre o homem e a natureza precede superação. Depois de descobrir a roda, o ser rompeu a barreira da locomoção, “reduzindo” as distâncias e otimizando o tempo. Para o sujeito de agora, tal feito na

análise do objeto em si: a roda, não esboça toda a representatividade da matéria. As novas gerações superam e tem obrigação de romper antigas barreiras, apropriando-se e objetivando os bens culturais na sua vida, humanizando-se (MARX; ENGELS 2007; DUARTE, 2008; MARTINS, 2016; SAVIANI, 2016).

A complexidade de desenvolver sujeitos críticos, reflexivos e humanos nas bases materialistas, se dá no cerne da organização social do capitalismo. A estrutura da sociedade nesses moldes inviabiliza a superação da alienação. Cria-se uma ilusão de propriedade sobre a produção humana. Não há condição de objetivação da materialidade (MARX, 2011). Por isso, é preciso frisar o ensino humanizador segue as perspectivas filosóficas marxianas.

Para elucidar a realidade histórica e social dos homens, é primordial vislumbrar as dimensões ontológicas e epistemológicas no interior das práticas sociais realizadas pelo conjunto dos sujeitos (NETTO, 2011). “[...] Cada etapa do desenvolvimento não resulta de prescrições pregressas, mas do confronto, das contradições entre o legado de condições passadas e as forças vivas da situação presente (MARTINS, 2016, p. 105). Desse modo, a categoria dialética: fenômeno e essência permitem este confrontar das contradições dos fatos aparentes e da realidade. Isso será discutido na sequência mais a fundo.

#### 4.3.1 Categoria Dialética: Fenômeno e Essência

Para a apreciação e análise dos dados coletados nessa pesquisa a categoria dialética: fenômeno e essência. Isso porque o ponto de partida do método materialista refere-se ao fenômeno da realidade. Fenômeno esse que não pode ser de forma alguma visto isolado. A aparência representa a empiria dos fatos. Ao refletir sobre um dado nas bases marxianas, salta-se do conhecimento abstrato ao concreto (NETTO, 2011). A aparência nas palavras de Marx (2011), é enganadora. Não se pode confundir-la com a essência enraizada nas entranhas do fenômeno de onde se revela a verdade.

Um processo complexo que exige um olhar científico sobre o objeto de análise, esvaziando as possibilidades e apresentando a totalidade. Isso só é viável na práxis reflexiva, porque como afirma Duarte, (2000, p.84):

[...] a essência do fenômeno na sua forma mais desenvolvida não se apresenta ao pesquisador de forma imediata, mas sim de maneira

mediatizada e essa mediação é realizada pelo processo de análise, o qual trabalha com abstrações. Trata-se do método dialético de apropriação do concreto pelo pensamento científico através da mediação do abstrato.

Forma-se um pensamento teórico acerca do fenômeno. A aparência, marco inicial da pesquisa é negada no confronto com os conhecimentos teóricos, no entendimento dos processos abstrativos nas relações histórico, humano e intelectivas o objeto é desvelado e o abstrato é superado. Tem-se então a síntese das múltiplas determinações, o concreto. Vale a ressalva de que a negação da aparência não significa ignorá-la, e sim ultrapassá-la, sendo primordial reconhecê-la na apreciação do fenômeno (GAMBOA, 1998; NETTO, 2011).

Após levantar dados acerca do fato estudado é necessário analisar e identificar todas as conexões realizadas ao longo do processo. O movimento teórico evidencia as aparências do fenômeno e a essência é apresentada. No método de Marx, o conhecimento teórico é desenvolvido pela investigação científica, que passa pelo abstrato e resulta no concreto pensado, em “[...] (uma rica totalidade de determinações e relações diversas)” (GAMBOA, 1998, p. 28). A dialética reside no pensar o mundo enquanto movimento. Portanto,

[...] a dialética pretende revelar as leis do movimento dos objetos e dos processos tanto da natureza como do pensamento e a lógica do avanço da relação entre o mundo objetivo e o pensamento, segundo as leis objetivas, assegurando assim que o pensamento coincida em conteúdo com a realidade objetiva que está fora dele. Nesse sentido, a dialética materialista apresenta-se como método e lógica do movimento do pensamento no sentido da verdade objetiva (GAMBOA, 1998, p. 20).

A realidade objetiva se expressa em partes desmembradas em uma correlação universal constituindo-se as matérias. Essas

[...] estão em movimento, têm seus próprios aspectos e ligações necessárias e contingentes, singulares e gerais, possíveis e reais, incluem a causalidade, a contradição e possuem todas um conteúdo e uma forma, uma essência e um fenômeno etc. (CHEPTULIN, 1982, p.74).

O objeto manifesta-se no princípio do estudo como um fenômeno. A aparência representa o empírico. O processo de apropriação científica possibilita a conceituação do fenômeno. Nessa tramitação a essência começa apresentar-se. A práxis científica permite o confronto da realidade onde se encontra a verdade. Diferente da descrição simplória das evidências de um fenômeno repousa no senso

comum. “Esclarecer a lógica do desenvolvimento de uma realidade é aprender a conhecer a sua natureza profunda, a penetrar no que une num todo os fatos que compõem, o que forma o essencial, o mais importante” (SPIRKINE; YAKHOT, 1975, p.121). É fundamental esclarecer que reconhecer o exterior da essência é identificar como relevante todos os aspectos correlacionados ao fato e não isolados, inclusive a empiria dos fenômenos (CHEPTULIN, 1982).

Dar luz a essa realidade tão intrínseca, é pôr às claras todas as partes que compõem o fato investigado, conhecendo as suas minúcias. “O fenômeno aparece como a síntese do que vem da essência, do que é condicionado por ela e do que é introduzido do exterior, do que é condicionado pela ação da realidade que rodeia o objeto” (CHEPTULIN, 1982, p.74).

Assim a verdade emerge. De forma intencional nas bases teóricas que cercam o fenômeno. “O reflexo científico da realidade deve dissolver a ligação imediata entre fenômeno e essência a fim de poder expressar teoricamente a essência, inclusive as leis que regulam a conexão entre essência e fenômeno” (LUKÁCS, 1970, p. 220).

A escolha da categoria dialética fenômeno e essência, para a análise dos dados coletados durante toda a pesquisa, foi fundamental na contradição dos fatos tão preconizada na pesquisa científica com bases nos pressupostos materialista. A práxis reflexiva pode expressar as particularidades do projeto *Palavras Andantes*, no olhar voltado às expectativas e objetivos dessa proposição, na análise teórica acerca da formação de leitores mirins, do ato de ler, do acesso à leitura na biblioteca escolar, confrontando a realidade descrita pelos PROBs, idealizador e da coordenação do projeto.

A materialidade se dá na práxis do trabalho pedagógico na base da didática da Pedagogia Histórico-Crítico. No movimento em espiral. Na prática inicial, o mediador de leitura apresenta uma obra literária carregada de sentido e significado para o aluno. Com o seu conteúdo próprio de valor estético, humanizador e social à literatura é conduzida pelo professor. Na teorização do artístico, a criança vai ao longo da narrativa problematizando, questionando o enredo da história no silêncio do seu pensar (GASPARIN, 2007), estabelecendo a dicotomia entre pensamento e linguagem. Um processo de construção de sentido das palavras que compõem um conteúdo, o todo no texto. Do concreto ao abstrato, apropriando-se do significado conceitual e social da linguagem que acontece em um movimento contínuo e

gradativo, diante de experiências cada vez mais desafiadoras e complexas possibilitando a tomada de consciência do sujeito (VIGOTSKI, 1993).

O professor, durante a leitura ou após, traz à tona as indagações dos alunos e dá suporte para que superem a empiria, o entendimento de senso comum construindo o conhecimento erudito, sistematizado. Tal reflexão só será possível com textos literários de qualidade. Por fim, o aluno chega à catarse, apropria-se do conteúdo cultural expresso na obra e objetiva-o em sua prática social. Os sujeitos nesse processo, não serão mais os mesmos do início. Rompeu-se com a alienação, a visão de mundo do aluno e ele mesmo transformam-se. A realidade não será vista mais com os mesmos olhos (GASPARIN, 2007).

É óbvio que o desenvolvimento da prática-teoria-prática não acontece ao mesmo tempo com todos os sujeitos. Cada obra tocará de um jeito o aluno. Para alguns, isso pode nem acontecer. Por isso, conhecer a criança é tão importante. É na afetividade discutida por Vigotski (1993) e defendida por Silva (2006), no estabelecimento de contato, não físico ou amoroso, mas de interesse, de envolvimento entre aluno e professor. Escutar o que a criança tem a dizer. Sentir suas necessidades de leitura e num primeiro momento, ser a voz das palavras dispostas nos livros. Isso provoca no aluno motivo para ler. Saindo da prática social em que está rompendo nas páginas das obras literárias com a ignorância, movido ao pensar teórico, reflexivo, arraigado de sentido e significado (GASPARIN, 2007).

#### 4.3.2 O cerne da metodologia da pesquisa: aproximações do Materialismo à obra do Realismo - *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – Machado de Assis

As obras de Marx e Machado de Assis passaram por uma transição filosófica e idealizada, romantizada para a compreensão do mundo real e materializado. Karl Marx em suas inquietações na companhia de Friedrich Engels direcionam os seus esforços teóricos para a superação da dialética do idealismo hegeliano que paira sobre o mundo das ideias (MARX; ENGELS, 2007). Machado de Assis abandona o movimento do Romantismo quando lança o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Publicado em 1881, a obra deu início ao período do Realismo no Brasil (VERÍSSIMO, 1916).

Para contrapor o Romantismo que tem uma visão idealizada da realidade, o Realismo tem por característica principal desmascarar as mazelas da

sociedade por meio da arte de modo geral. O homem daquele momento histórico estava voltando as suas reflexões de vida de maneira mais material, real e racional. Dentre outras teorias que ganham força em todo o mundo nos anos de 1880 encontra-se a do Materialismo de Marx dando suporte a nova visão de mundo: reflexiva, crítica, analisando o homem social e preocupada com o anúncio da verdade. Um contexto marcado pela crise do Império, os ideais abolicionistas e princípio de República denotam esse período no país (PARANÁ, 2008).

Foi por isso que o Realismo superou o Romantismo. O ego do ser humano é maior que o idealismo. Viver na superficialidade mascarada e romantizado aliena a concepção de mundo do homem. A abolição da escravatura, nesse contexto, começa a desvelar a realidade onde pobres, negros e índios tinham sua existência reduzida. “Livres” e presos à sociedade manchada pela exploração do homem. Dura e cruel realidade que a burguesia torceu o nariz ao vê-las grafadas em livros do Realismo que tiveram como autor principal Machado de Assis.

Os textos da escola literária do Realismo têm a forte marca da objetividade, da racionalidade, da crítica à hipocrisia da sociedade burguesa e a exploração do homem pelo homem. A arte no Realismo está engajada em desvelar a essência da realidade. A podridão dos problemas sociais velada no Romantismo passa a ser escancarada nos títulos do Realismo.

O olhar de Cubas representa o fenômeno social de sua época, mas sem o enfrentamento, sem lutas. O pessimismo e a perspectiva niilismo da inércia brasubiana em *Memórias Póstumas* apresenta a “[...] irremediável tolice humana, a sátira da nossa incurável ilusão, feita por um defunto completamente desenganado de tudo” (VERÍSSIMO, 1916). Ora, mas esse sujeito haveria de combater o que sendo ele afortunado, dono de escravo, político, elitizado e diplomado?

O protagonista Cubas relata a sua morte e medíocre vida na então capital brasileira Rio de Janeiro. Sem um ápice derradeiro a história revela do padecer a vida do personagem, sem uma sequência cronológica dos fatos e circunstâncias de sua existência sendo: morte, nascimento, família, educação, o contexto social, político, seus amores e destaque a pessoas do seu círculo de convívio. Sem muitos sonhos ou entusiasmo ao fim da vida Cubas resume: “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” (ASSIS, 1998, p. 824).

No fundo de tudo há sempre um todo nada de ridículo, de comédia, de falsidade, de fingimento, de cálculo. Tolo é quem se deixa enganar com as aparências, “empulhar”, segundo o verbo muito do gosto de escritor. Mas a humanidade, a sociedade, é assim feita e não há revoltar-nos contra ela e menos querê-la outra. A vida é boa, mas com a condição de não a tomarmos muito a sério. Tal é a filosofia de Brás Cubas, decididamente homem de muitíssimo espírito. Ele viveu quanto pode, segundo este seu pensar, e se com o seu pessimismo conformado e indulgente não se achou logrado “ao chegar ao outro lado do mistério”, foi porque verificou um pequeno saldo no balanço final da sua existência. “Não tive filhos, — escreveu na última página das suas Memórias, — não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (VERÍSSIMO, 1916, p. 188).

As aparências de forma descarada e debochada são expostas por Cubas. A essência da realidade é apontada sem rodeios. Mesmo passados 40 anos da obra, as náuseas e desconfortos são inevitáveis no apreço da obra. O protagonista reconhecia em si, a inércia de um homem elitizado de oportunidades tão distintas de tantos a sua volta. Mas também discernia que fizera o “mal menor” à sociedade findado sua mediocridade em sua própria existência. Um espólio de insignificância de uma vida tão esvaziada em si mesmo. Homem público por vaidade e sede de poder, cuja única luta era em causa própria. Tão atual esse fazer político, não?

A individualidade presente em Cubas representa o oposto da sociedade almejada por Marx: as forças coletivas é que denotam expressivas mudanças no contexto social. A obra machadiana escolhida para introduzir e concluir cada capítulo desse estudo aproximam-se das discussões no texto pela “vantagem” de um defunto autor despreocupado em expor a verdade. O que vem ao encontro com a concepção marxiana da realidade dada na empiria dos fenômenos e diluída na essência, no confronto e no esforço científico.

Netto (2011, p. 22) apresenta uma definição teórica para melhor elucidar tal conceituação apoiada nas obras: *O capital: crítica da economia política* (1974); *Para a crítica da economia política: salário, preço e lucro. O rendimento e suas fontes* (1982) de Karl Marx e *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (1995) de Boaventura de Sousa Santos:

Para Marx, como para todos os pensadores dialéticos, a distinção entre aparência e essência é primordial; com efeito, “toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação [a aparência] e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (Marx, 1974b, p. 939); mais ainda: “As verdades científicas serão sempre paradoxais se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas” (Marx, 1982, p. 158). Por isso mesmo, para Marx, não cabe ao cientista

"olhar", "mirar" o seu objeto - o "olhar" é muito próprio dos pós-modernos, cuja epistemologia" suspeita da distinção entre aparência e realidade" (Santos, 1995, p. 331).

Ver o mundo nas bases do Materialismo Histórico-Dialético é compreender que são as relações de produções que fazem as ideias e os homens mudarem. O motor da história se dá nas lutas de classes. São necessárias forças sociais para romper com a alienação. Exige um olhar científico que parte do fenômeno empírico da realidade a essência desvelada nas bases do conhecimento teórico. O homem se liberta ao deixar de ser individualista e passa a ser social. Superando o idealismo Hegeliano, Marx não se orienta apenas pela ação humana. É a teoria da ação, reflexão sobre a práxis (LEFEBVRE, 1968).

Nessa dialética é possível conceber a escola como parte fundamental da sociedade, porque ela é a própria sociedade. É onde o indivíduo mais cria oportunidade de expandir sua visão de mundo por meio das produções culturais historicamente desenvolvidas. Se esse espaço se voltar a reprodução, "confeção" de mão-de-obra não reflexiva que: faz, executa, realiza sem questionar qualquer exploração, violação de seus direitos e aceita ser massa de manobra, o homem não se humaniza, torna-se individualista, alienado, preso a própria ignorância (LEFEBVRE, 1968).

Superar uma educação que age na impulsão de formar sujeitos tão e somente a serviço das demandas da sociedade capitalista exige quebra de paradigmas. É necessário lutar para desenvolver seres pensantes, críticos e libertados das correntes da estupidez. Uma tarefa de toda a comunidade escolar, já que a esse espaço está boa parte do peso de impulsionar os sujeitos aos conhecimentos científicos. Como aborda Lefebvre (1968, p.137) sobre as palavras de Marx, quanto a sua contribuição literária, social e histórica diante da crítica a configuração da sociedade "tenho dito e salvei a minha alma!"

O *Palavras Andantes* tem esse caráter social emancipador e civilizatório. Na mesma linha dos títulos do Realismo de Machado de Assis e na composição teórica de Marx pós-ruptura com hegelianismo, o projeto tem em seu fim o intento de possibilitar ao leitor mirim o desvelar da realidade, porque as proposições desse trabalho preocupam-se em dar acesso à leitura sem deixar as crianças "perdidas" na decifração do mundo. Com professores mediadores em

Educação Continuada, os alunos são direcionados no caminho para constituir-se um sujeito no ato de ler.

Nesse estudo em questão, o objeto de estudo permeia em compreender o fenômeno e a essência por dentro do trabalho de formação de leitores mirins do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes*. O fenômeno do projeto foi levantado num primeiro momento diante da pesquisa científica em documentos, textos que abordam objetivos, metas, organização, intenção e proposições acerca do *Palavras Andantes*. Num segundo momento, ainda para entender a dialética do fenômeno do projeto foram realizadas entrevistas com o idealizador e coordenação do projeto. A essência, o confronto entre o proposto e o seu desenvolvimento, fora esmiuçada nas entrevistas com quatro PROBs - Professor Regente de Oficina de Biblioteca.

O uso desses instrumentos de coleta de dados tanto bibliográfico sendo qualitativo quanto quantitativo representados pelas entrevistas, deram-se na tentativa de desvelar a realidade do *Palavras Andantes*, confrontando o fenômeno (aparência): aquilo que parece ser, com a essência: aquilo que de fato é. A relação dialética expressa-se nos documentos acerca do projeto e os relatos (entrevistas) coletas com PROBs, coordenação e idealizador da proposição.

O objetivo da pesquisa é de analisar nas bases das categorias dialéticas fenômeno e essência o desenvolvimento do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* nas BEs - Bibliotecas Escolares do município de Londrina. Vista a consistência e relevância desse projeto no processo histórico de concepção de leitores na rede municipal de ensino há dezoito anos, a pesquisa propôs levantar apontamentos que resultem em novas tomadas de decisões. Ver o exterior e o interior desse trabalho em sua totalidade (SPIRKINE; YAKHOT, 1975).

Sabendo da complexidade de analisar o objeto de estudo nas suas múltiplas determinações, assim como Brás Cubas a pesquisa entende o método como *indispensável*, mas *sem gravata nem suspensórios*. Os dados coletados quali e quanti foram apreciados com *eloquência* a fim de expor as fragilidades, e, acima de tudo, as potencialidades do *Palavras Andantes* na formação do leitor (ASSIS, 1998).

Aproximando da discussão levantada nesta investigação, se apresenta a reflexão de Brás Cubas ao contemplar uma de suas namoradas. Ele percebeu que a moça sutilmente cobria os joelhos e arguiu um juízo no silêncio do

seu pensamento:

[...] a natureza previu a vestidura humana, condição necessária ao desenvolvimento da nossa espécie. A nudez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a “embotar os sentidos e a retardar os sexos, ao passo que o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las, e conseqüentemente faz andar a civilização (ASSIS, 1998 p. 584).

Na próxima seção apresentam-se as análises das entrevistas realizadas com atores que estão à frente do projeto. Pretende-se “desnudar” as contradições dialética do fenômeno/essência acerca do trabalho do *Palavras Andantes*. Diferente da atração abordada acima pelo Brás Cubas ainda vivo, aguça a essa pesquisa “despir” o projeto *Palavras Andantes*, ver o que está por detrás das aparências. Assim como Cubas faz em seu estado de defunto desmascarando a sociedade e mostra mazelas da realidade. Mas, diferente da inércia, negativismo e o niilismo do protagonista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis esta investigação traz ponderações, as contradições entre o projeto e o seu desenvolvimento, querendo desse modo, contribuir para a evolução do trabalho nas BEs de Londrina e sua expansão para outras Redes de Ensino.

## 5 DA CATEGORIA DIALÉTICA FENÔMENO À ESSÊNCIA: ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

*E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização [...].*

(ASSIS, 1998, p. 63).

A trajetória do projeto de leitura *Biblioteca Escolares: Palavras Andantes* pode ser vista nas palavras de Cubas transcritas por Assis na epígrafe que deu início ao capítulo. Há uma constância significativa desse trabalho no processo educativo como um todo, cabendo aos profissionais a frente da proposta pensar o caminho em espiral de evolução e involução, de significação e ressignificação das coisas (VIGOTSKI, 2009). Há de se revisitar as trilhas tracejadas, romper os vícios, aperfeiçoar os detalhes e alinhar os vértices.

Na proposição de desvelar o cerne do *Palavras Andantes*, no capítulo em questão foram apresentadas as análises dos dados coletados apresentando o confronto, às especificidades do que pretende o projeto, bem como, ponderações com bases teóricas a fim de apontar fragilidades e potencialidades, tomando as vias como Cubas “rebentavam as verduras [...] e amareleciam depois, para remoçar mais tarde”. Esta pesquisa propõe-se a dar “queda” às *ideias fixas* aliadas à concepção do leitor, em busca do *florescer da primavera* concebendo o sujeito no ato de ler.

Para a análise dos dados da pesquisa os instrumentos de investigação utilizados foram organizados da seguinte maneira: primeiro as entrevistas semiestruturadas com idealizador Prof. Rovilson José da Silva e da coordenação do *Palavras Andantes*. As informações levantadas nesse quesito são

entendidas na pesquisa como a categoria dialética fenômeno, porque o fenômeno refere-se à aparência, o que diz ser do objeto estudado.

Num segundo momento, a contradição preconizada no método materialista dialético, em que a pesquisa se depara com as entrevistas destinadas aos PROBs a frente do projeto nas BEs - Bibliotecas Escolares. A categoria dialética essência foi utilizada na apreciação dos dados como base para compreensão da realidade por trás dos bastidores. Por essência, vislumbra-se a veracidade expressa de maneira velada no fenômeno. Em suma, a investigação caminhou no sentido de conhecer o norte dado no trabalho com a leitura literária, pelo olhar de quem está à frente dos direcionamentos do projeto: fenômeno e sobre a perspectiva do PROB condutor final das expectativas do programa visando: a essência.

Antes de serem feitas as entrevistas semiestruturadas as questões passaram pela análise dos participantes do GP - Grupos de Pesquisa: A Leitura e a sua Relação Conteúdo, Forma e Destinatário na Educação Básica da Universidade Estadual de Londrina - UEL. O GP é formado por estudantes da graduação, mestrandos, doutorandos e professores da rede básica de ensino.

#### 5.1 CATEGORIA DIALÉTICA FENÔMENO E ESSÊNCIA: APRECIÇÃO DOS FATOS COLETADOS SOBRE O *PALAVRAS ANDANTES*

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em um ritmo de conversa com pautas específicas buscando respostas, para desvelar o problema central da pesquisa: o trabalho realizado nas BE de Londrina, nas bases do *Palavras Andantes*, tem influenciado na formação dos sujeitos para o ato de ler? A seguir apresentam-se os encontros realizados com o idealizador do projeto Prof. Rovilson José da Silva e com a coordenadora Virgília.

As entrevistas serão apresentadas em uma unidade para compreender o cerne do projeto sobre a ótica de quem esteve ou está à frente dos encaminhamentos do *Palavras Andantes*. Oito questões foram feitas ao idealizador e dez à coordenadora, sendo que seis foram iguais. O início das entrevistas pairou sobre a implantação da proposta, o seu desenvolvimento e funcionamento, para então, discutir elementos acerca da principal intenção do projeto: fomentar a leitura literária.

### 5.1.1 Entrevista com o idealizador e a coordenadora do projeto

Situando sobre os entrevistados apresentamos um pouco cada um deles. O Prof. Rovilson José da Silva idealizou e implantou o *Palavras Andantes* em toda a rede municipal de Londrina 2002. Ficou na coordenação do projeto até 2009, quando foi “convidado” a se retirar. Segundo a Virgília “[...] começou umas maldades mesmo em torno do trabalho dele. Inveja - pura, pura. E aí o projeto ficou à deriva.” O Prof. Rovilson foi trabalhar na área acadêmica e é até hoje um parceiro ativo do *Palavras Andantes*.

Em 2010, Virgília foi convidada para a coordenação do projeto, diante da manifestação pública pedindo a retomada do trabalho. Em 2019, a coordenação foi alterada novamente. Os encaminhamentos dessa nova gestão ainda não puderam ser analisados frente à pandemia do novo Coronavírus. A Virgília ponderou que os direcionamentos da nova equipe no projeto serão voltados ao estudo da língua sendo o projeto uma extensão das aulas de português, destoando do proposto pelo *Palavras Andantes*.

A conversa com o idealizador Prof. Rovilson seguiu um ritmo para compreensão do projeto desde antes de sua implantação. A primeira questão discutida foi: *por que e quando o projeto Palavras Andantes foi criado?* Segundo ele, em suas pesquisas e realidade enquanto educador, desde o final da década de 1990 quando atuava como professor da HC, foram movendo o seu trabalho para a criação da proposta. Nos levantamentos do mestrado acerca da leitura literária, ele identificou um problema mais grave “[...] se falava em literatura para criança, mas as bibliotecas estavam fechadas. As crianças não tinham acesso; as crianças não levavam livros para a casa.” (ROVILSON)

Como já discutido neste trabalho acerca das políticas públicas no capítulo dois: *A leitura de mundo precede a leitura da palavra*, a grande parte das iniciativas governamentais no âmbito da leitura ainda hoje repousam apenas sobre o acesso aos livros. Não basta distribuir livros se não forem garantidas outras condições para o pleno funcionamento das bibliotecas escolares/espços de leitura integrados ao currículo escolar (FAILLA, 2016).

O IPL - Instituto Pró-Livro realizou em 2019 sobre a coordenação de Zoara Failla a pesquisa *Retratos da Leitura em Bibliotecas Escolares*. A investigação tem por objetivo mapear a situação das BEs em todo o país e guiar ações para

superar os desafios da Universalização da Biblioteca Escolar frente a Lei nº 12.244/10, que teve o seu prazo prorrogado de 2020 para 2024. Com base no censo escolar de 2017 a pesquisa apresenta que 61% das escolas no país totalizando 88.340, não possuem BE ou sala de leitura (FAILLA, 2019).

Dentre as questões arguidas na investigação dirigida por Failla (2019) destacaram-se perguntas sobre os aspectos físicos, materiais e humanos acerca da organização da BE nas instituições investigadas. As escolas com espaço físico adequado para a leitura, um mediador e acervo a disposição dos alunos indicaram uma correlação positiva sobre atributos da biblioteca com o aprendizado diante dos resultados do SAEB e IDEB (FAILLA, 2019).

Esse retrato indicando: a falta de ambiente próprio para BE, a necessidade de um mediador e o acesso à leitura desvelado na pesquisa citada anteriormente, também foi o que impulsionou no ano de 2000 o desenvolvimento do mestrado do Prof. Rovilson. O idealizador sendo o mediador da HC na BE em que atuava propôs-se a reformulá-la. Seu trabalho foi visto pela secretaria de educação da época, que se mostrou interessada na expansão da proposta. “Eu redigi um projeto [...] uma coisa bem básica com as ideias centrais do projeto e mandei para ela” (ROVILSON).

Após o aceite da SME, o Prof. Rovilson fora trabalhar na Secretaria de Educação. A ideia era de desenvolver o trabalho em todas BE do município. Quando iniciou a proposta duas questões foram levantadas por ele: “[...] primeiro a Secretaria de Educação não oferecia curso; eram os únicos professores que não tinham curso.” E segundo, a mediação da leitura apresentava-se como “[...] uma extensão de uma aula de gramática ou de Língua Portuguesa da sala de aula.” Os encontros da Educação Continuada para os mediadores da leitura na BE começou a ser estruturada da seguinte maneira:

A hora do conto torna-se, então, uma atividade pedagógica e não porque ela é pedagógica que ela deveria desvirtuar o artístico, porque, em geral, a escola, quando vai trabalhar com leitura ou literatura, principalmente literatura, há um conceito errôneo e desvirtua-se a qualidade artística do texto em detrimento de completar, de desenhar, de não sei o quê. Aquilo que é mais importante da leitura, que é ela ficar aqui na criança, no coração, na memória, fomentar a imaginação, ela fica perdida, porque a criança estava tão acostumada a ir para alguma hora de leitura que ela já ia triste porque ela tinha que levar o caderno de desenho ou tinha que levar alguma coisa para pintar ou ela sabia que ela ia escrever. Não é para isso (ROVILSON)

Repensar o espaço físico da BE foi e é fundamental nas proposições do *Palavras Andantes*. No princípio da pesquisa do Prof. Rovilson eram descritas em documentos 50 BEs, quando na prática “[...] ela está fechada, ela não funcionava, ela não empresta livros “[...] você fala que vai dar uma aula de natação, mas não tem água, não tem piscina, não tem rio, não tem uma poça d'água sequer” (ROVILSON). Durante o período de 2002 a 2009, em que foi coordenador do projeto, foram reestruturadas arquitetônica e pedagogicamente 30 BEs.

Nesse ponto, é possível vislumbrar os quatro pilares do projeto. Segundo Prof. Rovilson eles se mantêm até hoje sendo a realização da “[...] hora do conto, a formação do professor, a readequação arquitetônica e pedagógica da BE... e os empréstimos” o que responde à questão 2: *A ideia inicial do projeto se manteve? Quais as alterações significativas?* Apesar do esforço em manter o projeto em seus pilares, a cada troca de gestão na SME de Londrina há uma preocupação quanto à descontinuidade da proposição.

É triste constatar que muitas vezes as forças políticas estão conectadas à educação pura e somente com intenções de domínio e poder. O mesmo ego encontrado em Brás Cubas na obra machadiana. Cubas usou da vida pública para promover-se. Não sendo o *Palavras Andantes* uma política pública ou garantido em lei sua posteridade, a luta em manter o trabalho é incessante.

Por isso, tanto na conversa com idealizador quanto com a coordenadora do projeto foram enfatizados os pilares da formação, não como uma resistência a mudanças, mas pela solidez e a ideia de um trabalho a longo prazo. Para o Prof. Rovilson há padrões e critérios a serem seguidos, o que vem ao encontro com a pergunta 3 arguida ao idealizador e a Virgília: *Quais são os objetivos das formações e de seu desenvolvimento na formação de leitores mirins?* A resposta da Virgília fora igual à do idealizador do projeto. Os objetivos se resumem aos quatro pilares do *Palavras Andantes*: “formação continuada aos professores mediadores de leitura literária; realização semanal da HC e empréstimo de livros; ampliação do acervo; readequação pedagógica e arquitetônica da BE.” (VIRGÍLIA).

[...] o objetivo em suma são os quatro pilares que é criar condições para que, na escola, de forma intencional, pedagógica, não nesse sentido pedagogizante, que é uma coisa só de desvirtuar o texto só para preencher ou só para pintar, para colar na parede, entendeu? E que efetivamente a criança sinta que isso faz parte da vida dela, que aquilo faz parte da constituição dela, ela se identifica com aquela produção da cultura humana, aquilo a acolhe, conversa com ela, conversa com as coisas que ela vê.

Então eu acho que, realmente, talvez tudo isso diga que a gente precisa, ainda, reestruturar bem mais toda essa dinâmica em torno da leitura para a criança na escola (ROVILSON).

Fica claro na fala do Prof. Rovilson que o trabalho do *Palavras Andantes* supera o acesso à leitura literária. O objetivo do projeto é de formar leitores em ação. O ato de ler é compreendido como prática humana acumulada culturalmente pelos homens em suas relações sociais e carregada de significado e sentido, sendo o significado da palavra um fenômeno indissociável do pensamento e da linguagem e o sentido resultado das ações sociais entre os sujeitos (VIGOTSKI, 1993). Formar seres para o ato de ler, entendido como a necessidade de apropriação da língua viva em práticas sociais é fundamental para o desenvolvimento das capacidades superiores do ser, humanizando-o e transformando a sua realidade (SOUZA; GIROTTO, 2008; ARENA, 2010; SILVA; ARENA, 2012).

Todo esse salto qualitativo é possível diante da leitura que reside em propostas concisas e comprometidas com o desenvolvimento do sujeito. Isso é possível destacar na questão 4: *Quais são os aspectos positivos do programa? Existem metas estabelecidas a serem atingidas?* Sobre os pontos benéficos do *Palavras Andantes*, o idealizador salientou dizendo: “olha que rico um trabalho que prevê a circulação de livros, o acesso a textos de qualidade, uma leitura mediada por um profissional preparado em um espaço organizado e pensado para isso [...]”. Um todo articulado em suas minúcias para fomentar a leitura nas BEs.

A Virgília pontuou que graças ao *Palavras Andantes*, “[...] muitas crianças têm acesso aos livros, as BEs foram abertas, há mediação de leitura e tudo isso é positivo.” Segundo dados do censo de 2018, o Ensino Fundamental I da rede pública de Londrina conta com pouco mais de 27 mil alunos (IBGE, 2018a) e todos esses estudantes de 1º ao 5º ano fazem parte do projeto.

[...] as metas que a gente tinha eram sempre estar crescendo bem o acervo [...] estar sempre ampliando as atividades da biblioteca, que a biblioteca seja um espaço muito vivo na escola. Que haja sempre mais aluno leitor, que a biblioteca possa ter esse papel de ser o coração da escola [...] Sempre ampliando junto à comunidade, junto aos alunos a escola em si. Então, esse era o nosso sonho, sempre foi. E sempre vai ser, né? Que a biblioteca possa ter um papel importante. E que ela não seja simplesmente um local de almoxarifado, que ela não seja um depósito de livro, que ela não seja principalmente, um depósito de criança e que sim, que ela seja um espaço vivo em que o aluno possa se sentir bem, gostar e se formar como leitor. Então, a nossa maior meta é formar um público leitor (VIRGÍLIA).

As BEs de Londrina estão consolidando um trabalho diferente do contexto nacional no ambiente de leitura. Maroto (2009) aponta a elitização da leitura e dos livros no Brasil. A democratização da leitura cabe à escola. “As normas rígidas e proibitivas e a ausência da tradição bibliotecária vêm permeando a humanidade por séculos a fio [...] a biblioteca escolar, quando existe, é o lugar do silêncio, o espaço do castigo” (MAROTO, 2009, p. 18).

Mesmo sendo um projeto com quase duas décadas, as lutas do *Palavras Andantes* firmam-se no processo de democratização da leitura. E isso não é uma crítica ao projeto e sim a mantenedora sendo o poder público. Os avanços com este trabalho são resultados de muita resistência. O *Palavras Andantes* “incomoda” porque torna o livro e a leitura popular. A leitura literária como teoriza Candido (2004) é um direito inegável ao desenvolvimento da humanidade. A literatura liberta o homem, desmascara a realidade e forma a consciência do ser. Qual política nos moldes da sociedade atual quer seres pensantes, críticos, que refletem e lutam contra as mazelas sociais? Democratizar o saber erudito representa uma ruptura do ensino que atende a manutenção da sociedade. Uma escola com o compromisso com o sujeito e o seu desenvolvimento (SAVIANI, 2011).

A preocupação em manter o projeto para que haja continuidade no trabalho, como relatou Prof. Rovilson, o *Palavras Andantes* adveio de “[...] vários estudos a respeito da leitura [...] não foi um estalo [...]”. Desde antes de implantar o projeto e durante o seu desenvolvimento muitas pesquisas foram realizadas. “Eu trabalhei o tempo todo, fui sempre registrando” (ROVILSON). Nessas investigações o idealizador do projeto vai construindo elementos para ir melhorando o desenvolvimento do *Palavras Andantes*. Uma ação que perdura até hoje.

Isso fora identificado diante de vários movimentos para que o trabalho permanecesse nas BEs de Londrina. Um deles envolvendo professores da rede, da UEL-Universidade Estadual de Londrina e alunos de cursos da Educação e de Biblioteconomia. Durante um evento acadêmico duas questões acerca das BEs da cidade destacaram-se na transcrição de uma carta direcionada a prefeitura, que tinha como pauta principal a lei nº 12.244/2010 da Universalização das Bibliotecas Escolares.

Primeiro foi debatida a questão de haver um bibliotecário formado em cada BE da cidade. Segundo a alteração da nomenclatura do espaço. As duas ponderações estão ligadas, porque o município estava sendo autuado pelo CRB

diante do não cumprimento a lei da Universalização em um dos seus requisitos (PARANÁ, 2020). Na ocasião desta discussão a BE passou a ser chamada de sala de leitura no município. Esse simples ato representa um retrocesso e reduz o significado histórico e social da biblioteca (SILVA, 2006) dado que fora reivindicado no documento.

O conceito de BE é pouco conhecido. Denominações usadas de forma polissêmicas como: sala de leitura ou cantinho da leitura são utilizados em instituições de ensino como se fossem a mesma coisa. Sala e cantinho de leitura não são termos/palavras neutras, isso revela o sentido, o significado atribuído à BE (BRASIL, 2011). Essas nomenclaturas resume o espaço a tarefas de troca e empréstimo de livros. Segundo Brasil (2011, p.44,45) baseado no Manifesto IFLA/UNESCO referente a BE a biblioteca:

[...] deve habilitar os estudantes para o aprendizado ao longo da vida, desenvolvendo a imaginação e preparando-os para viver como cidadãos responsáveis. É parte integral do processo educativo, sendo essencial a qualquer tipo de estratégia de longo prazo no tocante ao desenvolvimento competente da leitura e da escrita, ao acesso à informação e ao desenvolvimento social, cultural e econômico.

Biblioteca Escolar é muito mais do que um “cantinho” ou “sala” de leitura. É espaço de conhecimento, de imaginação, de criatividade, de troca de vivências, de estudo, pesquisa, informação entre outros. Esse é o perigo na mudança do nome. Fragiliza, descaracteriza e rompe com o que propõem a BE, como mencionado no parágrafo anterior. Graça aos debates populares o município recorreu e ganhou a causa. O nome BE voltou a ser usado (PARANÁ, 2020).

A articulação discutida anteriormente demonstra a necessidade de muito esforço para manter o *Palavras Andantes* em seu pleno funcionamento. O que leva à questão 5: *Quais os resultados do projeto ao longo dos anos, em que vem sendo desenvolvido? Há estudos/avaliações que apontam os frutos do programa?* O idealizador relatou que além de suas apurações, outros pesquisadores coletam constantemente dados acerca do projeto, inclusive um livro estava sendo produzido na ocasião da entrevista. Outros levantamentos pairam na estatística de empréstimos de livros. O poder público vê “[...] nossa, no primeiro ano foram 72 mil empréstimos; no segundo ano, 150 mil; no terceiro ano, 320 mil; e no sexto ano, 700 e tantos mil empréstimos, que dá uma média de 20 livros por criança por ano. Entendeu? Então, isso é significativo” (ROVILSON).

É evidente que o acesso à leitura é o ponto chave para concepção de um sujeito leitor, mas tal estatística refere-se tão e somente a isso. Não dá para saber na apreciação desse fenômeno que os alunos de fato leem o material emprestado. Isso aponta a necessidade de haver uma ligação entre conteúdo, forma e destinatário. Sendo o conteúdo literário, a forma desenvolvida e aprimorada a cada novo encontro de estudos é preciso identificar se o destinatário completa a tríade, apropriando-se da cultura escrita por meio de sua própria experiência leitora, o que não se trata de cobrar leitura das crianças de modo sistematizado, tendo a leitura como pretexto e sim de tornar a leitura viva em que o aluno é movido a ler pela necessidade (LAJOLO, 1991; ARENA, 2010).

Para melhor debater esta questão, no início dos estudos referentes ao *Palavras Andantes* a empiria dos fatos arguiu as seguintes reflexões: o empréstimo garante que os alunos estão lendo? Não seria melhor cobrar à leitura para certificar-se? No confronto entre fenômeno e a essência, no desdobramento científico da pesquisa a resposta é: Não! Ora, então como saber se estão lendo? A resposta é simples: Por que as crianças haveriam de levar para a casa livros se não fosse para ler? É disso que se trata à leitura como necessidade. O *Palavras Andantes* age com o objetivo de acender no aluno a carência por leitura. Isso é muito maior que formar exímios decodificadores da língua, que não exprimem significado ou sentido ao que se lê.

O fenômeno básico do empréstimo é o acesso. A essência representa o direito a cultura erudita que há dentro dos livros. Um direito inegável (CANDIDO, 2004). É ter liberdade para fazer escolhas e estas promoverem o desenvolvimento humano e social das crianças. É o que postula Saviani (2011), sobre libertar-se ao apropriar-se da leitura. Uma liberdade diferente do livrar-se. “A libertação só se dá porque tais aspectos foram apropriados, dominados e internalizados, passando, em consequência, a operar no interior de nossa própria estrutura orgânica” (SAVIANI, 2011, p.18). O conteúdo interno da escrita, disseminado de forma significativa e relevante, torna-se subjetivo ao destinatário.

A intenção da mediação do PROB é fomentar a ação leitora no aluno e não cobrar das crianças à leitura. Esse papel cabe à sala de aula. Não se quer com o projeto formar expertises das “regras” da língua. Tomar à leitura e exigir tarefas após ela massacraria todo o trabalho da BE, que no desvelar das aparências mostrou ser muito mais do que somente uma proposta de promoção da leitura do

aluno. O *Palavras Andantes* não tem interesse apenas no imediatismo de tratar o estudo da língua de forma mecânica e estática tornando a criança um mero decodificador. Quer constituir sujeitos no ato de ler: reflexivos, críticos e pensantes. Isso é muito maior que ser fluente em leitura.

Nessa perspectiva fica clara a defesa dos profissionais à frente do projeto. Eles lutam por tornar justas as oportunidades dos sujeitos. É esse destaque que preserva o *Palavras Andantes*. Em meio ao mundo tão desigual “[...] o essencial é que lutes. A vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal” (ASSIS, 1998, p. 753). É disso que se trata manter as estruturas do projeto.

Na apuração científica, empenhada principalmente pelo Prof. Rovilson desenvolveu-se as bases fundantes para a realização do trabalho resumidas aos quatro pilares do projeto. O compromisso do *Palavras Andantes* é social, é humano e político. Uma política que serve às demandas das crianças das escolas municipais de Londrina e não aos caprichos de uma gestão que visa números e não pessoas. Isso remete à reflexão de Quincas Borba, amigo de Brás Cubas e exímio filósofo diante de uma briga de cães:

Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com o furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase. [...] Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar, quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo mais é grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos, etc. (ASSIS, 1998, p. 754).

A referência à briga dos cães demonstra em partes a luta traçada no desenvolvimento do projeto. O osso pelo qual se briga serve para *alimentar* distintas *fomes*: ao *Palavras Andantes* cabe saciar a carência das crianças por leitura; a administração pública representa “resultados”. Resultantes que pouco ou nada tem a ver com o aprimorar das capacidades superiores dos alunos (VIGOTSKI, 1993).

Esse trabalho “custa” ao cofre municipal. É gasto. É mais fácil apontar os defeitos, “provar” a sua ineficácia e extingui-lo do que mantê-lo.

Para Virgília os resultados também se apresentam no “[...] montante de empréstimo [...]”. No decorrer da entrevista, ela relatou que a sua chefia tem cobrado resultados amparando-se em avaliações do governo em que a criança tem que “[...] ler pseudopalavra, numa linguagem sem sentido.” Uma preocupação com a leitura apenas nos aspectos da decodificação dos signos, sem considerar o sentido social da linguagem, a interpretação e compreensão da criança sobre o texto.

Os questionamentos arguidos pela SME à coordenação do *Palavras Andantes* está em “[...] o que que adianta esse tanto de leitura, esse montante de empréstimo se a criança não lê, se nós estamos no vermelho?” Será que cabe atribuir ao projeto o baixo desempenho de uma parcela dos alunos avaliados, sobre aspectos de uma leitura baseada no domínio de regras alfabéticas?

Segundo a Virgília, o teste<sup>13</sup> realizado com parte dos alunos da rede municipal de Londrina está desvinculado das práticas de trabalho do *Palavras Andantes*. As crianças foram submetidas a ler para um avaliador de fora da escola. Alguém desconhecido por elas usando um gravador e com fichas marcadas por pseudopalavras. A “[...] ênfase em pronúncia fluente sem considerar a intenção do leitor de atribuir sentido diante do texto, em situações sociais, históricas e culturais” (ARENA, 2010, p.237). Para a coordenadora é um absurdo atribuir ao projeto a culpa pelo desempenho das crianças. A compreensão do texto e as habilidades acerca das regras vinculadas a estrutura grafofônica das palavras são elementos que se desenvolvem de modo diferente no cérebro como teoriza Oliveira (2010, p. 692):

Os estudos sobre imagens cerebrais mostram que os dados sobre a forma visual das palavras são armazenados em regiões do cérebro e utilizam redes neuronais do cérebro diferentes das regiões e redes que tratam da semântica. Ensinar a ler significa ensinar o cérebro a desenvolver essas conexões e a articular esses dois níveis – inteiramente distintos – de competências.

Esta articulação de capacidades distintas é um trabalho conjunto entre professor de sala de aula e PROB. Não se trata de ramificar o ensino da linguagem. A Virgília mencionou na entrevista que o trabalho de alfabetização e de

---

<sup>13</sup> Não foi mencionado qual foi a prova realizada com as crianças e nem os dados estatísticos quanto a quantidade de avaliados, resultados e instituições participantes.

formar crianças leitoras cabe ao regente. Ao *Palavras Andantes* compete impulsionar a leitura do aluno incentivando e dando acesso a leitura de qualidade. O professor regente tem 13 horas-aula com os alunos e 7 horas-aula de planejamento. Já o PROB tem 1 hora-aula de 50 minutos, que basicamente dá para a contação de histórias e realização de empréstimo (VIRGÍLIA).

A Virgília acrescentou desolada com a mudança de coordenação. Ela pode representar a descaracterização do projeto tornando a BE uma extensão da sala de aula. Segundo ela, a sua chefia pretende com esta alteração realizar estudos de Língua Portuguesa como: interpretação de texto, perguntas e respostas, produção textual e tomando leitura na BE. Ler como pretexto. O literário a serviço única e exclusivamente do pedagógico e do didático (PERROTTI, 1986; LAJOLO, 1991; SOARES, 2011). “Então a gente vai ter que mostrar por A mais B que Londrina tem se destacado e que o *Palavras Andantes* faz parte disso” (VIRGÍLIA).

Todo o trabalho desenvolvido arduamente aos longos dos anos pelo Prof. Rovilson, a coordenadora Virgília e todas as PROBs desperdiçado e reduzido ao resultado de uma avaliação externa? É certo que a gestão municipal nesta perspectiva está preocupada com os louros de destacar-se nos índices nacionais. A formação de um sujeito no ato de ler: reflexivo e crítico não representa vantagens ao poder público. Atrair o baixo desempenho de algumas escolas a uma prova de atributos distintos aos objetivos do projeto não parece coerente.

O processo do conhecimento pautando-se nas teorias materialistas passa do concreto: do real para o abstrato: o concreto pensado. No apreço da totalidade é que conteúdo e forma de dado objeto se relacionam. No desenvolvimento do conhecimento no aspecto global passa a ser insuficiente à medida que o sujeito começa a apropriar-se dos princípios básicos acerca de um saber, sendo necessário decompor as partes, os elementos, as estruturas de um todo em suas correlações. Cada elemento que constitui o objeto em sua natureza específica é determinante no entendimento do todo e vice-versa (CHEPTULIN, 1982; GAMBOA, 1998; VIGOTSKI, 1993).

A compreensão da linguagem em seus aspectos fonéticos e semânticos compõem um todo, ainda que no processo de aprendizagem sigam cursos diferentes e exijam distintas capacidades, correspondem à totalidade formando uma unidade complexa. Vigotski (1993) identifica este movimento em aspectos externos: sonoros, físicos e internos: semântica, o sentido das palavras:

No início do desenvolvimento, os dois planos da linguagem se fundem e se dividem gradualmente, de modo que a distância entre eles aumenta com a idade. A cada etapa do desenvolvimento dos significados das palavras e seu caráter consciente corresponde à sua relação específica entre os aspectos semânticos e fásicos da linguagem e um modo particular de transição do significado ao som (VIGOTSKI, 1993, p. 303, tradução nossa<sup>14</sup>).

A cada idade o sujeito vai desenvolvendo as capacidades superiores e isso depende, segundo Vigotski (1993), do ciclo pedológico da criança, ou seja, do processo de desenvolvimento dela que abrange aspectos para além da hereditariedade, do ser biológico. Vislumbra as particularidades no processo de apropriação dos bens culturais, histórico e socialmente produzido pelos homens. Isso acontece em um contínuo de transformações e saltos qualitativos, diante das vivências e das relações sociais entre os sujeitos (PRESTES; TUNES, 2018).

Desse modo, o trabalho do *Palavras Andantes* dá suporte ao trabalho da sala de aula, não como extensão dos estudos da língua, e sim, para constituir sujeitos leitores em práticas sociais. Como alertou Assis (1998, p. 112) “[...] leitor ignaro, se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas, não gastarás o prazer de ver-te ao longe na penumbra.” A consistência, a política pública de longo prazo, com investimentos e renovações operam mudanças. O *Palavras Andantes* iniciou no município um trabalho primário e primordial para a formação do sujeito leitor: abrindo as portas das BEs, emprestando livros, restaurando os espaços, desenvolvendo aspectos pedagógicos, ampliando acervo e um mediador em Educação Continuada para fomentar a leitura (SILVA, 2006).

É o que critica Saviani (2011) sobre a falta de um sistema de ensino que dificulta a materialidade da ação pedagógica. Aproximando da problemática arguida por Saviani (2011), é compreendido nas bases filosóficas desta dissertação, que um “sistema” na organização das BEs é fundamental para fomentar a leitura. Uma diretriz direciona o trabalho, traceja objetivos e metas e orienta as ações. Sem um norte a BE fica feito a menina Alice quando se perde em *Alice no País das Maravilhas*. A garota pergunta ao gato para que caminho leva determinada estrada.

---

<sup>14</sup> [...] el principio del desarrollo se produce la fusión de los dos planos del lenguaje y su división paulatina, de modo que la distancia entre ellos aumenta con la edad. A cada etapa del desarrollo de los significados de las palabras y de su carácter consciente le corresponde su relación específica entre los aspectos semántico y fásico del lenguaje y un modo particular de transición del significado al sonido (VIGOTSKI, 1993, p. 303).

O felino responde com outra pergunta querendo entender onde ela quer ir. Alice diz não se importar para onde vai. O gato sabiamente à alerta: “[...] então, não importa qual caminho segue” (CARROLL, 2020, p. 59). Sem objetivo, o trabalho se dá no improvisado e o final é incerto.

Como já discutido anteriormente, políticas de fomento a leitura de longo prazo e com objetivos e proposições de trabalho como o *Palavras Andantes* são fundamentais para a formação de leitores. Significa ter o “[...] poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior” (ASSIS, 1998, p. 39). A práxis reflexiva é que impulsiona o melhor desenvolvimento de toda prática na educação.

Diante dos dezoito anos de luta do projeto querendo mantê-lo para satisfazer a carência das crianças por leitura realizou-se a pergunta 6: *Diante da longa duração do programa, muitos alunos já são adultos. Você acredita que esses sujeitos são leitores que exercem o ato de ler hoje? Por quê?* Prof. Rovilson julga que sim, por confiar nos encaminhamentos do projeto. “Acreditar nesse trabalho não significa que a gente também não abra os olhos e a percepção para fazer uma análise crítica e para ver que pontos podem ser melhorados.” Para ele, a participação do poder público ainda é insuficiente quanto ao investimento nas BE. A lucidez do Prof. Rovilson mostra o quão preocupado e envolvido em promover a leitura das crianças ele está. O que ele vive e viveu é fruto de muito trabalho e leitura “[...] é que dessa experiência pessoal eu quero isso para os outros meninos, para as outras meninas. Essa, talvez, seja a minha missão nessa vida” (ROVILSON).

Para a coordenadora com certeza sim. O projeto marcou e marca a vida de muitos alunos. Isso porque, para grande parte das crianças atendidas na escola pública, esse é o único espaço de contato com o livro. E não é uma relação livro e criança apenas. Tem um mediador de leitura, que está imerso ao estudo em Educação Continuada. A BE não é uma extensão da sala de aula, e sim um espaço projetado nas bases pedagógicas e arquitetônicas sendo um ambiente convidativo, organizado e direcionado para formar sujeitos leitores (VIRGÍLIA).

Tanto o idealizador quanto a coordenadora Virgília reconheceram que muito ainda precisa ser feito, o que pôde ser debatido na questão 7: *Existem necessidades/fragilidades que precisam ser sanadas para melhorar o trabalho com o projeto Palavras Andantes?* O Prof. Rovilson afirma que sim. “O projeto precisa

sempre ser pensado criticamente, retroalimentado [...] não só na sua dinâmica pedagógica, etcetera, mas principalmente nele como estrutura de uma Secretaria de Educação complexa.” Para ele, é preciso investimento que vai da parte física a recursos pedagógicos como compra de livros e equipamentos eletrônicos.

Ficou esclarecido que o projeto transcende os objetivos dispostos nos quatro pilares e muito ainda vai ser feito no que depender do Prof. Rovilson com a sua práxis reflexiva, diante de muita leitura, estudo e investigação. Não se trata de um projeto com suturas mal feitas, para estancar provisoriamente feridas expostas. É um trabalho de longo prazo feito a muitas mãos preocupadas com a formação intelectual, sobretudo humana das crianças.

A coordenadora apresentou as fragilidades que em suma delimita o tempo de desenvolvimento do projeto. Em escolas com menos turmas os PROBs acabam assumindo outras disciplinas ou projetos. No início do *Palavras Andantes*, o PROB conseguia organizar a BE, realizar um empréstimo orientado, conhecer o acervo e tinha mais tempo para preparar a mediação. Hoje “[...] não dá tempo para o professor ler um pouco, se formar um pouco mais, ter um pouquinho mais de horatividade” (VIRGÍLIA).

Ainda para Virgília quando ela era PROB e o Prof. Rovilson era o responsável pelo *Palavras Andantes*, ela atendia apenas 6 turmas na BE no período entre uma ou duas horas/aula de 50 minutos. Ela realizava em um dia da semana o empréstimo orientado: conversando com as crianças sobre autores, histórias destinadas ao perfil do leitor, um trabalho de mediação entre criança e livro. Em outro momento realizava a HC sem a limitação do tempo dividido entre várias tarefas: devolução, empréstimo e HC. Ela conseguia organizar a BE, ler e conhecer o acervo. Quando chegavam livros novos Virgília podia “lançar” os títulos expondo-os para a exploração das crianças. Na atual circunstância marcada pela a sobrecarga de trabalho os PROBs estão “[...] emprestando livros no automático. E tem também a novidade deste ano. Mudar para sala de leitura, porque sala de leitura qualquer um pode desmanchar... e montar sala de aula a qualquer momento” (VIRGÍLIA).

Nesta discussão a contradição entre o fenômeno: o projeto e a essência: o desenvolvimento da proposta é nítido. Vale esclarecer que a essência nunca será o reflexo do fenômeno. Isto porque há um conjunto de fatores internos e externos que incorrem em mudanças constantes das coisas. As modificações

ocorrem em processos diferentes entre as categorias sendo mais lento na essência do que no fenômeno dos fatos. É como se o fenômeno fosse a totalidade do objeto estudado e a essência as correlações, a materialidade nas particularidades que fundam o todo. O fenômeno deforma a essência (CHEPTULIN, 1982). “É por isso que a percepção dos fenômenos não nos fornece nunca um conhecimento verdadeiro da essência” (CHEPTULIN, 1982, p.279).

A totalidade, mediação e contradição tão preconizadas na teoria marxiana permitem a reflexão sobre dado fenômeno da realidade desvelando a essência que circundam as coisas. Isso se dá na construção teórica transpassando o empírico. Um processo de análise do fenômeno, das relações dos fatos mediadas por níveis externos e internos articulados a totalidade. A totalidade não representa a síntese das partes e sim as estruturadas enraizadas entre si, correspondendo níveis mais e menos complexos dos fatos (NETTO, 2011).

No tocante ao desenvolvimento do projeto nas minúcias entendidas como o trabalho na BE realizado por algumas PROBs infelizmente pode ser marcado pela sobrecarga de trabalho tendo que lecionar várias disciplinas. O tempo para se dedicar a BE planejando as mediações, conhecendo e organizando o acervo acaba sendo dividido entre distintas funções.

Um ensino na matriz materialista é o que precede tal constituição do homem. O que leva a questão número 8: *O projeto visa a um trabalho que ressalta a importância da afetividade na concepção de leitores mirins? Caso afirmativo, de que forma.* É possível destacar na fala do Prof. Rovilson, que de fato um bom relacionamento entre os sujeitos nos processos de ensino e de aprendizagem. O envolvimento dos PROBs com as crianças é essencial.

[...] tudo isso dentro de um contexto de criar a necessidade dessa criança por meio de, por meio intencional, que é o que nós temos de fazer na escola, que nós temos de fazer na biblioteca, por meio da intencionalidade pedagógica de *criar essa necessidade para que ele se sinta inserido naquele espaço*, para que ele se encontre com a leitura, para que ele sempre busque mais leitura para mitigar um pouco daquilo que talvez ele sinta necessidade (ROVILSON, grifo nosso).

A afetividade referida na questão corresponde ao envolvimento citado pelo Prof. Rovilson e não ao contato físico de afagar o aluno. É justamente sobre criar um contexto que gera na criança pertencimento e necessidade. Sendo o professor o principal incentivador da leitura da criança, um dos motivadores externos

que o encaminha a executar determinada prática social, a relação entre esses sujeitos em maior ou menor grau influenciará sua formação como leitor.

Como afirma Vigotski (1984, p.299, tradução nossa<sup>15</sup>), “deve-se dizer que o afeto inicia o processo de desenvolvimento psíquico da criança, a formação de sua personalidade e fecha esse processo, culminando assim com todo o desenvolvimento da personalidade”. Na relação afetiva e emocional encontram-se os motivos para executar determinada Atividade humana (VIGOTSKI, 1984; MARINO FILHO, 2011).

É na mediação dos produtos culturais, na relação professor-aluno que a criança passa da zona de desenvolvimento imediato, estágio em que o aluno precisa ser acompanhado no processo de desenvolvimento de suas capacidades, chegando ao momento em que consegue fazer sozinho apropriando-se dos bens culturais (DUARTE, 2001). Deve a esta relação social entre sujeitos o desenvolvimento humano, cultural e intelectual do homem em seu sentido para além do biológico, do ser social gerando no sujeito novas necessidades humanas (MARINO FILHO, 2011).

Vigotski preconiza que (1984, p.299, tradução nossa<sup>16</sup>), “[...] o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e último elo, o prólogo e o epílogo de todo o desenvolvimento psíquico”. Desse modo, a relação entre sujeito aprendiz e professor é fundamental nos processos de ensino e de aprendizagem. Diferente do significado raso de afetividade nos limites do termo, na perspectiva vigotskiniana representa o interesse de um sujeito pelo outro, na busca por suprir a necessidades do outro, na troca de vivências (VIGOTSKI, 1984).

A coordenadora Virgília respondeu ressaltar a importância da afetividade “o tempo todo. Sempre acontece. Geralmente, as revelações de tudo o que os alunos estão passando, muitas vezes eles contam para a professora da hora do conto.” Muitas PROBs relatam nos encontros mensais fatos envolvendo questões particulares das crianças, em que encontraram abertura diante da proposição de alguma leitura para mencionar vivências de diferentes aspectos: emocionais,

---

<sup>15</sup> Cabe decir que el afecto inicia el proceso del desarrollo psíquico del niño, la formación de su personalidad y cierra ese proceso, culminando así todo el desarrollo de la personalidad (VIGOTSKI, 1984, p. 299).

<sup>16</sup> [...] el afecto es el alfa y el omega, el primero y último eslabón, el prólogo y el epílogo de todo el desarrollo psíquico (VIGOTSKI, 1984, p. 299).

culturais, afetivas e sociais. Até casos de violência acabam vinda à tona (VIRGÍLIA).

Na pesquisa intitulada: *Retrato da leitura no Brasil* arguiu-se uma questão aos investigados sobre quem os influenciou na leitura: 50% das crianças entre 5 a 10 anos afirmaram não ser ninguém em especial, 23% disseram que a figura materna influenciou e apenas 11% deram crédito a um professor(a). Diante destes dados pode-se concluir que é fundamental haver uma relação entre mediador de leitura e leitor. “É difícil, afinal, um leitor assíduo não resgatar memórias afetivas, por vezes vindas da infância, ao falar sobre obras que marcaram sua vida” (FAILLA, 2016, p.7).

A mediação é, portanto, uma relação de humanização. A conexão afetiva entre os sujeitos no processo de ensino-aprendizagem permite o reconhecimento das necessidades do aprendiz, aquilo que expressa sentido e significado a vida da criança e a move em busca da apropriação do conhecimento (VIGOTSKI, 1984; MARINO FILHO, 2011). Antes de ser tomado por uma obra literária o aluno será tocado pela voz do mediador, para que a criança não seja enganada com um falso atestado de conhecimento feito Brás Cubas: “no dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso” (ASSIS, 1998, p. 186).

Por isso, é tão primordial políticas públicas de fomento à leitura oferecerem cursos de Educação Continuada refletindo sobre essas questões. É nas proposições de estudos desencadeadas nos cursos que os professores aprimoram o seu fazer pedagógico e muitas vezes é o único tempo que ele tem para refletir e debater demandas do ensino. Para reconhecer se o *Palavras Andantes* além de formar presencialmente os trabalhos desenvolvidos na BEs levantou a seguinte questão<sup>17</sup>: 9. *Há um trabalho de acompanhamento dos profissionais da biblioteca em sua prática nas escolas? De que forma?* A coordenadora Virgília respondeu que “é na visita a escola e às vezes no próprio trabalho mesmo diário, que as professoras contam como que faz, o que deu certo, o que não deu certo.” Diante de alguma dificuldade ou necessidade de orientação ela comentou tentar ajudar as PROBs por telefone, e-mail e quando possível indo até as escolas.

---

<sup>17</sup> As questões de 9 a 12 foram feitas apenas à Virgília, coordenadora do *Palavras Andantes*, para identificar a condução do trabalho dela.

Sobre o trabalho realizado com os novos mediadores de leitura, ela comentou “[...] todo ano eu faço: a professora novata eu pego e dou uma formação à parte, só para os professores novo... para já chegar sabendo o que vai acontecer”. Na conversa com a PROB Sabina esta abertura fora confirmada. Elas não conseguiram se encontrar pela falta de tempo da PROB, que atua com outras disciplinas. Mesmo estando há 6 meses na BE, Sabina não soube explicar ao certo os objetivos do *Palavras Andantes*. Sendo assim, identificou-se nesse quesito uma fragilidade que merece atenção. Falta um documento ilustrativo, explicando de forma objetiva e clara as premissas básicas do projeto.

Planejar o fazer docente na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítico perpassa **quatro níveis** de compreensão da realidade segundo Gasparin (2011). **Primeiro**, com base no Materialismo Histórico-Dialético, em que o processo de conhecimento se dá na práxis, que parte do empírico na prática inicial ao conhecimento científico sendo a prática final; **segundo**, na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski quando explica os níveis de desenvolvimento dos sujeitos; “o **terceiro** nível são os cinco passos da Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani: Prática Social, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social”; o **quarto** sendo a síntese, a interpretação dos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético, da Teoria Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica dando suporte aos fundamentos teórico-metodológicos da práxis do professor (GASPARIN, 2011, p.2, grifo nosso).

Para tanto, os estudos com os PROBs do projeto perpassam o mesmo construto acima descrito, por serem os encontros mensais com os mediadores um processo também de ensino e de aprendizagem. Apresentar a prática social inicial, compreendida como os pilares do *Palavras Andantes* representa o ponto de partida. A práxis do PROB passa a ser desenvolvida a cada estudo do projeto em um processo de apropriação e objetivação dos saberes problematizados e instrumentalizados a cada estudo do *Palavras Andantes*. A catarse dar-se-á na mediação do PROB que sabe onde quer chegar. Sem o conhecimento do projeto: sua organização, objetivos e resultados esperados o PROB, ainda que bem intencionado pode recair sobre práticas de leitura divergentes do que propõem o *Palavras Andantes*.

É inegável que a práxis no fazer docente consiste em um estudo contínuo, como postula Vigotski (1993) acerca do desenvolvimento das capacidades

superiores dos sujeitos. Um processo dado em um espiral de saltos qualitativos gradativos, cabendo nesta reflexão a pergunta: *10. Como funcionam as Formações Continuadas do Palavras Andantes*. Segundo a coordenadora Virgília, as organizações dos encontros são pensadas em “[...] blocos de assunto e às vezes bloco de autor. Então assim, o que está na mídia, o que... Histórias folclóricas que eu posso levar, tipos de histórias que eu posso escolher para ler.” As discussões também são desenvolvidas diante da necessidade e sugestão das PROBs.

Ainda nesta questão outros três elementos foram discutidos: *a. Quem aplica os estudos?* A resposta foi de que são escolhidos sujeitos que melhor atendem as proposições de estudo do momento. Pesquisadores da área de Letras, Pedagogia e Biblioteconomia, contadores de histórias, autores de livro entre outros. No quesito *b. discutiu com que frequência acontecem os cursos*. “Os encontros são mensalmente nas quintas-feiras, dia reservado ao planejamento do PROB” (VIRGÍLIA). A questão *c. apurou a participação das formações (obrigatoriedade)*. Virgília diz enviar uma convocação a cada PROB por meio de CI – Correspondência Interna. “[...] Isso convalida o chamamento.” Segundo a coordenadora, os PROBs gostam muito dos estudos e não as veem como uma obrigação. O número de faltas nos encontros é baixo.

Sobre os estudos direcionados nos encontros mensais perguntou-se: *11. Quais são as principais pautas das formações?* Os temas trabalhados abrangem a mediação, contação de histórias, práticas de leitura, sugestão de autores e livros, organização pedagógica da biblioteca, as trocas de experiências das PROBs dentre outros estudos que são desenvolvidos nos encontros do *Palavras Andantes*.

A última questão propôs-se a desenhar a situação atual das BEs de Londrina: *12. Sobre o projeto Palavras Andantes: a. Todas as escolas de Londrina participam?* “Sim. São 87 escolas participantes e aproximadamente 170 PROBs”. *b. Todas as escolas têm biblioteca?* “Não. 4 de 87 não tem [...], mas em todas há o trabalho do Palavras com empréstimo e HC, tudo certinho [...] onde não tem BE as PROBs levam os livros até as crianças.” *c. Os acervos das escolas são atualizados, possuem bons materiais de leitura?* Segundo a Virgília o acervo de forma geral nas BEs de Londrina é atualizado e de qualidade. *d. Recebem materiais novos com frequência? Compram, ganham, solicitam da Secretaria com assiduidade?* Até a gestão anterior manteve-se uma regularidade na compra de acervo, ainda que sem

um período estipulado para receber os materiais e as quantidades, sempre chegava algo novo as escolas. Há 5 anos nenhuma compra foi realizada pela SME de Londrina, mesmo sendo enviada uma lista de exemplares para a compra por inúmeras vezes para o setor responsável por compras na Prefeitura Municipal da cidade.

É fato de que o acesso aos livros de qualidade: edições atualizadas, novos e de conteúdo literário se faz fundamental na constituição de um leitor. Isso foi um dado bastante debatido na tese do Prof. Rovilson que criticou severamente a prática antiga nas escolas municipais de Londrina de guardar livros nos armários (SILVA, 2006). Na entrevista com as PROBs isso ainda acontece nas escolas por recomendação da gestão da escola. Uma das mediadoras disse não acatar com esta imposição e que empresta sim os livros “reservados” ao uso do professor. “Esses livros são deles! Foi comprado com o dinheiro público! É deles! As crianças cuidam dos livros. Leem e devolvem” (D. PLÁCIDA).

As entrevistas com o Prof. Rovilson e com a coordenadora Virgília foram muito esclarecedoras. Pode-se entender as bases do *Palavras Andantes* desde as proposições iniciais até o seu desenvolvimento há quase duas décadas nas BEs de Londrina. Algumas questões pontuais compreendidas como promissores no que propõem o projeto: os cursos aos mediadores de leitura, PROBs em todas as BEs da rede municipal, HC semanal fomentando a leitura literária, o empréstimo regular de livros assegurando a democratização da leitura das crianças e BEs com organização arquitetônica e pedagógica. Outros são elencados como fragilidades: o tempo entendido como curto para a excussão das atividades na BE, a sobrecarga de trabalho das PROBs como acúmulo de funções, a falta de uma política municipal de aquisição de acervo e a incerteza de manter o projeto em suas bases ganharam destaque nas falas do idealizador e da atual coordenação.

Na sequência serão analisadas as entrevistas realizadas com quatro PROBs. As entrevistadas foram selecionadas por atuarem: duas na escola “A” com maior IDEB e outras duas profissionais da instituição “B” com o menor resultado do índice no município da avaliação em 2017. Pretende-se com o apreço das discussões o confronto da realidade.

### 5.1.2 Entrevista com o PROB - Professor Regente de Oficina de Biblioteca

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas nas BEs onde atuam as PROBs selecionadas. Os questionamentos seguiram em um ritmo de conversa tentando desvelar das mediadoras o cerne do trabalho nas BEs de Londrina. As questões iniciais pretenderam desenhar o perfil dos PROBs.

**Quadro 4 – Questão 1**

Sobre a sua formação, responda:			
Entrevistada	Tempo como professora	Tempo como PROB	Formação
D. Plácida	3 anos	2 anos	Pedagogia
Sabina	10 anos	1 ano	Pedagogia
Nhã-Loló	20 anos	2 anos	Letras, português e inglês, e o técnico de magistério.
Eugênia	23 anos	4 anos	Letras

Fonte: da própria autora (2020)

As professoras com maior tempo de docência trabalham na escola com o maior IDEB. Ainda que em entrevista com a Virgília coordenadora do projeto de 2010 a 2019, tenha citado que a maioria dos PROBs atuam há bastante tempo na BE, pode-se identificar nas escolas pesquisadas um período curto de atuação, como mencionado pelo Prof. Rovilson a rotatividade do mediador de leitura “[...] tem alguns que permaneceram, mas ainda tem essa oscilação” (ROVILSON). A Educação Inicial bem variada é comum nessa etapa de ensino (SILVA, 2006).

Sampaio e Marin (2004, p. 12), em uma discussão acerca de precariedade ligada ao trabalho docente, apontam como fatores que interferem na prática escolar: “a carga horária de trabalho e de ensino, tamanho das turmas e razão entre professor/alunos, rotatividade/itinerância dos professores pelas escolas e as questões sobre carreira no magistério”. As autoras Sampaio e Marin (2004) enfatizam longas jornadas de trabalho e curto período de hora-atividade limitam os estudos a práxis pedagógica do professor. Turmas numerosas representam uma problemática no processo de apropriação do saber e na relação professor-aluno ocasionando o distanciamento dos sujeitos o que afeta os processos de ensino e de aprendizagem. A rotatividade - em turmas/projetos na mesma escola - e itinerância -:

circulação em várias instituições de ensino - decorre de inúmeros fatores: precariedade e desvalorização do trabalho, imposições do sistema de ensino no fazer pedagógico do professor.

Dos fatores mencionados anteriormente, fora identificado no desenvolvimento do *Palavras Andantes* dois quesitos: sobrecarga de trabalho e rotatividade/itinerância das PROBs. Sobre a carga horária dos mediadores é difícil inferir, já que é um direito resguardado por lei. Esta é a mesma realidade dos regentes de turma sendo reservado 1/3 da jornada de trabalho a hora-atividade (LONDRINA, 2015). Quanto a rotatividade/itinerância não fora mencionada pelos entrevistados o porquê. Pode-se perceber na fala de uma das PROBs o sentimento de desvalorização do seu trabalho, mas isso não significa que esse é o motivo.

Na sequência a questão 2 foi: *you gosta de ler?* Todas responderam que sim. Duas fizeram a ressalva de que gostam de ler, mas que não sobra tempo para realizar a leitura, até mesmo para reconhecer o acervo da BE e indicar para os alunos. A pergunta fora feita por entender que só é possível ser mediador de leitura se tal prática exercer representatividade na vida do sujeito.

O desenvolvimento do sujeito é fruto da ação das experiências vividas. Diante das relações sociais num movimento histórico, na criação de sentido pessoal de satisfazer as necessidades, o sujeito apropria-se do mundo social. O professor representa o ser carregado de experiências. Em sua função pedagógica sistematiza os saberes eruditos, científicos e aproxima o objeto de estudo do sujeito aprendiz, conseqüentemente, suas vivências representam o significado dado ao objeto social (VIGOTSKI, 1993; DUARTE, 2001; SAVIANI, 2011).

Se o mediador da ação leitora não for um sujeito com a necessidade contínua de leitura, como ela há de plantar e germinar nos seus alunos a semente da leitura em ação? A práxis educativa sendo um ato humanizador e consciente situa-se na mediação pedagógica. Arnoni (2012, p. 67) esclarece que “a mediação refere-se à relação pedagógica que se estabelece entre professor e aluno no decorrer da prática educativa, quando o professor desenvolve o conceito junto aos alunos por meio da linguagem [...]”. É nesse intercâmbio dos conhecimentos socialmente produzidos que se encontra a emancipação humana (ARNONI, 2012).

É relevante ponderar que o termo mediação não caracteriza nas bases teóricas desta pesquisa um entendimento reducionista de “ponte” entre aluno e o conhecimento, e sim, nas bases da lógica dialética e ontológica reconhecendo

que os processos de ensino e de aprendizagem decorrem da relação social dos sujeitos correspondendo a mediação dialético-pedagógica (ARNONI, 2012). Portanto é nesta:

[...] matriz - que se estabelece entre professor e aluno na prática educativa, deriva a relação consciente de mediação entre os processos subjetivos de ensino e de aprendizagem que professor e aluno respectivamente desenvolvem. E, destas mediações - matriz e derivada - decorre o processo de aprendizagem do aluno por compreensão, ou seja, a superação de suas ideias iniciais na elaboração conceitual. O processo de superação ocorre por meio da contradição que se estabelece entre as ideias iniciais sobre o conceito a ser ensinado e o próprio conceito. Matriz, derivada e decorrente são as dimensões da mediação dialético-pedagógica que caracteriza a aula como práxis educativa [...] (ARNONI, 2012, p. 68).

Essa práxis concerne em um movimento dinâmico de ensino prevendo uma tomada de consciência, acerca do conhecimento elaborado e produzido historicamente. Consciente porque é reflexiva, pensada e planejada constituindo sentido e significado aos sujeitos do processo. Tal apropriação lúcida se dá na mediação dos saberes articulada para desenvolver as capacidades superiores do aluno (VIGOTSKI, 1993).

Para que o professor seja um mediador da cultura humana é fundamental que ele tenha acesso aos saberes dando base ao seu fazer pedagógico. Ser ele também um leitor em ação. Por isso, a Educação Continuada far-se-á primordial aos profissionais da educação renovarem sempre seus conhecimentos e aprimorarem a práxis educativa. Sabendo que o *Palavras Andantes* prioriza este estudo com os professores fez-se a seguinte indagação aos entrevistados:

#### Quadro 5 – Questão 3

PROB	3. Você participa de todas as Formações do Palavras Andantes? Explique sua experiência nesses estudos. Caso não, explicar o que implica nessa atitude.
D. Plácida	Participo. É, mas a gente não vê muito como obrigatório, porque a Virgília é uma pessoa encantadora. Você já conheceu, não é? Só de estar com a ela já é bom, de estar com as outras pessoas, porque bem ou mal acaba virando uma troca também, você vai ouvindo, você aprende e agora eles estão com uma formação assim. Mês passado foi em uma escola. Aí vai por região. Por exemplo, a região Sul, eu acho que três escolas, começou, a primeira formação foi aqui.
Sabina	Sim. Além da formação, a gente tem um grupo no WhatsApp, então a gente tem a formação, que é obrigatória, e no grupo a gente também troca muita ideia. O pessoal coloca sugestões de livro, quem está precisando, solicita de outro colega. Agora mesmo eu vi uma professora, "estou trabalhando histórias africanas com

	esse livro, está dando certo". Então, assim, tem uma troca bem grande.
<b>Nhã-Loló</b>	Não. Porque a gente tem muitas atividades aqui. É muito importante. Eu adoro. É riquíssimo, porém nas quintas-feiras é o dia em que nós temos hora atividade, e que além de estar na biblioteca, eu também atuo na sala de informação, que é no mesmo período. Também, para completar a carga, eu preciso trabalhar produção de texto. Então na quinta-feira eu tenho que dividir a minha hora atividade com biblioteca, a informática e a produção de texto. Mas, sempre são ótimas. Algumas vezes a gente tem momentos de conversas, de discussões, e é muito bom também, porque a gente troca figurinha, mas as formações, os cursos, quando vão participantes, contadores de história que ensinam técnicas ou sempre estão ali para motivar o teu trabalho que, realmente, é um trabalho bem difícil e de todos nós da educação. A educação está ficando bem difícil. Não vem ao caso, porém para quem trabalha com projeto está bem carregado. Então quando a gente tem essa troca, nós tivemos uma formação que foi na região Sul. Cada região recebeu alguns participantes do Palavras e nós trocamos muita figurinha e um passa para o outro o que é melhor. "Ah, eu testei isso, o que você acha?", "eu testei, mas não deu certo na minha". A gente vê realidades diferentes. É bem bacana. A formação é bem importante.
<b>Eugênia</b>	Sim, de todos. As formações acontecem no mesmo dia reservado para a hora atividade uma vez por mês, né. Aí acabo planejando em casa. O planejamento fica bem truncado. Porque trabalho história, geografia, sala de multimídia e biblioteca. As formações são sempre muito boas. Acrescentam muito. Sempre aprendo coisas novas, as trocas, os jeitos que as colegas relatam que trabalham.

**Fonte:** da própria autora (2020)

Sobre os cursos, três das PROBs afirmaram participar de todos os encontros. As mediadoras enalteceram os encontros da Educação Continuada dizendo o quanto aprendem e trocam as experiências que acrescentam na sua prática. Uma delas disse que acaba não participando sempre, porque os cursos acontecem no dia do planejamento semanal e como leciona outras disciplinas precisa se organizar nesse dia. Esta é a realidade de outras PROBs diante do número de turmas na escola.

Como mencionado anteriormente com amparo na reflexão de Sampaio e Marin (2004), a carga horária de trabalho dos docentes é um fator que interfere diretamente na qualidade de ensino. O processo de avaliação formativo que prevê a constante reflexão sobre o desempenho dos alunos e a autorregulação do professor no seu fazer pedagógico requer tempo (MORAES, 2011). A questão de ter várias disciplinas gera uma sobrecarga de trabalho e fragiliza o desenvolvimento da práxis educativa.

A troca de experiências entre as PROBs dá luz aos direcionamentos da mediação da leitura. Uma profissional vai apontando a outra o que tem dado certo, as dificuldades e na relação entre elas novas possibilidades são apresentadas. Na mesma perspectiva da criança enquanto aprendiz, o PROB dá

saltos qualitativos em um movimento espiral do concreto ao abstrato, da empiria ao conhecimento científico. Os mediadores mais experientes compartilham aspectos promissores e fragilidades das suas ações e isso dá aporte há outros sujeitos (VIGOSTSKI, 1993).

A práxis é a atividade teórico-prático que permite a transformação do homem social, superando a realidade em seus limites básicos aos mais complexos no movimento voltado ao desvelar do real, o cerne da essência dos fatos. A atividade práxis possibilita a humanização do sujeito, a tomada de consciência a emancipação do homem (ARNONI, 2012; VÁZQUEZ, 1990). A prática esvaziada do teórico representa um fazer utilitarista e alienado. Para confrontar se teoria e prática caminham juntas nos estudos da Educação Continuada direcionou-se a pergunta 4:

#### Quadro 6 – Questão 4

PROB	4. Você conhece com clareza os objetivos e metas do projeto <i>Palavras Andantes</i> ? Explique.
D. Plácida	Virar para você e falar assim "já recebi o papel, eu li, eu decorei", mas para mim o objetivo da leitura é um só. É você mostrar às crianças... Como é que eu posso dizer para você? A biblioteca, a leitura, é tão encantadora que você consegue viajar e você consegue mostrar, principalmente para essa comunidade, outras formas de viver, outros sonhos, que eles nunca pensaram em ter na vida deles.
Sabina	Eu ainda não tive esse acesso ao projeto. A coordenação se pôs à disposição para eu ir lá na secretaria de educação e passar um período com ela, para ela me explicar, mas eu ainda não tive essa disponibilidade, por conta do trabalho.
Nhã-Loló	Posso dizer que sim, que é leitura, acima de tudo, o incentivo à leitura, a questão do acervo, de estar proporcionando essa questão para o aluno. Eu acho muito importante, porque, hoje em dia, só celular, internet, então você pegar o papel, você valorizar os nossos grandes autores, isso é fundamental.
Eugênia	Agora eu não sei dizer exatamente... sei que um deles é incentivar a leitura. Tem outros objetivos também... mas agora não lembro.

Fonte: da própria autora (2020)

Apesar dos objetivos do *Palavras Andantes* alicerçar-se sobre os quatro pilares: 1º Formação do professor que medeia a leitura literária na escola; 2º Realização semanal da Hora do Conto; 3º Ampliação do acervo e empréstimo; 4º Readequação pedagógica e arquitetônica da biblioteca escolar (SILVA, 2006), para a maioria das entrevistadas o projeto se resume ao incentivo à leitura. É evidente que a leitura é o eixo principal da proposta nas BEs. No entanto, a práxis reflexiva sobre a totalidade do projeto pode ser uma fragilidade, uma ruptura entre fenômeno: o projeto na sua estrutura escrita e na essência: o desenvolvimento dele na prática.

Diante da consistência teórica na tese do Prof. Rovilson, outros textos de leitura rápida e a ênfase dada nos estudos da Educação Continuada, sobre os objetivos mais centrais do projeto, a falta de conhecimento dos aspectos teóricos que circundam o projeto destacou-se nessa questão.

Vale ressaltar que a crítica não está sobre o trabalho das PROBs. O ponto é: como profissionais em Educação Continuada não receberam uma orientação tão primária? Essa questão gerou bastante incômodo, um clima de desconforto na entrevista. Mesmo a coordenadora Virgília afirmando realizar um direcionamento com ideias gerais do projeto com as novatas, nenhuma delas a fizeram. Essa falta de base sobre os objetivos que desencadeiam a proposição última do projeto: fomentar a leitura e formar leitores em ação, marca a incerteza de se tal fim será alcançado.

Os processos de ensino e de aprendizagem requerem um planejamento traçando os caminhos a serem percorridos. O trabalho do professor consciente ou não, se concretiza na elaboração de sua práxis traduzidas em métodos e técnicas (VÁZQUEZ, 1990). Na Pedagogia Histórico-Crítica, como discutido anteriormente na questão 9 da entrevista direcionada a coordenadora do projeto, há quatro níveis de compreensão da realidade que dão suporte ao planejamento docente. Em suma, os níveis representam o reconhecimento teórico das bases materialistas e a prática. A teoria transposta na ação do professor. O processo é avaliado tendo em vista as apropriações feitas pelos sujeitos aprendizes e do fazer docente (GASPARIN, 2011).

Se o ponto de partida reside na incerteza do fim a ser alcançado: qual será o percurso dos processos de ensino e de aprendizagem da criança? Qual será o resultado? A indecisão sobre quais são as metas a serem alcançadas pode ser uma fragilidade no desenvolvimento do trabalho. As PROBs ficam feito Brás Cubas a sombra dos objetivos de terceiros: Ele formou-se sem querer formar, tornou-se político para agradar e nunca chegou a lugar nenhum. “[...] Tantos sonhos, e não sou nada” (ASSIS, 1998, p.751). A estranheza dos objetivos que deseja atingir representa a execução alienada do trabalho.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em

movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 2011, p. 188).

Diante do trabalho humano desarticulado do movimento consciente de suas ações a “coisificação” da produção humana torna o seu fazer esvaziada de sentido. Quando o homem se desgasta com o seu trabalho “[...] mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio” (MARX, 2004, p. 81). A reificação do sujeito causa o estranhamento do homem consigo e com o meio que o cerca. A individualidade e a desumanização permeiam as relações sociais deste ser. A apropriação e objetivação da Atividade Vital servindo apenas a manutenção da integridade física do sujeito alienado (MARX, 2004).

O *Palavras Andantes* como todo e qualquer projeto não materializa os seus objetivos sozinhos. As ações dos autores envolvidos a proposta são fundamentais para o sucesso do trabalho. As iniciativas da maioria das PROBs entrevistadas caracterizam está entrega ao projeto. Mesmo não reconhecendo os pilares do projeto, foi possível vislumbrar na entrevista com duas PROBs a clareza de que o *Palavras Andantes* tem a intenção de fomentar a leitura. O empenho das mediadoras D. Plácida e Nhã-Loló demonstra isso. As duas, trabalhando em escolas diferentes, realizam projetos conjuntos ao *Palavras Andantes* nas BEs.

D. Plácida desenvolve a proposta de um “restaurante literário”. A PROB organiza uma espécie de buffet com os livros no auditório da escola. As crianças fazem a escolha do que está disponível no “cardápio literário” e se servem. Cada uma com o seu “prato” sentam-se e saboreiam as páginas. Depois, em uma espécie de sorteio as crianças relatavam o que haviam “comido”. Segundo ela, é um momento adorado pelos alunos. Todos querem participar e apresentar as suas leituras. A família também se envolve e participa incentivando as crianças a lerem (D. PLÁCIDA).

Nhã-Loló demonstrou na sua fala o quão imerso os alunos estão na leitura. Ela montou um palco interativo no saguão da escola. Em um dia reservado para cada turma, as crianças estão realizando contações de histórias. A organização conta com a participação dos pais ajudando o filho em casa com a leitura, confecção de materiais como fantoches ou acessórios utilizados para contar a história. Todos

os alunos são convidados a participar, não é obrigatório e ninguém se recusa a fazer. Até os mais tímidos se envolvem (NHÃ-LOLÓ).

As duas propostas citadas acima não foram apreciadas a fundo. Não se pode mensurar se os encaminhamentos têm em seu eixo central as prerrogativas do que postula os pilares do *Palavras Andantes*. O que fora possível afirmar é que as crianças atendidas por essas mediadoras encontraram a necessidade de ler (ARENA, 2010). Vale ponderar que diferente da leitura como um pretexto (LAJOLO, 1991) as PROBs D. Plácida e Nhã-Loló desenvolvem um trabalho na perspectiva de tornar vivas as leituras realizadas pelas crianças. A cultura presente nos textos literários está circulando socialmente. A participação nas atividades realizadas pelas duas mediadoras é voluntária e quase todos querem fazer parte.

Iniciativas como essas duas são bem significativas e acontecem em muitas BEs da rede como citou Virgília e Prof. Rovilson em entrevista. Uma mostra do *Palavras Andantes* acontece anualmente na cidade de Londrina. As PROBs apresentam os trabalhos desenvolvidos por elas nas BEs. Não foi possível apreciar este encontro. No ano de 2020, em decorrência do novo Coronavírus ele não aconteceu. É certo de que as ações desdobradas pelas PROBs são frutos dos estudos encaminhados na Educação Continuada sendo pertinente questionar:

#### Quadro 7 - Questão 5

PROB	5. Em sua opinião, as formações capacitam o seu trabalho na concepção de leitores mirins? Explique por que sim ou não de sua resposta.
D. Plácida	Acredito, mas não são todos. Quando eu trabalhava como assistente social, a gente briga com o mundo lá fora. A gente mostra uma coisa para eles, mas lá fora... mas o projeto faz a diferença. É porque você chegar, para mim, igual era a biblioteca, não estou nem falando mal do que era a biblioteca, cada um com seu cada um, cada um com seu pensar, mas você chegar, você sente, você lê. Agora, você vai, procura um livro, lê e põe de volta. Agora esse espaço tem vida.
Sabina	Na minha opinião a participação das formações até agora foram poucas porque eu entrei em julho. Então eu não posso te responder isso. Até agora tem sido vantajoso para a minha própria experiência, para dar ideias para as minhas aulas. Agora, o embasamento teórico ainda não tenho. Quanto a isso eu não tive o acesso ainda.
Nhã-Loló	Com certeza. A estimativa, eles pegam livro uma vez por semana. Quantos livros eles vão ler em um ano letivo?
Eugênia	A eu acho que sim. Me dá base para trabalhar a leitura.

Fonte: da própria autora (2020)

A resposta de três PROBs repousou no campo da crença. Essas reconhecem que a Educação Continuada dá suporte ao trabalho na BE, mas sobre formar leitores não há uma clareza quanto a isso. A Nhã-Loló quando indagada: As crianças leem mesmo? Não tem nenhuma cobrança depois? Segundo ela, o tempo de 50 minutos com as crianças na BE é curto para fazer este trabalho e cobrar a leitura, visto que a leitura com o pretexto, por obrigação de ter que contar para alguém, não faz parte do que propõem o *Palavras Andantes*.

Ainda para Nhã-Loló, a participação dos pais é fundamental “[...] não adianta incentivarmos aqui e lá fora ele não ter respaldo nenhum. Claro, tem todo o seu trabalho, mas quando a gente faz aqui e lá não acontece nada, parece que não caminha”. Segundo ela na escola em que atua a família é presente e estimula a leitura dos filhos também. Já na fala de sua colega de contraturno Eugênia, alguns pais são insuficientes na participação “[...] tem alunos que falam que leem sozinhos, não leu para ninguém e isso é uma fragilidade da escola [...]”. A PROB em questão, não mencionou usar o palco interativo.

É certo que a proposição do *Palavras Andantes* não dever ser a extensão da sala de aula cobrando leitura. O trabalho de Nhã-Loló constitui o que prevê o projeto. Vai além do acesso aos livros. A forma de uma práxis direcionada tornando o aluno como o autor de suas leituras encaminham-no à consciência do ato *para si* (DUARTE, 2008). O conteúdo lido pelas crianças segue a qualidade preconizada pelo projeto: textos literários.

Vale a ressalva de que a escola “A” onde atua a Nhã-Loló a maioria dos pais, como ela mesma citou, participa da vida acadêmica do filho. Isso foi identificado na pesquisa diante do TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido encaminhado às crianças dos 5º anos da instituição. Todas as crianças trouxeram uma devolutiva no dia seguinte a entrega do termo. A pretensão inicial da pesquisa era de analisar a mediação da leitura feita com elas. Não foi possível prosseguir dessa forma, porque a pesquisadora não obteve a liberação de todos os pais, mas todos assinaram o termo. Da escola “B” os TCLEs devolvidos não chegaram a 80%, mesmo sendo cobrado várias vezes.

Nesse ponto fica claro que somente a ação da mediadora ou do projeto não desenvolvem por si só um sujeito leitor no ato. A participação dos responsáveis pelas crianças é muito importante na constituição do leitor. Nas iniciativas da mediadora Nhã-Loló e D. Plácida fora possível fazer a conexão do

trabalho conjunto família e escola. Isso vem ao encontro com a fala do Prof. Rovilson em entrevista, quando disse que o *Palavras Andantes* é fruto de esforço de muita gente, e claramente, nenhum projeto será capaz de sozinho formar leitores. A tríade entre forma, conteúdo e destinatário na mediação é o que marcará o sucesso do trabalho (CHEPTULIN, 1982; SAVIANI, 2011).

Na sequência, com a intenção de compreender o contexto específicos das BE das PROBs entrevistadas foi arguida a questão 6. dividida em subtópicos de A até D sendo 6. *Sobre o projeto Palavras Andantes: a. Desde quando a escola participa?* As quatro PROBs não conseguiram precisar o tempo. As diretoras das escolas disseram que esse trabalho acontece desde o início 2002.

Na letra: *b. Sempre teve biblioteca nessa escola? Como é a organização da biblioteca?* Duas respostas se destacaram nesse quesito. A D. Plácida disse que sempre teve. O espaço foi reduzido com o passar dos anos. Segundo a PROB a necessidade de abertura de uma sala de aula dividiu a BE. A Nhã-Loló afirmou que sempre teve biblioteca, no entanto, criticou o espaço dizendo ser uma cópia da sala de aula. “Poderia ser uma organização mais descontraída [...] ser um espaço de prazer<sup>18</sup>”. Essas respostas afirmam a preocupação disposta nos pilares do *Palavras Andantes* quanto a organização arquitetônica e pedagógica para assegurar o funcionamento da BE.

Diante da pandemia do Coronavírus que acometeu o mundo, o afastamento social representa uma necessidade de sobrevivência. O “ensino remoto” apresentou-se como um substituto ao ensino presencial. Nesse tipo de “modalidade” de ensino os sujeitos do processo precisam ter condições mínimas como: acesso a equipamentos digitais com internet e serem “alfabetizados” com as mídias. É evidente que para a maioria dos alunos e professores esses requisitos não são preenchidos (SAVIANI, 2020).

A palavra que circunda o contexto educacional, político, econômico, social e sanitário na atualidade é crise. Uma condição que perpassa a pandemia do Coronavírus. Saviani (2020, p.14) afirma que há um verdadeiro “[...] desmonte da educação nacional pelo corte dos recursos destinados à educação, à ciência e à pesquisa científica, [...] com ameaças e iniciativas efetivas de privatização e com a desqualificação e perseguição aos professores”. (SAVIANI, 2020).

---

<sup>18</sup> Na visita da pesquisadora na escola a questão mencionada pode ser vista nas imagens das páginas 96 e 97 deste trabalho.

É importante fazer uma ponderação nessa circunstância da nova realidade social em que vivemos. No contexto socioeconômico brasileiro em que cerca de 16 milhões de pessoas encontram-se na linha da pobreza, segundo a linha de elegibilidade ao Bolsa Família (R\$ 178,00 por pessoa da família) sendo quase 8% da população do país que não tem nem o mínimo para garantir a sua sobrevivência (IBGE, 2020), será que os livros estão entre os itens de compra básica destes lares? É evidente que não. Desse modo, a BE é maior do que um espaço, ou sala de leitura. É um ambiente democrático de acesso, de garantia ao direito inegável a cultura erudita como defendem Candido (2004) e Saviani (2011).

Tal direito corresponde aos bens culturais expresso em textos literários, por isso arguiu-se as PROBs a questão *c. Como está o acervo: é atualizado, possui bons materiais de leitura?* As PROBs da escola “A” afirmaram ter um vasto acervo e de qualidade. “São 5 mil títulos” segundo Eugênia. Em uma instituição com aproximadamente 250 alunos são 20 livros por criança. Já na escola “B” a D. Plácida que atende as crianças de 1º ao 4º ano disse que tem livros novos e antigos. A BE, segundo ela, precisava receber mais livros. Alguns títulos foram restaurados para o empréstimo. A instituição tem cerca de 800 alunos. As PROBs que atuam na escola não souberam dizer a quantidade de livros que tem na BE. Visualmente a BE da escola “B” parece ter menos livros do que a escola “A” que tem um número bem menor de alunos.

A PROB da instituição “B” Sabina atende os alunos dos 5º anos sendo 8 turmas. Na opinião dela, os livros direcionados a idade destas crianças são antigos e necessitam de restauração. Apesar de reconhecer o valor literário dos livros disponíveis na BE, há muitas obras com a capa caindo, páginas velhas, sujas e rasgadas representa uma fragilidade no momento do empréstimo do material aos alunos.

Sabina disse que as crianças até levam as obras mais antigas para casa, mas entende que se houvesse edições atualizadas mais alunos fariam o empréstimo. A PROB comentou que alguns alunos não pegam livros. Ela os incentiva, mas não é obrigatório. O projeto prevê o empréstimo de forma livre. Os alunos têm a liberdade de levar ou não livros para casa e a maioria empresta. Sabina afirmou levar para a escola o acervo pessoal. As obras que ela percebe haver um interesse maior das crianças são as que ficam em sala de aula. Segundo a PROB, são livros que vem do governo e não vão para casa. Ela não soube dizer de

que programa corresponde tal acervo. Para ela estas obras deveriam circular pelas casas das crianças. São títulos mais extensos e necessitam de mais tempo para a leitura, e isso seria possível em casa.

Diante do exposto é relevante apontar que a instituição “B” com o menor IDEB da avaliação de 2017 (IDEB, 2017) tem um acervo pequeno e com muitos livros que necessitam restauração para atender a demanda elevada de alunos. A necessidade da escola “B” de acervo é grande. D. Plácida disse já ter solicitado livros novos. A coordenação recebeu o seu pedido e disse estar lutando para mandar mais materiais de leitura a BE dessa escola e de outras instituições. Isso aponta o quão é indispensável uma política pública permanente de compra de acervo no município para alimentar o trabalho de fomento à leitura do *Palavras Andantes*. Mesmo sendo enfatizada a aquisição de livros nas proposições do projeto (SILVA, 2006), na essência a realidade é divergente.

A quantidade e a qualidade dos materiais de leitura são primordiais para formar novos leitores em ação, por isso, levantou-se outra pergunta: *c. Recebem materiais novos com frequência? Compram, ganham, solicitam da Secretaria com assiduidade?* Todas afirmaram não ter chegado nada novo para a BE. O que vem de acervo para a escola é do PNAIC livros destinados as turmas do ciclo de alfabetização do 1º ao 3º ano, o que é adquirido com o recurso do PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola e do PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Todas essas obras não são destinadas ao empréstimo ou para a mediação na BE, segundo as PROBs. Livros destinados as turmas de 1º ao 3º anos ficam na sala de aula seguindo as orientações do PNAIC e PNLD. Já o acervo direcionados para 4º e 5º anos do PNLD deveriam, segundo as diretrizes do programa, ir para a BE. No entanto, as PROBs afirmaram que isso não tem acontecido.

Em 2018 creches, pré-escolas e Anos Iniciais do Ensino Fundamental cadastradas ao Programa foram beneficiadas com o PNLD literário. Só em Londrina foram distribuídos mais de 47 mil exemplares destinados aos níveis de ensino mencionados acima (BRASIL, 2020a). Com o decreto nº 9.099, de 18/07/2017, todos os Programas do Livro foram unificados. O PNLD corresponde a um dos maiores Programas de distribuição de livros do mundo. Só o PNLD com ações de distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias teve um investimento de pouco menos de 1,4 bilhões de reais gastos na compra de acervos

destinados as escolas de todas as etapas do ensino básico entre 2019 e início de 2020. Mais de 172 milhões de livros designados a pouco mais de 32 milhões de alunos o que corresponde a uma média de 5 títulos para cada criança (BRASIL, 2020a).

Esse acervo “preso” nos armários das salas de aula, principalmente os enviados aos alunos de 4º e 5º anos, tem um tom de desperdício do dinheiro público. O período que as crianças passam na escola não é suficiente para a leitura dos livros, porque são obras mais extensas de maior complexidade atendendo a idade acadêmica das crianças. A ação de guardar livros identificada a quase duas décadas pelo Prof. Rovilson nas escolas da rede municipal londrinense, ainda são tão atuais (SILVA, 2006).

No quesito *d. Por que você atua na biblioteca?* As quatro PROBs afirmaram serem convidadas para exercer o trabalho. A gestão da escola identificou nelas um perfil de profissional para atuar na BE. Uma PROB respondeu ser chamada pelo seu amor por livros, outra porque fazia contação de histórias em outra escola, a terceira pela formação artística e a última porque a vaga estava disponível. Nenhuma é readaptada como eram antes os profissionais que atuavam nas BEs.

Mediar a leitura literária requer do professor uma consciência do papel emancipatório e libertador que os textos desse segmento promovem. Uma relação afetiva professor-aluno é fundamental para que a criança seja impulsionada a ler. Para identificar se as PROBs estabelecem uma relação de afeto com os alunos dirigiu-se a elas a questão 7:

**Quadro 8 – Questão 7**

PROB	7. Você estabelece uma relação de afetividade com os seus alunos? Você acredita que tal relação influencia as práticas de leitura deles? Explique se sua atitude está diretamente relacionada às formações do Palavras Andantes.
D. Plácida	Total, porque a partir da hora que ele vê que você se empolga e a maneira com que eu empresto os livros para eles, aí eles vão, eles pegam o livro e falam "nossa, está podendo hein"? O empoderamento das crianças. Então, às vezes, uma palavra que você fala para eles... Igual ontem, teve uma menina que pegou O Cortiço. Eu falei, "você vai ler O Cortiço?". Terceiro ano. "Nossa, desculpa aí". Aí provoqueei, "o que será que tem nesse livro?". "Por que a professora disse isso?" Aí teve um outro menino que pegou um livro antes do teatro, Alice. Ele até comentou no dia. "Eu li Alice no País das Maravilhas e depois eu vi o teatro". Olha que coisa linda. Olha que lindo. O Palavras Andantes te provoca a isso também.

<b>Sabina</b>	Com certeza. Eu sempre busco perguntar o que está acontecendo ou falar de uma maneira mais carinhosa ou mais em uma brincadeira, descontraída. Eu tento tornar o momento da biblioteca o momento para eles também de descanso, de leveza. Às vezes, não é possível. Tem dias que a turma está agitada demais e aí a gente acaba ficando mais firme, mais rígido. Eu falo, acaba sendo chato até para eles, mas eu acredito que a afetividade ajuda. Por exemplo, quando essa aluna resolveu pegar o livro, eu não falei brava "tem que pegar o livro". Disse sempre: "você é tão inteligente, por que você não leva? Não precisa ter medo. Se você não ler, não tem problema, se você não leu". Você falando assim, as crianças acabam estando mais abertas a receber aquilo que você quer passar.
<b>Nhã-Loló</b>	Os dois, porque quando você está contando uma história, você tem, por obrigação, seduzir, e eu acho que além de como você contar, o contato físico, o olhar nos olhos, o sorriso, a confiança em você, eu acho que tudo isso desperta o interesse em sentar, em ouvir, em buscar um livro bacana. "Professora, esse é legal?" "É legal." "Eu vou gostar?" "Vai." "Professora, você me conhece." Já ouvi isso: "professor, você me conhece, eu vou gostar disso aqui?" Então eu acho que faz parte você conhecer o seu aluno, você entender. Eu acho que tudo isso é afetividade, porque a partir do momento que eles entram aqui, eles não são apenas alunos que buscam conhecimento, que buscam leitura. Eles buscam também o aconchego, uma alegria, o diferente. Sai fora do padrão de sentar um atrás do outro, de falar sobre aquilo que está no quadro. Aqui eles me contam coisas que muitas vezes eles estão com necessidade de falar para alguém. Às vezes eu estou sentadinha aqui, eles estão procurando o acervo, eu estou observando, alguém já me olha e já vem. E eu já ouço, já converso. Às vezes falo em livro que fala sobre isso, então a gente também percebe que está precisando de uma palavra, está acontecendo alguma coisa.
<b>Eugênia</b>	Sim, sim. Sempre tento conversar, ver o que está acontecendo. Não dá muito tempo é tudo muito corrido. É a mediação ou contação da leitura e o empréstimo. Não dá muito tempo para isso. A gente sempre conversa nas formações que a literatura salva! A literatura em si envolve questões de afetividade. Mas não é um assunto que discutimos nos cursos. Assim, dentro do possível, eu tento me aproximar das crianças.

Fonte: da própria autora (2020)

Todas as mediadoras afirmaram estabelecerem uma relação de afeto com os alunos. Elas reconhecem que o momento da HC desperta emoções e sentimentos nas crianças, e é isso que toca elas o que as movem a buscar leituras por necessidade humana. Apesar de não ser um assunto dos estudos do *Palavras Andantes* levantou-se uma observação diante do que ponderou a PROB Eugênia “[...] a literatura salva”. Tal “salvação” se dá no debruçar-se sobre os livros, na reflexão que o literário traz. Para acontecer este movimento é fundamental convidar os sujeitos ao deleite das obras. Isso se dá na mediação, na relação professor-aluno-objeto (VIGOTSKI, 1993).

É evidente que a literatura não salva ninguém. Não é um processo de osmose. A literatura dá ao sujeito a oportunidade do apreço a sociedade desvelada. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 177). Cabe ao ser agir sobre os conflitos gerados pelo literário no seu

pensamento, rompendo com a alienação, o aceite aos problemas que circunda a realidade social.

Nessa questão chama muita a atenção o termo utilizado por D. Plácida: “o empoderamento das crianças”. Essa frase remete as ponderações de Marino Filho (2011) acerca da necessidade, o poder e o domínio da Atividade<sup>19</sup> humana viva responsável pelo processo de humanização e desenvolvimento psíquico do sujeito. A necessidade é resultado de carências. Ela move o sujeito na busca por satisfazê-la. O poder é a força que permite superar a natureza biológica do homem suprindo suas carências humanas históricas e sociais. É a apropriação dos bens culturais. O domínio refere-se à manutenção, são as ações que permite agir sobre o objeto de estudo (MARINO FILHO, 2011).

Quando a PROB D. Plácida descreve a relação que estabelece com os seus alunos é possível vislumbrar esse movimento: gera-se a necessidade da leitura (objeto social da cultural humana). A criança leitora supera os seus limites biológicos e ao realizar uma leitura desenvolve as suas capacidades superiores. Ela tem o poder. Apropriou-se da ação de ler e a domina na medida em que é exposta a leituras cada vez mais complexas e desafiadoras.

É isso que compete à formação de sujeitos no ato de ler. É a Atividade humana vital, que supera a satisfação de bases biológicas para além da manutenção da vida do homem. É um processo humanização, de tomada de consciência através da apropriação dos produtos historicamente desenvolvidos pelos homens, no intento de superar suas necessidades físicas, mentais e sociais universalmente produzindo e reproduzindo toda a natureza. Diferente disso, a Atividade humana sendo unicamente um meio de satisfazer a existência, assim como os animais, aliena não desenvolve a consciência e não humaniza o homem (MARX, 2004; VIGOTSKI, 1993).

---

<sup>19</sup> Atividade com letra maiúscula refere-se à Teoria da Atividade de Estudos de base na Teoria Histórico-Cultural. Atividade nesta concepção é uma tarefa humana de apropriação dos conhecimentos culturais e socialmente produzidos ao longo da história. Ao apoderar-se de dada Atividade humana o sujeito a objetiva em suas práticas sociais de tal modo que ela se torna subjetiva a ele. Atividade de Estudos parte da necessidade do sujeito. É preciso que o aluno tenha um motivo pelo qual o faça debruçar-se sobre o objeto desconhecido, e ao concebê-lo, satisfaça sua necessidade. O saber, nessa perspectiva, ultrapassa a empiria rumo ao desenvolvimento do pensamento. Esse pensar é teórico arreigado de significado e sentido ao sujeito aprendiz. Isso possibilita a tomada de consciência e desenvolvimento do psiquismo humano (MARINO FILHO, 2011).

O processo de tomada de consciência se dá na apropriação dos conhecimentos históricos e socialmente desenvolvidos pelos homens ao longo da história. O apropriar-se exige participação ativa do sujeito aprendiz (MARX, 2004; VIGOTSKI, 1993). Por isso, foi feita às PROBs a seguinte pergunta:

**Quadro 9 – Questão 8**

PROB	8. Como acontece a participação dos alunos nas atividades relacionadas ao projeto Palavras Andantes?
<b>D. Plácida</b>	Eu tento fazer projetos. Faço contação, empréstimo. No início do ano, não, mas hoje, agora no final, eles gostam do momento da leitura, tanto é que eles falam "hoje a gente vai ler?". Daí eles ficam sentados, deitados, aconchegados na biblioteca lendo.
<b>Sabina</b>	Por exemplo, se eu estou na biblioteca, eu faço a contação e eles participam no momento da contação depois, na reflexão. Eles podem levantar as opiniões, debater os assuntos, falar o que eles sentem. Depois, fazemos a devolução e empréstimo de livros. Enquanto uns trocam, os outros vão lendo em silêncio. Trabalhei a Chapeuzinho Amarelo. Fala sobre o medo do futuro, como lidar com o medo. Eles contaram qual era o medo deles. Aí a gente pensou, "como que a gente pode lidar com esse medo?". Então eles participam no momento da contação também. Todas as histórias eu busco trazer alguma coisa relacionada a eles. No momento da escolha, do empréstimo do livro, eles também. É o livro que eles escolhem. De todos os livros que eu tenho disponíveis para o quinto ano, todos estão lá. Não tem uma seleção. "Ah, para essa turma eu vou pôr esse sistema, nessa turma não". Eles escolhem o que eles querem. "Eu quero um livro mais de suspense", "eu quero um livro mais de romance", "eu quero um livro mais de comédia". É a escolha deles. Eu não busco intervir muito também em relação ao tamanho do livro, a não ser que eu veja que é um aluno que já é um leitor fluente, aí eu dou uma sugestão, "ah, você não quer levar esse?". Desde que sejam livros, eu ofereço só livros, mas os alunos que estão começando eu procuro não corrigir, não criticar o fato de ser um livro pequeno. Eu tenho alunos que não são leitores fluentes ainda, que têm dificuldades de baixa visão, então não têm o hábito da leitura. Isso eu deixo livre. Então é a participação deles. No momento da leitura, é no lugar que eu escolho para fazer aula naquele dia. Se a gente estiver lá fora, eles vão fazer a leitura lá fora, porque normalmente agitado lá é só no horário de intervalo. Então o gramado fica ali. Aí eles fazem a leitura. Às vezes, eles trocam ideias sobre o livro entre eles mesmos, "nossa, eu achei meu livro super legal".
<b>Nhã-Loló</b>	É sempre muito bom. Depois você vai ver ali, que chama palco interativo. Eu não gosto da questão de cobrança quanto a leitura, até porque nós não temos tempo, porque a biblioteca é uma vez na semana, então eu tenho que fazer o empréstimo e arrumar o acervo, conhecer principalmente o acervo. Então eu não tenho muito tempo para ficar "e aí, o que você achou deste livro?", "vamos sentar em roda, vamos falar dele". O que eu tenho feito? Eu montei um palco interativo. Todas as turmas estão participando e é exatamente para isso, para falar sobre os livros. Na segunda-feira, o segundo ano está trabalhando livro falante. É um livro, você vai ver ali, eles colocam o rostinho no livro usam o microfone e durante o recreio eles falam sobre o livro. Você vai ver, daqui a pouco todo mundo vai sentar lá no saguão. Na terça é o quarto ano. O quarto ano está trabalhando poesia. Então toda terça-feira um aluno do quarto ano é sorteado, leva para casa a poesia e depois ele vem declamar a poesia. Na quarta-feira o primeiro ano das letras a imagem, eles fazem o desenho do livro que eles leram. Nós colamos, fica em exposição. Na quinta-feira, o terceiro ano que faz uma leitura viva também contando sobre o livro. Agora eles gostaram de fantoche e fazem sozinhos em casa. Eu mando para casa o envelope com a explicação para fazer em casa. O quinto ano, eles fazem o resumo ou contam

	histórias, porque na sexta-feira eles têm o recreio com o primeiro ano. Então eles adoraram contar a história para os pequenininhos. Não é obrigado participar, mas todos participam. Até os mais tímidos. A gente tem visto tanto o prazer deles em estarem lendo e contando, em dividir, quanto trabalhar em casa com os pais também.
<b>Eugênia</b>	É muito boa. Eles gostam muito. Eu faço a mediação de uma história, empréstimo... tudo em 50 minutos. É tudo corrido. E durante a troca eles desenham, fazem uma leitura...sabe criança como é? É difícil. Às vezes eles não gostam de ficar lendo. Tem criança que realmente gosta, senta-se e lê, mas todas gostam de ouvir histórias. [...] Tem momentos que eles escrevem sobre a história que leram.

**Fonte:** da própria autora (2020)

Na fala das PROBs destacaram-se algumas tarefas realizadas na HC: a mediação da leitura com a contação de histórias ou com indicação de livros, a devolução e empréstimo. Três aspectos marcaram esta questão: primeiro, o desenvolvimento de ações de iniciativa das mediadoras de leitura; segundo: trabalhar pensando na representatividade e identificação das histórias para cada turma; e, terceiro, a realização de tarefas desvinculadas das práticas do *Palavras Andantes*: pedagogização e didatização da leitura. (LAJOLO, 1986; PERROTTI, 1986; SOARES, 2011).

A mediação de uma história marca o início da formação do leitor. É fundamental considerar que constituir sujeitos leitores em ação perpassa pela relação de ouvinte para ser então um leitor (ABRAMOVICH, 1991; BORTOLIN, 2010; SILVA, 2006). Para “[...] qualquer criança escutar histórias é o início da aprendizagem de um leitor [...]” (ARENA, 2010, p. 16). Além de ouvir histórias espera-se que nos momentos da HC a criança tenha a oportunidade também de realizar as suas ações reais de leitura. Que seja silenciosa ou para os pares, sem intenção de cobrar a compreensão ou a fruição da narrativa. Assim como é feito por D. Plácida e Nhã-Loló nas iniciativas dentro do *Palavras Andantes*.

Outra questão é quanto às leituras direcionadas para tornar o aluno um leitor no ato. Isso requer a contemplação de textos de valor estético, cultural e humano presentes em materiais literários. Textos, que são atemporais levam à análise crítica do sujeito, a reflexão, movimentando no ser todas as emoções e sentidos (CANDIDO, 2011, LUKÁCS, 1970). Quanto a este fator, o *Palavras Andantes* tem trabalhado muito: apresentando autores e títulos, trazendo especialista da área para que o PROB saiba classificar o que é literário de fato e lutando sempre pela a ampliação do acervo nas BEs (VIRGÍLIA).

As PROBs também se preocupam em indicar materiais de acordo com o perfil do aluno. A cada momento de empréstimo os mediadores vão apresentando títulos e autores de acordo com os interesses de seus alunos. Em um quadro de aproximadamente 27 mil estudantes (IBGE, 2018a) todos tem o acesso livre aos livros da BE e este material pode ir para a casa deles sem custo, sem cobranças.

Atividades como pintar, escrever ou realizar qualquer outra tarefa após a leitura é veementemente condenado pelo *Palavras Andantes* (SILVA, 2006). Uma das PROBs a Eugênia comentou fazer isso em alguns momentos para manter a ordem na BE. É evidente que 50 minutos para contação de história, empréstimo e devolução é um tempo muito curto. Mas esta atitude não desenvolve em nada a postura de um leitor em ação. Isso reforça o olhar da BE como espaço de castigo, lugar chato em que o silêncio impera (MELLO, 2016; TEIXEIRA, 2016 E CAMPOS, 2018). Isso desvela o cerne de uma educação não reflexiva, diferente das proposições das teorias materialistas que compõem as diretrizes pedagógicas da rede municipal de Londrina (LONDRINA, 2016).

É evidente que a ação de ler exige concentração e quietude. Não há dúvidas disso. Aqui destacamos a famosa frase de Martin Luther King “o que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons”. A literatura quer desmascarar as mazelas sociais, quer incomodar, tirar o ser da sua área de conforto e trazer à tona discussões acerca das relações humanas. O silêncio na conotação de estabelecer a ordem remete ao calar do sujeito e é exatamente o inverso do que propõe a arte literária.

Os processos de ensino e de aprendizagem na cidade londrinense pautam-se nos pressupostos teóricos do Materialismo Histórico-Dialético e na Teoria Histórico-Cultural. Tais vertentes preveem o desenvolvimento humano integral do sujeito na construção intelectual, social, política, na emancipação e humanização do homem rompendo com a alienação (VIGOTSKI, 1993; MARX, 2004).

Sobre o que se evidencia na visão das PROBs como positivos no desenvolvimento do *Palavras Andantes* arguiu-se a pergunta 9:

#### **Quadro 10** – Questão 9

<b>PROB</b>	<b>9. Quais são os aspectos positivos do <i>Palavras Andantes</i>?</b>
-------------	--

<b>D. Plácida</b>	Os aspectos positivos, ah todos. A formação é boa, tudo é muito bom.
<b>Sabina</b>	A troca de experiência, você poder estar em acesso com outras bibliotecárias e você poder ter a troca de experiências, ideias, trocar também as suas dificuldades. Isso tudo eu vejo um ponto positivo.
<b>Nhã-Loló</b>	Acho que tudo. A única questão que me incomoda é a questão da falta de tempo para dedicação maior. Eu ainda não conheço o acervo. Estou há dois anos, eu tenho a obrigação de conhecer o acervo, e eu não conheço devido à falta de tempo. A questão dos temas trabalhados aqui dentro também, eu acho que tem que ser valorizado mais, porque não pode só ser empréstimo e só. Tem que ter projetos, tem que ter o feedback. Hoje, quinta-feira, é o dia que eu fico o dia inteiro aqui. Então eu penso: o que é prioridade? Olha o que eu estava fazendo: eu quero trabalhar câncer de mama. Daqui vai sair temas, daqui vai sair cartazes, daqui vai sair decoração, fizemos o tecido, tudo dentro da biblioteca. Nós vamos falar, nós vamos conscientizar, estou procurando uma história. Então qual é a próxima prioridade? Você entendeu? Nós não temos tempo. São livros que a gente não consegue mandar para a estante porque a gente não consegue catalogar. Aí hoje eu tenho que dividir a minha aula de biblioteca com a minha aula de informática. Eu não estou com produção de texto porque eu estou com o horário reduzido, eu saio às quatro e meia. Eu estou em reabilitação. Então essas fichinhas aqui, são livros que o primeiro ano, eles guardam o livro na prateleira, e não põe o coração. Eu falo que isso aqui é o coração do livro (carteirinha com código do livro e nome de quem emprestou). Agora a gente está conseguindo se entender. O livro não pode ir para a estante sem ter o coração. Ele precisa ter o coração dele para ele voltar para a estante. Você vai levá-lo para casa sem coração, mas quando você voltar, você precisa devolver para mim. Então eles colocam na estante. Então que tempo eu vou ter para procurar? Então fica aqui a fichinha. Se aparecer sem tudo bem, se estiver ali, bacana, se não está, faz outra. Organização mesmo.
<b>Eugênia</b>	Tudo. Biblioteca é tudo. Eu acho que a leitura é a alma da escola. O fato deles aprenderem a gostar dos livros, escolherem as histórias que eles querem ler...por prazer, sem a obrigação de ler para fazer algo. O projeto é tudo. Uma escola sem biblioteca é sem vida. É uma escola sem história.

Fonte: da própria autora (2020)

Na questão 9, as PROBs trouxeram como aspectos positivos do *Palavras Andantes* a Educação Continuada, as trocas de experiências e a referência da BE como coração da escola. Os cursos do projeto dão aos mediadores de leitura aporte teórico e prático. As trocas de experiências de cada profissional ganharam destaque nas falas das entrevistadas. A Sabina acrescentou:

A troca de experiências feita entre a gente, as orientações que são passadas, trazem uma segurança, porque eu percebo que em muitas escolas fora da rede a biblioteca é só um espaço. Aqui tem essa valorização, essa importância, aqui mesmo, na escola. Nessa escola tem uma biblioteca maravilhosa.

Destaca-se nesta fala a importância da troca de saberes entre os sujeitos. A “[...] relação entre os indivíduos e a história social é mediatizada pela apropriação das objetivações produzidas historicamente” (DUARTE, 2001, p.158). O

homem desenvolve as capacidades psíquicas com as comutas de experiências, rompendo a limitações biológicas e assim, nos processos de dominação da cultura o ser humaniza-se (VIGOTSKI, 2009).

Além das trocas podendo ser descritas aqui como a prática, a teoria é primordial no aprendizado. A prática esvaziada de conceitos habita na vulnerabilidade da empiria. Forma e conteúdo desarticulados correspondem a transmissão rasa e empobrecida do saber ao destinatário. O conhecimento propulsor dos saberes preconizados em Vigotski (2009) e endossados por Duarte (2001) refere-se a conceitos eruditos, elaborados transcendendo a cultura popular, o saber fragmentado dando acesso ao desenvolvimento que perpassa a natureza da filogênese (SAVIANI, 2009; 2011).

Por isso, é tão importante os encontros da Educação Continuada desenvolvidos pelo *Palavras Andantes*. Esses estudos dão suporte a práxis do mediador. Suas ações não pairam em trabalhos sem sistematização teórica e prática. Colocar à disposição dos professores cursos para dar suporte ao seu fazer pedagógico, além de beneficiar os alunos diante de formas e conteúdos científicos elaborados, pensados, teorizados atendendo as necessidades de conhecimentos das crianças, torna o trabalho do professor menos árduo e mais produtivo. O educador não se sente sozinho no processo como único mediador do conhecimento.

Pensando mais a fundo os estudos da Educação Continuada “previne” alguns maus que acometem a saúde do professor, como é o caso da Síndrome de Burnout: um distúrbio psíquico causado pela exaustão extrema (CODO, 1999) e práticas educativas destoadas da formação social e humana das crianças. Assim, o trabalho do professor torna-se uma Atividade vital e não ferrenha e alienante. O mediador apropriado dos bens historicamente produzidos é agente do saber. Suas vivências são carregadas de saber erudito sendo ele assim um propulsor de conhecimento elaborado aos seus alunos (VIGOTSKI, 1993; MARX, 2011; SAVIANI, 2011).

A última questão dirigida às PROBs tinha como objetivo averiguar o que ainda precisa ser melhorado nas proposições do *Palavras Andantes*.

#### **Quadro 11 – Questão 10**

<b>PROB</b>	<b>10. Existem necessidades/fragilidades que precisam ser sanadas para melhorar o trabalho com o projeto Palavras Andantes?</b>
-------------	---

<b>D. Plácida</b>	Posso ser bem arrogante, mas eu não sou isso, eu acho que eu me empolgo tanto que eu empolgo os professores. Eu acho que eu já tenho o meu encantamento e eu passo o encantamento. Já tem essa coisa natural da ajuda, então eu não sinto a necessidade de que falta isso no <i>Palavras Andantes</i> . Para mim, está de bom tamanho. Lógico que se vier mais, ótimo, mas, para mim...
<b>Sabina</b>	A questão dos materiais antigos, do material, às vezes, com uma ortografia antiga. Tudo isso é frágil. Tira o interesse. O tempo também é curto. Mas, de resto, eu ainda não tenho tanto pra te falar, porque eu acabei de entrar, mesmo.
<b>Nhã-Loló</b>	Se pelo menos eles pudessem estar aqui duas vezes por semana, vamos supor, eles vêm uma vez para ouvir uma história, e para a gente conversar sobre essa história, e eles vêm um segundo momento para fazer o empréstimo e a devolução, seria perfeito. Porque nesse mesmo horário, em 40, 50 minutos de aula, eu tenho que fazer o empréstimo, devolver os livros, fazer o novo empréstimo, contar a história.
<b>Eugênia</b>	Acredito que o tempo é uma fragilidade e a participação dos pais...é o incentivo que é dado em casa. A gente percebe que as crianças que têm mais incentivo à leitura em casa, elas leem mais, emprestam mais e se envolvem mais com a leitura. Então, o compromisso dos pais é fundamental neste processo...isso é o que tenho percebido, porque eles contam que chegaram em casa e leram para os pais, aí você vê que a família está participando... algumas crianças falam assim “eu tenho bastante livros em casa, a minha mãe sempre compra para mim” então eu percebo que a leitura é bem incentivada, agora tem alunos que falam que leem sozinhos, não leu para ninguém e isso é uma fragilidade da escola e não específica do projeto.

**Fonte:** da própria autora (2020)

Como fragilidades/necessidades acerca do *Palavras Andantes* as PROBs ressaltaram o acervo antigo ou desatualizado, a falta de tempo e a participação dos pais. Sobre a atualização do acervo que representa um dos pilares do projeto, não há uma política municipal quanto à regularidade ou ações para atender esse quesito. As mediadoras mencionaram na questão 6.c. que nunca chegou nenhum material de leitura para a BE, o que representa quatro anos visto que este é o maior tempo de trabalho dentre as PROBs entrevistadas. A escola “A” tem um vasto acervo com mais de 5 mil exemplares. Já a instituição “B” apesar de não saberem ao certo quantos livros têm, as PROBs comentaram ter muita coisa antiga. Livros de edições desatualizadas, faltam páginas ou rasgados, o que não torna em nada o material convidativo a leitura.

É evidente que o projeto por si só não consegue atender a estas demandas. É uma questão política. Envolve orçamento público. A coordenadora Virgília disse que essa é a principal dificuldade no desenvolvimento do projeto. Ainda que no princípio do *Palavras Andantes* o Prof. Rovilson tenha estruturado uma proposta de compra regular de livros sendo: “[...] 60% dos títulos corresponderiam à literatura infanto-juvenil; - 40% dos livros para as demais áreas do conhecimento: história, arte, ciências, música, folclore, entre outros [...] a média de livros por escola

de 50 [...]” (SILVA, 2006, p.99), hoje isso não acontece segundo a coordenadora Virgília.

O assédio das editoras, todo o trâmite legal para compra de material com o dinheiro público, os interesses de governo, dentre outros fatores, pairam sobre essa questão. Segundo a Virgília a última compra aconteceu em 2015 de 25 obras por escola. Depois disso nada foi comprado. A coordenação disse em entrevista sempre enviar pedidos de livros aos gestores públicos responsáveis, mas é uma luta constante.

Com base na Lei Nº 9.394 LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996 que visa no Art. 2º uma educação de “[...] pleno desenvolvimento do educando [...]” e ainda nas delimitações deste artigo prevê “II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber “[...] IX - garantia de padrão de qualidade [...]” (BRASIL, 1996). Como ter desenvolvimento pleno, liberdade, acesso à cultura, arte e saber sem que haja a disposição das crianças materiais de leitura de qualidade, novas edições e atualizados? Como garantir tudo isso sem profissionais em Educação Continuada, sem espaço organizado para mediar a leitura e sem acesso aos livros na escola e que circulem nas casas das crianças?

As políticas públicas de fomento à leitura estão para fazer valer o direito assegurado em lei aos estudantes brasileiros. Infelizmente ainda há a necessidade de lutar para fazer valê-la. As ações do governo pairam sobre a distribuição de livros. A sociedade tem necessidade em escalas nacionais de políticas de formação de leitores prevendo além de questões técnicas e instrumentais de abrir espaços com acesso a livros. Formar leitores requer efetiva política de fomento a leitura pensando o desenvolvimento social, humano e emancipatório do sujeito. Ações que de fato democratize a cultura escrita no país (FAILLA, 2016).

Diante da construção científica dessa pesquisa vislumbramos no projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* uma ação empenhada em democratizar a leitura na escola pública para cerca de 27 mil alunos há quase duas décadas. As contradições entre fenômeno, o que propõem ser da essência - o que de fato é - repousa muito mais sobre aspectos indiretos a proposta como: a compra de acervos, sobrecarga de trabalho dos PROBs, o curto tempo para realizar empréstimo, devolução, mediação, a pedagogização da leitura com atividades que

em nada favorecem a formação do leitor e a possível descontinuidade do projeto a cada nova gestão representam as contradições do *Palavras Andantes*.

Vale a ressalva de que as potencialidades do projeto são muito maiores do que as fragilidades. Apontam-se as fragilidades e necessidades neste trabalho como identificação daquilo que pode ser revisto e aprimorado. Os aspectos promissores sobressaem aos déficits. Aproximadamente 97% das instituições de ensino municipais de Londrina tem uma BE aberta e com acervo disponível para a leitura. Diferente da realidade de muitas escolas no país que não tem biblioteca sendo cerca de 75% das instituições de ensino no Brasil (ORIA, 2017). Mesmo nas três escolas que não tem BE o trabalho é realizado com uma biblioteca itinerante. Todas as BE têm um mediador de leitura em Educação Continuada, as crianças estão mais que expostas a leitura elas têm acesso direcionado/mediado dos livros.

É disso que se trata a democratização da leitura. Os conhecimentos eruditos expressos no literário sistematizado na escola para tornar a criança um sujeito em ação leitora. Isso é muito mais que ensinar alunos decodificadores da língua. É dar a eles a oportunidade de apropriar-se de pensamentos e saberes de outrem realizando um movimento de reflexão e crítica da realidade. É constituir um sujeito agente de transformação social, porque a leitura como ato é libertadora, desvela as mazelas da sociedade, rompe com a alienação e promove a emancipação do homem (PERROTI, 1986; MANGUEL, 1997; CANDIDO, 2004; MARX; ENGELS, 2007; VIGOTSKI, 2009; ARENA, 2010; SAVIANI, 2011; SILVA, 2011).

É visível na organização do sistema de ensino brasileiro que não é esse sujeito que se pretende formar nas escolas. Talvez por isso é preciso tanto esforço para manter o *Palavras Andantes* em suas bases. Propostas de trabalho pedagógico como essa “incomodam”, porque preveem uma educação transformadora. Dar a crianças de famílias de classes sociais mais pobres a oportunidade de acesso cultura erudita desestabiliza o “equilíbrio” da injustiça social. Propostas como a do *Palavras Andantes* significa aos pequenos desprovidos de riquezas um ato de liberdade (CANDIDO, 2004).

Os profissionais que dedicam as suas vidas à educação no Brasil na conjuntura atual são incumbidos de um árduo compromisso de lutar por um ensino de qualidade. Diferente do protagonista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* rompendo com a inércia é fundamental ter fôlego:

Que diacho! é preciso ser homem! ser forte! lutar! vencer! brilhar! influir! dominar! [...] Ânimo, Brás Cubas; não me sejas palerma. Que tens tu com essa sucessão de ruína a ruína ou de flor a flor? Trata de saborear a vida; e fica sabendo que a pior filosofia é a do choramingas que se deita à margem do rio para o fim de lastimar o curso incessante das águas. O ofício delas é não parar nunca; acomoda-te com a lei, e trata de aproveitá-la (ASSIS, 1998, p. 735).

Lastimar as mazelas da educação para as orelhas mortas de um papel é cumprir com o niilismo brasucubiano. Foi vislumbrado o oposto disso a cada entrevista realizada com os agentes que fazem acontecer o *Palavras Andantes* nas BEs de Londrina. O entusiasmo e o brilho nos olhos das mediadoras demonstram o quanto estão entregues ao projeto, ainda que não conhecem ao certo as bases que alicerçam a proposta ou mesmo realizem atividades divergentes ao projeto, o foco principal que é o de fomento a leitura literária tem sido desenvolvido com zelo pelas PROBs participantes da pesquisa.

Na sequência, a fim de apontar o desfecho dos dados coletados na pesquisa acerca das contribuições do *Palavras Andantes* na formação de sujeitos leitores serão apresentadas as considerações finais designando os fenômenos da realidade aparente à essência dos fatos velados.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Fui descalçar as botas, que estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga, e deitei-me a fio comprido, enquanto os pés, e todo eu atrás deles, entrávamos numa relativa bem-aventurança. Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata [...] inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre.*

(ASSIS, 1998, p. 274-275-276).

A trajetória do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* remete a esse desafrouxar do calçado. À medida em que o trabalho vai “amadurecendo” é possível cada vez mais dar às crianças da Rede Municipal londrinense o prazer da liberdade de ter mais que os seus “pés” descalços. Elas têm o direito ao que é classificado na sociedade capitalista com bem dispensável (CANDIDO, 2004). A “sobrevivência” da integridade espiritual está sendo disponibilizada há aproximadamente 27 mil crianças (IBGE, 2018a).

A democratização da leitura vai além do acesso aos livros e é isso que propõem os pilares do *Palavras Andantes*. O fomento à leitura tem o aspecto do sentido figurado do termo fomentar de “aquecer”. Acender nos alunos a necessidade por leitura. Gerar no outro a carência de compreender a língua. A mediação do trabalho com a leitura literária nas BEs expressa a apropriação de práticas sociais vivas. Cabendo à sala de aula o processo do todo, o fenômeno em si, as conexões das partes que correspondem às minúcias que compõem a língua (LUKÁCS, 1965; CHEPTULIN, 1982; ARENA, 2010).

A pesquisadora desta dissertação em questão sempre teve os seus estudos pautados na formação de sujeito leitor, leitura literária, ato de ler e mediação de leitura. Por isso, elencou-se este estudo acerca do *Palavras Andantes*. Tal proposição tem no seu cerne o foco da pesquisadora e mesmo sendo um assunto

tão debatido e com grande número de estudos científicos nas academias, a temática acerca da leitura no ato está longe de ser esgotada.

O objetivo geral da pesquisa foi de analisar, nas bases das categorias dialéticas fenômeno e essência, o desenvolvimento do *Projeto Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* nas Bibliotecas Escolares do município de Londrina. Tal intento surgiu diante da problemática: o trabalho realizado nas bibliotecas escolares de Londrina, nas bases do *Projeto Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* têm contribuído para a formação de sujeitos para o ato de ler?

As seções do texto foram organizadas a fim de desenvolver cada um dos objetivos. No levantamento teórico destacou-se que a leitura na realidade brasileira principia nas políticas públicas que pairam basicamente no acesso aos livros em um país de realidade socioeconômica tão discrepante. O descontinuar de ações, os encaminhamentos com os livros e a falta de cursos direcionados aos profissionais que atuam com leitura marcam a história do Brasil.

Isso ressaltou a relevância de um trabalho com a leitura que atenda as crianças, em especial as mais carentes. A formação do sujeito para o ato de ler representando o desenvolvimento humano, histórico, social, emancipatório e rompendo com toda a alienação. Isso se dá na mediação do professor sendo um sujeito experiente e em Educação Continuada.

Uma questão discutida ao longo do texto foi a falta de registro da história, a desvalorização das bibliotecas por parte do poder público, políticas de fomento à leitura que circundam basicamente no acesso aos livros. O *Palavras Andantes* sendo uma iniciativa na Rede Municipal londrinense faz via de uma ação verdadeira de promoção à leitura, porque oferta curso mensal aos mediadores de leitura literária, realiza semanalmente a contação de história, visa à reestruturação arquitetônica e pedagógicas das BEs municipais, presa pela aquisição de acervo e empréstimo de livros de qualidade.

A escolha pela categoria dialética fenômeno e essência se deu por identificar nessa matriz teórica/metodológica a possibilidade de desvelar a realidade de determinado fato social. A categoria embasou toda a trajetória da pesquisa enfatizando sempre a contradição, aquilo que está velado. Tal confronto foi ganhando corpo nas entrevistas realizadas com o idealizador do projeto Prof. Rovilson José da Silva, a coordenadora Virgília e as quatro PROBs entrevistadas

que atuam em duas escolas pré-selecionadas pelo maior e menor valor informacional do IDEB de 2017.

Alguns pontos foram identificados como fragilidades no confronto do fenômeno: o que diz ser do projeto e na essência: o que de fato é. Esses interferem diretamente no trabalho e dificultam o fomento a leitura. Elencaram-se as principais contradições debatidas ao longo do texto na tabela a seguir. Antes de discuti-las é necessário frisar que a essência nunca será o reflexo do fenômeno. Há aspectos internos e externos que implicam nos fatos (CHEPTULIN, 1982). Os contrapontos apresentados no Quadro 12 foram assim organizados a fim de desvelar a realidade daquilo que dificulta o desenvolvimento do trabalho.

**Quadro 12 – Confronto dialético do fenômeno e essência**

FENÔMENO	ESSÊNCIA
O projeto propõe uma “política” de compra de acervo sendo uma média de 50 livros por escola ao ano (SILVA, 2006).	Na prática não acontecem compras com regularidade. A última aquisição de acervo foi de 25 obras em 2015 (VIRGÍLIA).
No princípio do projeto os PROBs atuavam apenas na BE (SILVA, 2006).	Os PROBs, para completar a carga horária, atuam com outras disciplinas (NHÃ-LOLÓ; VIRGÍLIA).
Os novos professores recebem uma instrução inicial (VIRGÍLIA).	Nenhuma das PROBs entrevistadas recebeu tal encaminhamento. Não há um direcionamento inicial ou mesmo um documento escrito explicando o que é o projeto e seu objetivos.
O <i>Palavras Andantes</i> não é uma política pública de fomento à leitura. É preciso muita luta dos envolvidos para mantê-lo em ação.	A proposta se limita a fragilidade de um “projeto”. A gestão pública municipal pode simplesmente interromper o trabalho ou reformulá-lo.
O <i>Palavras Andantes</i> prevê um trabalho de fomentar a leitura literária. Os alunos emprestam livros por necessidade. Não são obrigados a levar livros para casa. Julga-se que isso se dá na soma dos fatores sendo: a disposição de materiais de leitura de qualidade, uma BE aberta e a mediação do PROB que está em Educação Continuada.	Algumas ações de pedagogização e didatização da leitura literária (leitura como pretexto) ainda acontecem em alguns casos.
Mediação da leitura literária na Hora do Conto com a contação de histórias realizada pelo PROB, apresentação de títulos e autores para direcionar o aluno a leituras que ele possa se interessar.	O professor não pode ser o único leitor. É necessário dar espaço para que o aluno também leia. Isso não significa cobrar leitura, fruição e sim deixa tempo hábil para realizar uma leitura na BE, visto que não é possível mensurar se em casa as crianças a oportunidade de ler.

**Fonte:** da própria autora (2020)

Nos aspectos acima e no cerne do que foi exposto pondera-se que as fragilidades do *Palavras Andantes* estão voltadas muito mais aos fatores externos a proposições do projeto. A compra de acervos, a sobrecarga de trabalho dos PROBs, o curto tempo para realizar empréstimo, devolução, mediação, a pedagogização da leitura com atividades, que em nada favorecem a formação do leitor e a possível descontinuidade do projeto a cada nova gestão representam as contradições do projeto. Falta o engajamento do poder pública em verdadeiramente “abraçar” o trabalho investindo na proposta com materiais e recurso humano.

As bibliotecas públicas instaladas ao longo da cidade de Londrina sendo sete unidades filiadas à Biblioteca Pública Municipal Professor Pedro Viriato Parigot de Souza, fazem parte do SBPML - Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais (LONDRINA, 2019). A concentração desses espaços na região central da cidade sinaliza que nos subúrbios, onde estão as pessoas mais carentes, faltam bibliotecas de segmento público e gratuito dando às crianças acesso à cultura erudita encontrada nos livros. Por isso, justifica-se a luta, em especial do Prof. Rovilson, em desenvolver o projeto *Palavras Andantes* nas BEs municipais londrinenses, onde os livros chegam aos que mais precisam.

Como aponta Silva (2003) a leitura em ação é um “ato perigoso”, porque retira o sujeito da inércia. Faz criticar e refletir sobre o mundo ao seu redor. Continuar formando leitores (PERROTTI 1986; LAJOLO, 1991) corresponde a conceber sujeitos alienados “moldados” nas escolas como vasos de gesso, frágeis e danificáveis a qualquer queda. O *Palavras Andantes* atua no sentido de romper com a leitura disseminada como em uma linha de produção em fábricas (MARX, 2011). O projeto trata a leitura como de fato ela representa: um bem cultural humanizador.

Identificar se o *Palavras Andantes* tem atuado na concepção do sujeito na ação de ler foi uma preocupação no princípio dessa pesquisa. Isso porque se compreende que a educação nas bases da organização da sociedade capitalista tem formado seres decodificadores da língua sem imprimir sentido e significado ao que lê. Uma leitura utilitarista que em nada promove a constituição do homem reflexivo, crítico e social. Podemos ressaltar que o *Palavras Andantes* tem sua caminhada justamente no intuito de romper com a formação de leitores. Ainda que ajam ações de didatização da língua e leitura como pretexto por parte de alguns PROBs, isso não faz parte do que postula o *Palavras Andantes* (PERROTTI, 1986; LAJOLO, 1991; SILVA, 2006; GIROTTI, 2016).

A promoção de sujeitos no ato de ler, no apreço teórico e prático do trabalho, é realizado pela maioria dos mediadores de leitura nas BEs de Londrina entrevistadas e no que se propõem o *Palavras Andantes*. O trabalho da proposição incide em desenvolver a criança em ação leitora. A leitura é reconhecida no que postula o projeto como prática social humana e não escolarizante. As crianças mais que expostas a leituras elas estão em um processo democrático, em que a cultura erudita está ao alcance delas (SAVIANI, 2018).

A democratização é o aspecto mais relevante do *Palavras Andantes*, porque várias ações são ramificações que tem viabilizado a formação do sujeito no ato de ler nas bases da Teoria Histórico-Cultural. Tal processo corresponde a liberdade a garantia de igualdade aos seres sociais. A proposta promove o acesso livre e gratuito à literatura de qualidade e ao conhecimento erudito de forma mediada. O professor sujeito mais experiente formado em bases pedagógicas em constante estudo, encaminha a criança apresentando caminhos para que ela escolha por quais textos ela deseja se debruçar, sem que haja qualquer cobrança. Ler, no *Palavras Andantes*, é tratado como direito. É disso que se trata formar leitores no ato. A leitura em ação não corresponde a obrigação de ler, e sim, é necessidade dos sujeitos (ARENA, 2010).

O processo democrático identificado no trabalho desempenhado pelo *Palavras Andantes* ficou nítido na resposta da coordenadora Virgília quando questionada acerca das metas do projeto. Retomando a já citada resposta, identificou-se que ela aponta a BE como “coração” da escola. Antes do projeto muitas BEs atuavam como almoxarifado de livros e materiais pedagógicos entre outros. Os objetivos no desenvolvimento do *Palavras Andantes* na BE incide em “[...] que ela não seja um depósito de livro, que ela não seja principalmente, um depósito de criança e que sim, que ela seja um espaço vivo em que o aluno possa se sentir bem, gostar e se formar como leitor” (VIRGÍLIA). O *Palavras Andantes* tem desmantelado a elitização da leitura e do livro na escola pública desconstruindo a falta de tradição bibliotecária que impera no país (MAROTO, 2009).

Tornar a educação democrática constitui a possibilidade de uma sociedade mais igualitária, rompendo com a organização estrutural da sociedade capitalista. Mas vale a ressalva que “a teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma,

e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação” (VÁZQUEZ, 1990, p.206).

O fenômeno mais confrontado ao longo do entendimento acerca do desenvolvimento do projeto foi o empréstimo. Na empiria dos fatos analisando o projeto *Palavras Andantes* em suas premissas básicas ressaltou uma ponderação: emprestar livros garante que a leitura destes estão sendo realizadas? No primeiro momento a resposta foi: não. No desvelar da realidade diante da reflexão teórica, na essência compreendeu-se: primeiro, ninguém se constitui um leitor em ação sendo obrigado a ler; segundo, o empréstimo não é obrigatório e mesmo assim a maioria das crianças levam livros para casa. Em média cada criança leva 20 livros para casa ao ano (SILVA, 2013). Por que haveriam de emprestar livros se não fosse para ler? As crianças escolhem, tem o direito à liberdade de ler os bens culturais eruditos (CANDIDO, 2004; SAVIANI, 2011).

A BE na rede municipal de Londrina prevê o que determina os três primeiros eixos do decreto nº 7.559 de 1º de setembro de 2011 que dispõe sobre o PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura em seu Art.º 1º:

1. Democratização do acesso ao livro;
  2. Formação de mediadores para o incentivo à leitura;
  3. Valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico;
- (BRASIL, 2014, p.3)

O envio de materiais de leitura previsto pelo PNLL corresponde ao acesso democrático do livro. Já o segundo ponto, mesmo previsto pelo decreto no teor do Caderno do PNLL, há apenas orientações gerais acerca da formação dos mediadores de leitura. Quanto ao financiamento aos estudos e a práxis ficam vagas as medidas a serem tomadas. A valorização da leitura e da cultura é prevista pela qualidade do acervo encaminhado as escolas. Como propõem o PNLL, o material de leitura enviado as escolas é selecionado por especialistas. Segundo relatos dos entrevistados da pesquisa a literatura que chega por meio do programa mencionado são de fato de qualidade.

O *Palavras Andantes* assegura o acesso aos materiais de leitura. A questão de não ser uma ação obrigatória levar história para casa como mencionou a Virgília, “[...] a grande maioria delas pegam livros sempre [...]” é um forte indício de que os alunos (cerca de 27 mil crianças de 1º ao 5º ano segundo o Censo, (IBGE, 2018a), estão de fato em construção enquanto sujeito leitor em ação. Prevê

Educação Continuada do mediador diante de ações de impulsão de crianças leitoras, pensa a estrutura arquitetônica da BE, a organização pedagógica e a aquisição de acervo.

A contação de história feita na HC é fundamental para incentivar o aluno a leitura (ABRAMOVICH, 1991; SILVA, 2006; BORTOLIN, 2010). Um ponto que foi analisado é quanto ao risco de formar apenas ouvintes e não leitores no ato. Dois dos trabalhos analisados no interior das BEs mostraram o aluno envolvido com a leitura sendo ele também um narrador das histórias. Estas mediadoras estão gerando em seus alunos a necessidade de apropriação da prática social do ato de ler (ARENA, 2010).

Hoje as BEs de Londrina foram fechadas, assim como as instituições de ensino em decorrência do Covid-19. Os livros foram encaixotados para evitar manuseio e possível proliferação do vírus. Não há empréstimos. Um ato de segurança a saúde das crianças e de seus familiares (LONDRINA, 2020c). Segundo Saviani (2020) as então “aulas remotas” desenvolvidas durante a quarentena deveriam fixar suas atividades educacionais a leitura e a escrita. Disponibilizar materiais de leitura digital e distribuição impressa aos alunos sem acesso às mídias digitais ou internet. Assim, o aluno desenvolveria sua capacidade leitora, estaria ativo e preparado para apropriar-se de outros conhecimentos.

Diante da realidade instaurada de afastamento social, em que as crianças estão fora das escolas fica evidente a necessidade de haver a relação professor-aluno-objeto. Os alunos estão limitados em suas casas aos recursos midiáticos ou há pilhas de folhas e encarregados de executar “tarefas”. É o que Marx (2011) discute acerca da sociedade desigual. O ensino está mais do que nunca a serviço das demandas do capital. A educação sendo mercantilizada. O conteúdo da grade curricular disseminado aos alunos “consumidores”. Os professores fazem a via de vendedores dos produtos culturais sistematizados em disciplinas. Em uma espécie de “esteira” as crianças tornaram-se verdadeiros “executores” de tarefas em uma linha produção alienante e desumanizadora (MARX, 2011).

A crise estabelecida na circunstância atual do Covid-19 afeta principalmente aspectos da economia, educação e saúde. Saviani (2020) pondera que o problema sanitário de dimensões mundiais foi um estopim para os desmontes no setor educacional. A privatização do ensino, a crescente do Ensino a distância, demissões, corte de salários dos professores e condições de trabalho cada vez mais

insalubres instalou entre todos do setor educacional, pais e alunos o medo da incerteza do futuro. Esse mesmo sentimento estende-se ao trabalho do *Palavras Andantes*. Não há como mensurar os efeitos catastróficos do momento que exigiu o ensino remoto e nem como serão retomadas as atividades.

O distanciamento social agora é uma questão de saúde pública. Nas palavras de Saviani (2020, p. 7) “o mais sensato agora é simplesmente cancelar o calendário letivo de 2020. Não há a mínima possibilidade de retorno às aulas presenciais [...]”. O autor ressalva que o melhor a se fazer no cenário da nova realidade mundial é:

[...] desenvolver atividades de leitura e escrita para todos os alunos independentemente da série em que estariam matriculados [...] prover o acesso à internet ao maior número possível de residências e fazer uma seleção de livros que seriam indicados para leitura digital nos casos em que isso estivesse disponível e distribuídos na forma impressa nos demais casos. E os alunos fariam, após a leitura, breves redações sobre o conteúdo dos livros lidos submetidas à avaliação dos professores. Assim, os alunos não deixariam de estudar, permaneceriam ativos desenvolvendo a capacidade de leitura e escrita que é necessária e útil à aprendizagem de todas as disciplinas dos currículos escolares. Dessa forma, ao serem retomadas as aulas presenciais a partir do ponto em que foram interrompidas em março de 2020, os alunos, tendo ampliado sua competência em leitura e escrita, estarão mais preparados para dar conta da programação das diversas disciplinas curriculares (SAVIANI, 2020, p. 8).

A pesquisa compactua com o que postula Saviani (2020). A nova organização das relações sociais reafirma a importância da formação de sujeitos leitores para o ato de ler. Ao apropriar-se da leitura a criança tem a possibilidade de desenvolvimento de tantos outros conceitos e saberes por si só. A relação de ensino-aprendizagem se dá na leitura do que foi escrito por outro. O papel do professor é ainda mais importante na atual conjuntura. Ele ajudará o aluno a fazer as conexões entre o desconhecido rompendo a empiria e alcançando a abstração do conhecimento científico. Tudo isso sem o contato presencial, diante da “frieza” de uma tela ou em uma folha de papel.

Chamar a atenção das crianças tornou-se, em 2020, ainda mais desafiador nesse “novo normal”. Por isso, acredita-se nessa pesquisa que a presença de afeto nas relações estabelecidas entre aluno-professor-objeto é primordial no processo de ensino-aprendizagem e não como um relacionamento romantizado ou parental. O afeto é o que impulsiona o aprendiz na apropriação da cultura humana suprindo as suas necessidades para além do ser biológico: o ser

social. O professor tem a incumbência de olhar os seus alunos e identificar as suas carências. Ser um parceiro experiente no processo do saber (VIGOTSKI, 1984). O mediador de leitura tem a importante tarefa de tocar as necessidades das crianças para que elas queiram ler por si só.

Em suma as proposições do *Palavras Andantes* no confronto dos fenômenos e desvelar da essência pode-se identificar que o trabalho realizado impulsiona e dá suporte à formação de sujeitos no ato de ler. Não se trata apenas de uma ação de fomentar a leitura e sim de democratização da cultura erudita. As crianças não estão praticando leitura, elas estão vivendo como de verdade deve ser: se apropriando de um bem social, histórico e cultural e objetivando em suas vidas.

“Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carruagem seria diminuto, se todos andassem de carruagem” (ASSIS, 1998, p. 675). Quer com a leitura no ato, não um “gosto diminuto”, mas a democratização da ação. Que os sujeitos tenham, todos, o direito de “andar” sobre o conhecimento erudito como via de condução emancipatória e humanizadora.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Maria Angélica. **Biblioteca Pública de Londrina: 50 anos no coração da cidade**. Londrina: Midiograf, 2001.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 2 ed. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1991.
- ABRANTES, Angelo Antonio. **A educação escolar e a promoção do desenvolvimento do pensamento**= a mediação da literatura infantil. 2011. 257f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas. 2011.
- AFETIVIDADE. *In*: **MICHAELIS, Dicionário Online**. (2019) Disponível em [www.uol.com.br/michaelis](http://www.uol.com.br/michaelis) Acesso em 2 nov. 2019.
- ARENA, Dagoberto Buim. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. *In*: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). **Atuação de professores: proposta para ação reflexiva no ensino fundamental**. Araraquara: JM editora, 2003.
- ARENA, Dagoberto Buim. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Ensino em Re-vista**, p. 237-247, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/8193/5210> Acesso em: 10 dez. 2019.
- ARNONI, Maria Eliza Brefere. Mediação dialético-pedagógica e práxis educativa: o aspecto ontológico da aula. **Revista Educação e Emancipação**, Maranhão, v.5, n.2, p. 58-82, jul./dez. 2012.
- ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. **Atividade de estudo como guia do desenvolvimento da criança em idade escolar: contribuições ao currículo de Ensino Fundamental**. Currículo comum para o ensino fundamental municipal de Bauru, v. 2, p. 95-117. 2016.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Ateliê Editorial, 1998.
- BONI, Paulo César. **Fincando estacas!**: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória. A literatura infantil nos anos 80. *In*: SERRA, Elizabeth D'Angelo. (Org.). 30 anos de leitura para crianças e jovens. Campinas: ALB; Mercado das Letras, 1998.
- BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 232 f. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

BRANDÃO, Claudia Leite; RODRIGUES, Sílvia de Fátima Pilegi. PNBE do Professor: leitura na formação, leitura na profissão, eis a questão! **Práxis Educacional (Online)**, v. 15, p. 400-420, 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Cultura. **PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura: Vivaleitura 2006-2008**. Brasília: MINC, 2006.

BRASIL. **Lei 12.244, de 24 de maio de 2010**. (2010). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12244-24-maio-2010-606412-publicacaooriginal-127238-pl.html> Acesso em: 07 set. 2019.

BRASIL. MEC - Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Avaliação de Bibliotecas Escolares no Brasil**. – Brasília, 2011. ISBN 978-85-7783-043-3. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=12794-bibliotecas-escolares-no-brasil-web-pdf&category\\_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12794-bibliotecas-escolares-no-brasil-web-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 4 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/2012, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe de Normas Técnicas envolvendo seres humanos. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.

BRASIL. **Caderno do PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura** (Revisado e atualizado 2014). Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Plano%20Nacional,vista%20o%20disposto%20nos%20arts](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Plano%20Nacional,vista%20o%20disposto%20nos%20arts). Acesso em: 02 dez 2020.

BRASIL. Secretaria Especial de Cultura. SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. **Informações das Bibliotecas Públicas**. (2015). Rio de Janeiro. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/> Acesso em: 07 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Ofício 1ªSec/RI/E/nº837/19, de 22 de outubro de 2019**. (2019a) Brasília, DF. 02 dez. 2019. Disponível em: [https://cdn.fernandapsol.com.br/wp-content/uploads/2019/12/1411\\_2019-Fernanda-programa-sobre-leitura-3-1.pdf](https://cdn.fernandapsol.com.br/wp-content/uploads/2019/12/1411_2019-Fernanda-programa-sobre-leitura-3-1.pdf) Acesso em: 05 out 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNA – Plano Nacional de Alfabetização**. (2019b) Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em: 07 set 2020.

BRASIL. **PL – Projeto de lei nº 5656, de 2019**. Câmara dos Deputados. (2019c) Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8029860&ts=1594037307155&disposition=inline> Acesso em: 07 out 2020.

BRASIL. MEC – Ministério da Educação. FNDE - **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação** (Dados Estatísticos) 2020a. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos> Acesso 16 nov. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Covid-19. Sobre a doença.** (2020b). Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso 17 dez. 2020.

CAMPOS, Cleide de Araújo. **Letramento literário e bibliotecas escolares: uma pesquisa exploratória no município de Ouro Preto.** Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana/Ouro Preto, 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2004.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** Editora Bibliomundi Serviços Digitais LTDA, 2020.

CARVALHO, Caroline Lago de. **Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar: um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI).** Monografia (Especialização). Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

CODO, Wanderley (Coord.). Educação: Carinho e Trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DE ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

DEL GROSSI, Edy Simone. **A Arte de contar histórias: O Professor Mediador da Leitura no Projeto Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes.** Dissertação de Mestrado. Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. Londrina, 2016.

DIAS, Ariane Cordeiro de Macêdo; SANTOS, Mirthis Novaes de Jesus. **Para além das prateleiras: olhares investigativos sobre a função da biblioteca Dr. Carlos Gomes da Silva.** Monografia. Universidade do Estado da Bahia. Jacobina, 2016.

DUARTE, Newton. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & sociedade**, 2000.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”** – crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, 300p. (Coleção Educação Contemporânea).

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

DUARTE, Newton. **A Individualidade para si:** contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

ESTELA, Flor de María Silvestre. **A biblioteca escolar nos projetos de leitura nas escolas que obtiveram os melhores resultados do Enem.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

FAILLA, Zoara. **Retratos da Leitura no Brasil.** 4/ organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FAILLA, Zoara. **Retratos da Leitura em Bibliotecas Escolares.** Organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires. GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A categoria marxista conteúdo e forma na Leitura Literária. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1972-1983, out./dez. 2017. Disponível em: E-ISSN: 1982-5587.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2003.

GAMBOA, Sílvio Sánchez. **Epistemologia da pesquisa em educação.** Tese de Doutorado. Universidade UNICAMP. SP: Campinas, 1998.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica.** 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

GASPARIN, João Luiz. **Planejamento e Avaliação.** (2011). Disponível em <http://portal.pmf.sc.gov.br/> Acesso 25 nov. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. Reflexões sobre a formação do leitor mirim: Leitura, Literatura Infantil e Bibliotecas Escolares. **Ensino em Re-vista**, p. 341-356, 2013.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. Celebrando possibilidades leitoras: as crianças necessitam, podem e apreciam ler já desde a pequena infância. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 4, 2016.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil** (sua história). São Paulo, T. A. Queiroz; Edusp, 1985.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil 1872.** Disponível em:

[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento\\_do\\_Brazil\\_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf)  
Acesso em: 1 de mai. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Escolar**. 2018a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/pesquisa/13/0> Acesso em: 25 de set. de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População**. 2018b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama> Acesso em: 25 de set. de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **SIS - Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Coordenação de População e Indicadores Sociais. n.43, 2020. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf> Acesso em: 29 nov. 2020.

IDEB. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. (2017). Disponível: <http://portal.mec.gov.br/> Acesso em: 15 out 2019.

IFLA - UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. Tradução Neusa Dias Macedo. São Paulo: IFLA, 2000. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

INEP-MEC. **Resultado do PISA**. (2018). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/pisa> Acesso em 27 de set. de 2019.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **INAF Brasil 2001**: indicador de alfabetismo funcional: principais resultados. São Paulo, 2001. Disponível em: <https://ipm.org.br/>. Acesso em: 07 mai. 2020.

JANNUZZI, Paulo de Martino; LOUREIRO, Mônica de Fátima. **Equipamentos culturais, bibliotecas e profissionais da informação no Brasil**: indicadores estaduais por volta de 2000. *Transinformação*, v. 15, n. SPE, p. 23-44, 2003.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

JOLIBERT, Josett; JACOB, Jeannette. (Org.). **Além dos muros da escola**: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. Editora Forense: RJ; SP, 1968.

LONDRINA. (PR) Câmara Municipal de Londrina. **História**. (2014). Disponível em: <https://www1.cml.pr.gov.br/cml/site/index.xhtml> Acesso em: 21 out 2020.

LONDRINA. (PR). Jornal Oficial do Município de Londrina. **Lei nº 12.373, de 17/12/2015** (2015) Disponível em: <http://www2.londrina.pr.gov.br/jornaloficial> Acesso em: 21 out 2020.

LONDRINA. (PR). Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Pedagógicas - versão preliminar**. (2016). Disponível em: <http://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-educacao/educacao-infantil/286-ei-diretriz-curricular/file> Acesso em 21 jul. 2020.

LONDRINA. (PR). Prefeitura do Município de Londrina. Secretaria Municipal de Cultura. **Bibliotecas**. (2019) Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/bibliotecas>. Acesso em: 10 mai. 2020.

LONDRINA. (PR). Prefeitura do Município de Londrina. Secretaria Municipal de Cultura. **Londrina Cultural**. (2020a) Disponível em: <https://londrinacultura.londrina.pr.gov.br>. Acesso 05 jun. 2020.

LONDRINA, (PR). Prefeitura Municipal de Londrina. **Boletim informativo do Coronavírus**. (2020b). Disponível em <https://www.londrina.pr.gov.br/> Acesso em 20 dez 2020.

LONDRINA. (PR). Secretaria Municipal de Educação. **Educação em tempos de COVID-19. (2020c)**. Disponível em: <https://www.londrina.pr.gov.br/educacao-e-a-covid-19> Acesso dez 2020.

LUKÁCS, György. **Ensaio sobre literatura**. Coordenação de Leandro Konder. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.

LUKÁCS, György. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a categoria da particularidade. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARIN, Alda Junqueira. **Educação continuada**: introdução a uma análise de termos e concepções. 2019. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/337800954\\_TEXTOS\\_DE\\_ALDA\\_JUNQUEIRA\\_MARIN\\_PROFESSORA](https://www.researchgate.net/publication/337800954_TEXTOS_DE_ALDA_JUNQUEIRA_MARIN_PROFESSORA) Acesso em: 02 dez. 2020.

MARINO FILHO, Armando. **A atividade de estudo no ensino fundamental: necessidade e motivação**. 236 f. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Marília.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar**: eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer pedagógico. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTINS, Lígia Márcia. A internalização de signos como intermediação entre a psicologia histórico cultural e a pedagogia histórico-crítica. IN: BARBOSA, Maria V.; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral. **Teoria Histórico-Cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl Heinrich. **O capital: Crítica da economia política**. Livro 1: O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. Boitempo Editorial, 2011.

MEDEIROS, Valéria da Silva; DE ALMEIDA, Núbia Régia; VAS, Braz Batista. Do INL à digitalização de acervos: breve panorama da biblioteca pública no Brasil. **EntreLetras**, v. 5, n. 1, 2014.

MELLO, Ana Carolina de Azevedo. **Bibliotecas públicas e escolares da cidade de Cornélio Procópio-PR: desafios dos mediadores de leitura para a formação de leitores**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2016.

MESQUITA, Silvana. Os resultados do Ideb no cotidiano escolar. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.** Rio de Janeiro, v.20, n.76, p. 587-606, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v20n76/09.pdf>.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MILLER, Stella. Atividade de estudo: especificidades e possibilidades educativas. In: PUENTES, Roberto Valdés; MELLO, Suely Amaral (Org.) **Teoria da atividade de estudo: livro II: contribuições de pesquisadores brasileiros**. Uberlândia: EDUFU, 2019.

MIRIM. In: **MICHAELIS, Dicionário Online**. (2019) Disponível em [www.uol.com.br/michaelis](http://www.uol.com.br/michaelis) Acesso em 2 nov. 2019.

MORAES, Dirce Aparecida F. **Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem**. Estudos em Avaliação Educacional. v.22, p.233-258, 2011. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/1975/1951>

MORAES, Rubens Borba de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. 2.ed. Brasília: ABDF, 1983.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular. 2011.

OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo de. **A mediação em projetos de incentivo à leitura**: a apropriação da informação para construção do conhecimento e do pensamento crítico. Dissertação de Mestrado (Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Marília, 2015.

OLIVEIRA, João Batista Araujo e. Cartilhas de alfabetização: a redescoberta do Código Alfabético. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 18, n. 69, p. 669-709, 2010.

ORIÁ, Ricardo. Bibliotecas escolares no Brasil: uma análise da aplicação da Lei nº 12.244/2010. **Brasília: Câmara dos Deputados**, 2017. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/34382>. Acesso em: 8 nov. 2019.

PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andréa. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, v. 20, n. 1, p. 173-188, 2009.

PARANÁ. SEED - Secretaria de Estado da Educação. **Contexto histórico, autores e obras do Realismo**. Curitiba: Seed, 2008. Disponível em <http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=269> Acesso em 07 set 2020.

PARANÁ. Justiça Federal - 15ª Vara Federal de Curitiba. **Município de Londrina consegue anulação de multa imposta pelo Conselho de Biblioteconomia**. (2020) Disponível em: <https://www.jfpr.jus.br/tag/15a-vara-federal-de-curitiba/> Acesso 08 out. 2020.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PRESTES, Zoia; Elizabeth R.; TUNES, Elizabeth. **7 Aulas de L.S. Vigotski**: sobre os fundamentos da pedologia. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Cultura Letrada no Brasil Colonial: bibliotecas, livros e leitura. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, p. 89-104, 2017.

RIBEIRO, Alexsander Borges. **Bibliotecas públicas do Brasil**: passado, presente e futuro. 2008.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira; MARIN, Alda Junqueira. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1203-1225, 2004.

SANTOS, Lorena Alves. **A biblioteca escolar e a literatura no processo de ensino da leitura para alunos do 3º ano do ensino fundamental**. Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. 2009. V.14, n. 40. p. 143-155.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Demerval. O Conceito Dialético de Mediação na Pedagogia Histórico-Crítica em Intermediação com a Psicologia Histórico-Cultural. BARBOSA, Maria V.; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral. **Teoria Histórico-Cultural**: questões fundamentais para a educação escolar. Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 43. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

SAVIANI, Demerval. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação—o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, v. 10, p. e020063-e020063, 2020.

SILÊNCIO. In: **MICHAELIS, Dicionário Online**. (2019). Disponível em: [www.uol.com.br/michaelis](http://www.uol.com.br/michaelis) Acesso em: 2 nov. 2019.

SILVA, Erikson Rodrigues. **A leitura no espaço escolar**: O caso da biblioteca Professor Ignácio Rangel. Monografia - (Especialização). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 8. Ed. Campinas: Editora Papirus, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Greice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. **O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária**. 2012. Álabe 6. [[www.revistaalabe.com](http://www.revistaalabe.com)] (Recebido 06-02-2012; aceitado 20-10-2012).

SILVA, Paulo Demetrio Pomares da. **O “projeto sala de leitura” e a formação de leitores em uma escola pública da cidade de Belém-Pará**. Dissertação de Mestrado (Educação) Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SILVA, Rovilson José da. **A leitura literária nas 3ª e 4ª séries do ensino fundamental do município de Londrina**. 2001. 219f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina**: formação e atuação. 2006. 231f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

SILVA, Rovilson José da. Leitura, biblioteca e política de formação de leitores no Brasil. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 3, n. 2, p. 75-92, 2009.

SILVA, Rovilson José da. Leitores e biblioteca escolar: do período Neolítico ao Homo Sapiens Sapiens. **Ensino em Re-Vista**, 2013.

SILVA, Rovilson José da; ARAÚJO, Leda Maria de. História das bibliotecas escolares em Londrina. **Informação@Profissões**, v. 3, n. 1-2, p. 01-20, 2014.

SILVA, Silvana Silva da. “**Sobre os ombros de gigantes, as nossas crianças crescem**”: a mediação de leitura no cenário da biblioteca escolar. TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). *Escolarização da leitura literária*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. (2008). **Literatura infantil e juvenil**: seleção de livros e textos, justificativas das escolhas sob o olhar do professor do Ensino fundamental. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, 64-70, abr./jun. 2008.

SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. Educação literária e formação de leitores: da leitura *em si* para leitura *para si*. **Ensino Em Re-Vista**, v. 19, n. 1, jan./jun. 2012.

SOUZA, Solange da Silva. **A importância da biblioteca escolar na formação de leitores**. Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Federal do Pará. Belém, 2019.

SPIRKINE, Aleksandr Georgievich; YAKHOT, O. **Princípios do materialismo histórico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria marxista da Educação**. Tradução de Jason Ferreira Mafra, Lutgardes Costa Freire e Denise Henrique Mafra. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

TEIXEIRA, Ana Claudia Costa de Aquino. **Tempo para o letramento literário**: uma proposta de leitura na biblioteca escolar. TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2016.

UEL – Universidade Estadual de Londrina. Departamento da Ciência da Informação. **Graduação em Biblioteconomia**. (2020) Londrina/PR. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/cin/pages/biblioteconomia.php> Acesso em: 10 dez. 2020.

UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo da Vinci. **Graduação**. (2020) Disponível em: <https://portal.uniasselvi.com.br> Acesso em: 10 dez. 2020.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. Rio de Janeiro: Alves & Cia, 1916.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV** - Psicología Infantil. Aprendizaje. Madrid: Visor. Online, 1984.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Formação Social da mente**. São Paulo, SP: Martins Editora, 1991.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Obras Escogidas** - Tomo II. Madri: Visor e MEC. 1993.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância**. Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Preste. São Paulo: Ática, 2009.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Idealizador e Coordenação)



Universidade Estadual de Londrina  
Centro de Educação, Comunicação e Artes  
Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### **PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES:*** Um “Emplasto” de Democratização do Ato de Ler

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa “**PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES:*** Um “Emplasto” de Democratização do Ato De Ler”, constituindo-se na dissertação de mestrado em educação da pesquisadora Aline Jéssica Vilas Boas Soares Bernardes, aluna regular do 1º ano do programa de pós-graduação em educação da Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da professora Dra. Sandra Aparecida Pires Franco. O objetivo geral da pesquisa é de analisar nas bases das categorias dialéticas fenômeno e essência o desenvolvimento do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* nas BEs - bibliotecas escolares do município de Londrina. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: responder uma entrevista da pesquisadora acerca dos seus estudos nas formações do palavras andantes na concepção de leitores mirins, com o registro escrito e em áudio.

Essa entrevista tem como foco identificar a influência da Formação Continuada de professores do Projeto de Leitura Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes, na atuação do professor bibliotecário, frequência em que acontecem os estudos, o público-alvo, potencialidades e fragilidades da proposta, participação dos educadores e o objetivo dessas proposições de estudo. O descarte de todos os registros será feito com toda discrição sem que haja qualquer exposição, identificação dos participantes. Os papéis serão guardados por no mínimo cinco anos após o término da pesquisa e incinerados posteriormente. As gravações e anotações, serão usadas apenas com finalidade da pesquisa. Serão arquivadas com todo o sigilo descartados, excluídos no mesmo prazo dos documentos, sob total responsabilidade da pesquisadora. Os itens da entrevista serão utilizados na dissertação, a fim de corroborar com a revisão de literatura da pesquisa e para bem identificar as propostas da instrução do Palavras Andantes no desenvolvimento de leitores mirins no município de Londrina.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e referentes especificamente de sua participação. Os benefícios esperados são de contribuir com o processo formativo das escolas no âmbito da leitura, chamando a atenção e conscientizando os órgãos responsáveis e os educadores acerca da importância dessa instrução constante na concepção de leitores mirins no ato de ler bem como, a extensão da formação do Palavras Andantes a todos os professores da rede municipal.

Quanto aos riscos, podem conter riscos conhecidos como potenciais, contudo, trata-se apenas de uma entrevista, envolvendo lápis, papéis e gravador. A pesquisadora irá garantir que possíveis danos como: constrangimento, qualquer sentimento de intimidação ou incômodo sejam evitados e caso haja qualquer situação, a mesma estará disposta a auxiliar no que for necessário, tomando as devidas providências como, por exemplo, assistência psicológica e de indenização por dano decorrente da pesquisa. A investigação será interrompida a qualquer momento, mediante a quaisquer danos ao participante.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (Pesquisadora: **Aline Jéssica Vilas Boas Soares Bernardes**. Endereço: **Rua Willie Davids, 1455 – Apto 104-C Rolândia-PR**. Telefone: **(43) 99121 0035**. Endereço eletrônico: [vilasboas\\_aline@hotmail.com](mailto:vilasboas_aline@hotmail.com) sobre a orientação da Prof.<sup>a</sup> **Dra. Sandra Aparecida Pires Franco**. Telefone: **(43) 99960 8101**. Endereço eletrônico: [sandrafranco26@hotmail.com](mailto:sandrafranco26@hotmail.com)) ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: [cep268@uel.br](mailto:cep268@uel.br).

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_  
Aline Jéssica Vilas Boas Soares Bernardes  
RG: 9.202.648 5

\_\_\_\_\_ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (PROBs)



Universidade Estadual de Londrina  
Centro de Educação, Comunicação e Artes  
Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES*: Um “Emplasto” de Democratização do Ato de Ler

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidar os professores bibliotecários(as) para participarem da pesquisa “**PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES***: Um “Emplasto” de Democratização do Ato De Ler” constituindo-se na dissertação de Mestrado em Educação da pesquisadora Aline Jéssica Vilas Boas Soares Bernardes, aluna regular do 1º ano do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Professora Dra. Sandra Aparecida Pires Franco. O objetivo da pesquisa o objetivo geral da pesquisa é de analisar nas bases das categorias dialéticas fenômeno e essência o desenvolvimento do projeto de leitura *Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes* nas BEs - bibliotecas escolares do município de Londrina. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: responder uma entrevista da pesquisadora acerca dos seus estudos nas formações do Palavras Andantes e a sua atuação na biblioteca escolar na concepção de leitores mirins, com o registro escrito e em áudio.

Essa entrevista tem como foco identificar a influência da Formação Continuada de professores do Projeto de Leitura Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes, na atuação do professor bibliotecário, frequência em que acontecem os estudos, o público-alvo, potencialidades e fragilidades da proposta, participação dos educadores e o objetivo dessas proposições de estudo. O descarte de todos os registros será feito com toda discrição sem que haja qualquer exposição, identificação dos participantes. Os papéis serão guardados por no mínimo cinco anos após o término da pesquisa e incinerados posteriormente. As gravações e anotações, serão usadas apenas com finalidade da pesquisa. Serão arquivadas com todo o sigilo descartados, excluídos no mesmo prazo dos documentos, sob total responsabilidade da pesquisadora. Os itens da entrevista serão utilizados na dissertação, a fim de corroborar com a revisão de literatura da pesquisa e para bem identificar as propostas da instrução do Palavras Andantes no desenvolvimento de leitores mirins no município de Londrina.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e referentes especificamente de sua participação. Os benefícios esperados são de contribuir com o processo formativo das escolas no âmbito da leitura, chamando a atenção e conscientizando os órgãos responsáveis e os educadores acerca da importância dessa instrução constante na concepção de leitores mirins no ato de ler bem como, a extensão da formação do Palavras Andantes a todos os professores da rede municipal.

Quanto aos riscos, podem conter riscos conhecidos como potenciais, contudo, trata-se apenas de uma entrevista, envolvendo lápis, papéis e gravador. A pesquisadora irá garantir que possíveis danos como: constrangimento, qualquer sentimento de intimidação ou incômodo sejam evitados e caso haja qualquer situação, a mesma estará disposta a auxiliar no que for necessário, tomando as devidas providências como, por exemplo, assistência psicológica e de indenização por dano decorrente da pesquisa. A investigação será interrompida a qualquer momento, mediante a quaisquer danos ao participante.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (**Pesquisadora: Aline Jéssica Vilas Boas Soares Bernardes. Endereço: Rua Willie Davids, 1455 – Apto 104-C Rolândia-PR. Telefone: (43) 99121 0035. Endereço eletrônico:**

[vilasboas\\_aline@hotmail.com](mailto:vilasboas_aline@hotmail.com) sobre a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Aparecida Pires Franco. Telefone: (43) 99960 8101. Endereço eletrônico: [sandrafranco26@hotmail.com](mailto:sandrafranco26@hotmail.com) ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: [cep268@uel.br](mailto:cep268@uel.br).

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.  
Aline Jéssica Vilas Boas Soares Bernardes  
RG: 9.202.648 5

\_\_\_\_\_ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE – C

Roteiro da Entrevista com idealizador do *Palavras Andantes*



**Universidade Estadual de Londrina**  
Centro de Educação, Comunicação e Artes  
Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação



### **PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES:*** Um “Emplasto” de Democratização do Ato de Ler

#### **ENTREVISTA COM O IDEALIZADOR DO PROJETO**

Prezado(a) Professor(a):

Responda com toda a sinceridade as questões. Suas respostas serão imprescindíveis no desenvolvimento da pesquisa proposta. Lembrando que todos os dados coletados serão sigilosos, apenas para o uso da pesquisadora. O nome da instituição e dos participantes não serão divulgados na dissertação. Obrigada pela participação.

1. Por que e quando o projeto Palavras Andantes foi criado?
2. A ideia inicial do projeto se manteve? Quais as alterações significativas?
3. Quais são os objetivos das formações e de seu desenvolvimento na formação de leitores mirins?
4. Quais são os aspectos positivos do programa? Existem metas estabelecidas a serem atingidas?
5. Quais os resultados do projeto ao longo dos anos, em que vem sendo desenvolvido? Há estudos/avaliações que apontam os frutos do programa?
6. Diante da longa duração do programa, muitos alunos já são adultos. Você acredita que esses sujeitos são leitores que exercem o ato de ler hoje? Por quê?
7. Existem necessidades/fragilidades que precisam ser sanadas para melhorar o trabalho com o projeto Palavras Andantes?
8. O projeto visa um trabalho que ressalta a importância da afetividade na concepção de leitores mirins? Caso afirmativo, de que forma.

## APÊNDICE – D

Roteiro da Entrevista com a coordenadora do *Palavras Andantes*



**Universidade Estadual de Londrina**  
 Centro de Educação, Comunicação e Artes  
 Departamento de Educação  
 Programa de Pós-Graduação em Educação



### PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES:*

Um “Emplasto” de Democratização do Ato de Ler

#### ENTREVISTA A COORDENADORA PALAVRAS ANDANTES

Prezado(a):

Responda com toda a sinceridade as questões. Suas respostas serão imprescindíveis no desenvolvimento da pesquisa proposta. Lembrando que todos os dados coletados serão sigilosos, apenas para o uso da pesquisadora. O nome da instituição e dos participantes não serão divulgados na dissertação. Obrigada pela participação.

1. Há um trabalho de acompanhamento dos profissionais da biblioteca em sua prática nas escolas? De que forma?
2. Quais são as principais pautas das formações?
  - ( ) Práticas de contação de história
  - ( ) Recomendações de materiais para a leitura
  - ( ) Organização pedagógica da biblioteca
3. Quais são os objetivos do Projeto de Leitura Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes?
4. Quais são os aspectos positivos do Palavras Andantes? Existem metas estabelecidas a serem atingidas?
5. Quais os resultados do projeto ao longo dos anos, em que vem sendo desenvolvido? Há estudos/avaliações que apontam os frutos do programa?
6. Diante da longa duração do programa, muitos alunos já são adultos. Você acredita que esses sujeitos são leitores que exercem o ato de ler hoje? Por quê?
7. Existem necessidades/fragilidades que precisam ser sanadas para melhorar o trabalho com o projeto Palavras Andantes?
8. O projeto visa um trabalho que ressalta a importância da afetividade na concepção de leitores mirins? Caso afirmativo, de que forma.
9. Como funcionam As Formações Continuadas do Palavras Andantes:
  - a. Delimitações dos temas de estudos: \_\_\_\_\_
  - b. Quem aplica os estudos: \_\_\_\_\_
  - c. Frequência dos cursos: \_\_\_\_\_

- d. Participação (obrigatória): \_\_\_\_\_
- e. Tipos de atividades: contação, incentivo à leitura, que sujeito leitor pretende-se formar com as proposições da formação: \_\_\_\_\_

10. Sobre o projeto Palavras Andantes:

- a. Todas as escolas de Londrina participam? \_\_\_\_\_
- b. Há quanto tempo você está à frente do projeto? \_\_\_\_\_
- c. Todas as escolas têm biblioteca? \_\_\_\_\_

Explique sobre as organizações desses espaços. \_\_\_\_\_

- d. Os acervos das escolas são atualizados, possuem bons materiais de leitura?

\_\_\_\_\_

e. Recebem materiais novos com frequência? Compram, ganham, solicitam da Secretaria com assiduidade? \_\_\_\_\_

**APÊNDICE – E**Roteiro da Entrevista com as PROBs do *Palavras Andantes*

**Universidade Estadual de Londrina**  
 Centro de Educação, Comunicação e Artes  
 Departamento de Educação  
 Programa de Pós-Graduação em Educação



**PROJETO DE LEITURA *BIBLIOTECAS ESCOLARES: PALAVRAS ANDANTES:***  
 Um “Emplasto” de Democratização do Ato de Ler

**ENTREVISTA COM AS PROBs**

Prezado(a):

Responda com toda a sinceridade as questões. Suas respostas serão imprescindíveis no desenvolvimento da pesquisa proposta. Lembrando que todos os dados coletados serão sigilosos, apenas para o uso da pesquisadora. O nome da instituição e dos participantes não serão divulgados na dissertação. Obrigada pela participação.

1. Sobre a sua formação, responda:

Tempo de docência: \_\_\_\_\_ Tempo que atua na biblioteca: \_\_\_\_\_

Graduação em \_\_\_\_\_

 Especialização em: \_\_\_\_\_  Mestrado  Doutorado Outro. Qual? \_\_\_\_\_2. Você gosta de ler?  SIM  NÃO

3. Você participa de todas as Formações do Palavras Andantes? Explique sua experiência nesses estudos. Caso não, explicar o que implica nessa atitude.

4. Você conhece com clareza os objetivos e metas do projeto Palavras Andantes? Explique.

5. Em sua opinião, as formações capacitam o seu trabalho na concepção de leitores mirins? Explique por que sim ou não de sua resposta.

6. Sobre o projeto Palavras Andantes:

a. Desde quando a escola participa? \_\_\_\_\_

b. A escola sempre teve biblioteca? \_\_\_\_\_

Explique sobre a organização desse espaço. \_\_\_\_\_

---

c. Como está o acervo: é atualizado, possui bons materiais de leitura?

---

d. Recebem materiais novos com frequência? Compram, ganham, solicitam da Secretaria com assiduidade? \_\_\_\_\_

---

e. Por que você atua na biblioteca? (Escolha, questões de saúde e falta de opção) \_\_\_\_\_

7. Você estabelece uma relação de afetividade com os seus alunos? Você acredita que tal relação influencia as práticas de leitura deles? Explique se sua atitude está diretamente relacionada as formações do Palavras Andantes.

8. Como acontece a participação dos alunos nas atividades relacionadas ao projeto Palavras Andantes?

9. Quais são os aspectos positivos do Palavras Andantes?

10. Existem necessidades/fragilidades que precisam ser sanadas para melhorar o trabalho com o projeto Palavras Andantes?